

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ**

ITALO SHERLOCK
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa – Memória de Manguinhos II

Entrevistado – Italo Sherlock (IS)

Entrevistadores – Wanda Hamilton (WH) e Simone Kropf (SK)

Data – 10/04/2000

Local – Sem informação

Duração – 4h43min

Responsável pela transcrição – Suely Niemeyer Lamarão de Barros

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

SHERLOCK, Italo. *Italo Sherlock. Entrevista de história oral concedida ao projeto Memória de Manguinhos II*, 2000. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 127p.

Sumário

Fita 1

Considerações sobre o local de nascimento e origem familiar; as áreas de atuação de seu pai; o *hobby* pessoal em desenho e pintura; o despertar da carreira de pesquisador entomologista ainda quando garoto; considerações sobre a criação de seu museu particular de história natural; seus irmãos e a história familiar; a profissão de sua mãe; os estudos no Ginásio Sobralense; referência aos destaques culturais da cidade de Sobral, no Estado do Ceará; a tendência para os estudos em ciências naturais; referência à visita dos professores Samuel Pessoa, Leônidas Deane e Maria Deane à cidade de Sobral na campanha da leishmaniose em 1952; o entusiasmo dos professores Samuel Pessoa, Leônidas Deane e Maria Deane com o museu de história natural e o convite, aos dezesseis anos, para trabalhar na campanha contra a leishmaniose; a iniciação de seus primeiros estudos em ciências e entomologia com o professor Arquibaldo Galvão; considerações sobre o trabalho de levantamento entomológico feito para os Deane na cidade de Sobral; a ida para São Paulo com os Deane e o curso de entomologia realizado na Faculdade de Higiene e Saúde Pública da Universidade de São Paulo; a ida para o Rio de Janeiro; o estágio no Instituto Oswaldo Cruz e aproximação com o professor Herman Lent e Hugo Lopes; o término do curso de entomologia na Faculdade de São Paulo e o quadro de professores do curso; a nomeação, aos vinte anos, como “Conselheiro da Sociedade Brasileira de Entomologia”; o estágio no laboratório do Dr. Herman Lent, no Instituto Oswaldo Cruz; o convite de Otávio Mangabeira Filho para trabalhar na Bahia; o Dr. Deane como “modelo” profissional; considerações sobre suas perspectivas em fazer ciência; o incentivo de Otávio Mangabeira Filho aos seus estudos na Faculdade de Medicina da Bahia; referência ao trabalho como bolsista de iniciação científica (CNPq) do IOC; perfil profissional de Amilcar Viana Martins; referência aos trabalhos que desenvolveu sobre flebótomos; considerações sobre sua trajetória profissional; os trabalhos desenvolvidos com o Dr. Otávio Mangabeira Filho; o perfil de Otávio Mangabeira Filho; a criação da Fundação Gonçalo Moniz; breve referência aos problemas enfrentados por Otávio Mangabeira Filho após a criação da Fundação Gonçalo Moniz; a criação do Centro de Pesquisa da Bahia; a morte de Otávio Mangabeira Filho e a ocupação do cargo de diretor do Centro de Pesquisa da Bahia (Centro de Pesquisa Gonçalo Moniz); os desafios enfrentados como diretor do Centro de Pesquisa; o vínculo do Centro de Pesquisa com outras instituições; os objetivos do Centro de Pesquisa Gonçalo Moniz; considerações sobre o perfil profissional de Otávio Mangabeira Filho; os estudos realizados por Otávio Mangabeira Filho acerca do vetor da leishmaniose; a proveniência dos recursos do Centro de Pesquisa Gonçalo Moniz; o quadro de pesquisadores do Centro de Pesquisa Gonçalo Moniz; as verbas do Centro de Pesquisa Gonçalo Moniz; as perspectivas do Centro de Pesquisas após a morte do Dr. Otávio Mangabeira Filho; considerações sobre sua incorporação no quadro de pesquisadores do Instituto Oswaldo Cruz; a admiração por Samuel Pessoa; as demandas em pesquisa do Centro de Pesquisa Gonçalo Moniz; referência aos trabalhos publicados em colaboração com Otávio Mangabeira Filho; considerações sobre a falta que sentiu do Dr. Mangabeira após o seu falecimento; a transferência do Centro de Pesquisas Gonçalo Moniz para o INERu; o incentivo de Samuel Pessoa para que ingressasse na especialização em otorrinolaringologia; os testes realizados para ingressar na especialização em otorrinolaringologia.

Fita 2

Considerações sobre o ingresso no curso de otorrinolaringologia e seu trabalho em sua clínica particular; referência ao trabalho realizado como médico contratado da Marinha; ausência de militância política; a admiração por Samuel Pessoa; considerações sobre o período em que o Dr. Samuel Pessoa e sua esposa ficaram escondidos em sua casa; considerações sobre a transferência do Núcleo de Pesquisas em consequência da tomada do prédio pelo DENERu; referência à falta de instalação do Centro de Pesquisas em sua sede permanente como um dos impecílios para o desenvolvimento do Centro de Pesquisa; as decepções acumuladas em incertezas devido às peregrinações do Centro de Pesquisa por diversas sedes; os conflitos enfrentados pelo Centro de Pesquisa; os motivos do afastamento de Otávio Mangabeira Filho da Fundação Gonçalo Moniz e a criação do Centro de Pesquisas Gonçalo Moniz; os problemas enfrentados pelo Centro de Pesquisa após a morte do Dr. Mangabeira Filho; menção à sua premiação com a medalha Gerhard Domack, concedida pelo Laboratório Bayer; o sacrifício em manter o Centro de Pesquisas após a morte do Dr. Mangabeira Filho; a orientação das pesquisas durante os seus dezoito anos de chefia no Centro de Pesquisas Gonçalo Moniz; a sua dedicação aos estudos em leishmaniose; a participação do Centro de Pesquisas no inquérito nacional sobre doença de Chagas; considerações sobre as experiências adquiridas na Faculdade de Medicina da Bahia; o desejo em se espelhar, na época de estudante, em pesquisadores como o Dr. Deane, Samuel Pessoa e Otávio Mangabeira Filho; as cátedras da Faculdade de Medicina da Bahia; o apoio e incentivo do Dr. Mangabeira Filho em sua época de estudante de medicina; as matérias com que mais se identificou na faculdade de medicina; considerações sobre o perfil de Otávio Mangabeira Filho; as colaborações de Otávio Mangabeira Filho na universidade; o estatuto da Fundação Gonçalo Moniz, criada pelo Dr. Mangabeira Filho; breve histórico sobre a vida de Gonçalo Moniz; a origem do Centro de Pesquisa Gonçalo Moniz; as áreas de maior destaque na Faculdade de Medicina; a bolsa concedida pela *Kellogg's Foundation* para o desenvolvimento de um projeto, ainda como estudante de medicina; a atuação de Edgar Santos como Reitor da Faculdade de Medicina da Bahia; referência ao projeto que desenvolveu como bolsista da *Kellogg's Foundation*; os programas de controle para doença de Chagas no Estado da Bahia, em sua época de estudante de medicina, e sua participação em alguns destes projetos; referência ao trabalho do Dr. Mangabeira Filho sobre doença de Chagas; os contatos que teve com os grupos de pesquisadores que se dedicavam ao estudo da doença de Chagas; breve referência às dificuldades financeiras que teve em sua época de medicina e após a morte do Dr. Otávio Mangabeira Filho.

Fita 3

Considerações sobre sua época de estudante na Faculdade de Medicina da Bahia; o curso de entomologia realizado na Faculdade de Higiene e Saúde Pública da Universidade de São Paulo; referência às dificuldades financeiras de sua família para ajudá-lo no estudos; o convênio estabelecido, entre o Centro de Pesquisas e a *Harvard School* no período em que esteve como diretor do Centro de Pesquisas; breve referência aos cursos de especialização feitos após a conclusão da Faculdade de Medicina; os pesquisadores da *Harvard School* que desenvolveram projetos no Centro de Pesquisas; o trabalho sobre os barbeiros da Bahia publicado com o cientista da *Harvard School* Phillip Mardsden; o encantamento dos cientistas

da *Harvard School* com o tema das doenças tropicais; a dificuldade em manter os pesquisadores no Centro de Pesquisas no período de 1964 até 1970; referência à sua família, esposa e filhos; a vocação da esposa em cuidar da casa; a relação do Centro de Pesquisas Gonçalo Moniz com as Universidades fora do Brasil; os problemas enfrentados com a falta de instalação do Centro de Pesquisas; considerações sobre sua viagem à *London School* na década de 1970; as experiências adquiridas nas viagens para instituições da Inglaterra; breve referência a origem de seu sobrenome “Sherlock “; as relações com os institutos de pesquisa da Inglaterra e os pesquisadores com quem manteve contato; as experiências adquiridas na viagem à *London School*; breve referência aos pesquisadores estrangeiros que se instalaram no Centro de Pesquisas Gonçalo Moniz para desenvolverem seus projetos; menção ao trabalho do Dr. Kenneth Mott e sua importante atuação no Centro de Pesquisas como intermediador entre a *Harvard School*; os projetos do Centro de Pesquisas desenvolvidos em colaboração com institutos estrangeiros; o trabalho sobre doença de Chagas no interior da Bahia e o acordo com a *Harvard School*; o interesse dos pesquisadores estrangeiros na área de medicina tropical; o término das colaborações entre o Centro de Pesquisa e os institutos estrangeiros quando sai da direção do Centro de Pesquisas Gonçalo Moniz; os recursos mobilizados para o desenvolvimento do projeto em parceria com a *Harvard School* e as verbas destinadas ao Centro de Pesquisas; breve comentário sobre o desperdício na compra de aparelhos dentro das instituições; considerações acerca das mudanças ocorridas no Centro de Pesquisas em decorrência de sua integração à Fiocruz; as especialidades estabelecidas pelo Dr. Mangabeira Filho no Centro de Pesquisas Gonçalo Moniz; as demandas em pesquisa aplicada do Centro de Pesquisa Gonçalo Moniz; referência ao modelo ideal de pesquisadores na visão do Dr. Otávio Mangabeira Filho; os intercâmbios do Centro de pesquisas com outros institutos do Nordeste; o Centro de Pesquisa como pólo de atração de pesquisas na Região Nordeste; a atuação de Aluizio Prata no Centro de Pesquisas; descrição das pesquisas aplicadas desenvolvidas pelo Centro de Pesquisas; referência às dificuldades do centro de pesquisas após a sua incorporação à Fundação Oswaldo Cruz; os motivos que levaram à extinção da Fundação Gonçalo Moniz; as grandes dificuldades em manter a sede do Centro de Pesquisas em um local fixo; os pesquisadores que pediram demissão do Centro de Pesquisas em decorrência da crise pela qual estava passando; o convênio estabelecido com a Escola Nacional de Saúde Pública para a montagem de cursos regionalizados.

Fita 4

Referência à sua opção de passar de estatutário para CLT na Fiocruz; as razões por sua opção por CLT; a repercussão do prêmio Gerhard Domack que recebeu; a visita do presidente Ernesto Geisel à Fiocruz; a indicação do Dr. Aluizio Prata e do Dr. Zilton Andrade para serem membros do Conselho Científico Tecnológico na Bahia; os primeiros contatos do Dr. Zilton Andrade com o Centro de Pesquisas Gonçalo Moniz através do Conselho Científico Tecnológico; considerações sobre o seu grande ressentimento com o Dr. Zilton Andrade; perfil profissional do Dr. Zilton Andrade considerações sobre as negociações acerca das instalações do Centro de Pesquisas; a interferência de Antônio Carlos Magalhães nas negociações do terreno de Centro de Pesquisas Gonçalo Moniz; a gestão de Vinícius da Fonseca na presidência da Fiocruz; a assinatura do comodato como garantia das instalações físicas do Centro de Pesquisas; referência a seu afastamento do Centro de Pesquisas em 1980 e a nomeação do Dr. Zilton Andrade; referência às dificuldades do Centro de Pesquisas após o

falecimento do Dr. Otávio Mangabeira Filho; os trabalhos realizados pelo Centro de Pesquisas Gonçalo Moniz na gestão do Dr. Vinícius da Fonseca como presidente da Fiocruz; as dificuldades do Centro de Pesquisas no período em que ficou incorporado ao DENERu; referência a incorporação do INERu pela Fiocruz e as esperanças de prosperidade; a situação do Centro de Pesquisas após a incorporação com a Fiocruz; considerações sobre o seu período de gestão extra-oficial no Centro de Pesquisas; a nomeação do Dr. Zilton Andrade como diretor do Centro de Pesquisas Gonçalo Moniz; o desgaste pessoal perante as dificuldades porque passou o Centro de Pesquisas Gonçalo Moniz; referência ao ressentimento pessoal com o Dr. Zilton Andrade; as decepções que considera ter sofrido na gestão de Zilton Andrade e Moyses Sadigurksy como diretores do Centro de Pesquisas Gonçalo Moniz; breve referência ao perfil profissional do Dr. Zilton Andrade; referência ao desenvolvimento atual de seu trabalho; o estudo atual sobre a interação do hospedeiro e vetor nas doenças parasitológicas; o doutorado em Biologia Parasitária; a perda de alguns funcionários de seu laboratório; descrição de alguns trabalhos sobre vetores de doenças parasitárias que possui para publicação; considerações sobre os projetos desenvolvidos para o PAPES e para o CNPq; sua dedicação e pioneirismo ao estudo da leishmaniose no Brasil; a decepção pessoal por nunca ter sido convidado para os projetos do PRONEX; a aprovação do projeto sobre doenças reemergentes no Brasil pelo CNPq; os estudos sobre leishmaniose visceral realizado por sua equipe; as hipóteses de trabalho sobre leishmaniose e o trabalho sobre doença de Chagas; referência à colônia de flebótomos que possui o laboratório; o convite para ser, em 2002, presidente do Simpósio Internacional de Flebótomos; breve avaliação sobre a área de estudos e doenças parasitárias no Brasil; a utilização de técnicas de biologia molecular nas pesquisas de seu laboratório; a situação do controle da doença de Chagas na Bahia; a colaboração de pesquisadores e instituições no projeto sobre leishmaniose.

Fita 5

Referência aos trabalhos desenvolvidos por sua equipe de pesquisa; opinião pessoal de que as perseguições que sofre ou sofreu não possui fundamentos; considerações sobre o descaso que um pesquisador sofre; o trabalho em seu consultório particular; o gosto pelo trabalho no Centro de Pesquisas Gonçalo Moniz; os cursos e conferências que ministra na Faculdade de Medicina; os motivos pelos quais deixou de ser assistente de otorrinolaringologia na Universidade.

Data: 10/04/2000

Fita 1 – Lado A

WH- Hoje, duas e meia da tarde (*ri*), na Bahia, aqui no Centro de Pesquisa Gonçalo Moniz, a nossa entrevista é com o Dr. Italo Sherlock. Simone Kropf e Wanda Hamilton que estão entrevistando para a casa de Oswaldo Cruz. Dr. Italo, a gente gostaria de começar essa entrevista do começo, que o sr nos contasse aonde o sr. nasceu, quando o sr. nasceu e nos contasse um pouco sobre o seu pai, da sua mãe e da sua infância. Nos desse assim, um panorama da época em que o sr. era criança.

IS- Claro que eu sou. Nasci numa cidadezinha chamada Sobral, no Estado do Ceará. Uma cidade do interior. E diz a tradição lá de que é uma cidade de cultura diferente das outras cidades do Ceará, onde o pessoal, inclusive, estudava na Europa, viu. E tem algumas pessoas, vamos dizer, que são imigrantes que vieram até de outros países e tudo. Inclusive os meus avós maternos que são portugueses e tal.

WH- E como é que eles se instalaram em Sobral?

IS- Lá em Sobral, segundo a história que eu procuro ver, tinha produção de charque, de charqueadas. Eles lá descobriram devido ao clima que é muito seco e muito ensolarado, tornava-se fácil fazerem a preparação de carnes para vender aos navios que necessitavam de proteínas para atravessar o Atlântico e tal, etc, não é? Isso aí enriqueceu muita gente lá no sertão nordestino, lá no Ceará que se ligava com portos de Aracati e portos de Camocim, com o rio Acaraú, que desembocava no Atlântico. Isso aí facilitava o transporte desse charque para a Europa e tal, etc. (*tosse*) Minha voz é assim mesmo.

WH- Seu avô materno trabalhava com isso?

IS- Não. O meu avô... as famílias de lá. Então o meu avô... Você me perguntou como é que apareceu esse pessoal lá. Então, nós somos descendentes desses, família Rodrigues Souza Teixeira. Eh... meu nome tem Rodrigues. São os fundadores do Ceará, não é, pelo lado da minha mãe. Também famílias vindo da Bahia para lá, foram para lá também. Porque o Ceará foi mais composto assim. E de estrangeiros como por exemplo esse... meu avô materno, ele era português legítimo, era de Albuquerque. Já do meu lado paterno, a gente não sabe muito a não ser que a minha avó era provavelmente uma índia legítima e casou-se com um forasteiro que seria o meu avô, que a gente não sabe muito da onde ele veio. Isso é o que (*ri*) a gente conseguiu captar.

SK- Mas esse seu avô materno que o sr. falou, que era português, ele trabalhava com o quê? Qual era a atividade?

IS- Olha, ele provavelmente era comerciante, não é?

SK- Comerciante.

IS- Eu também não sei muito. O povo...

SK- Trabalhava com o comércio.

IS- É. O povo lá do sertão, eles não ligavam muito para essa questão de eh... árvore genealógica, nada disso. Atualmente é que o povo mais se incomoda mesmo. Mas antigamente no sertão eles ficavam lá, metidos nas fazendas, nos sítios e não se incomodavam com isso. Bem, mas o que me dá conta é que a vida desses troncos aí, que a gente tá meio misturado, não sabemos... é claro que a nossa descendência, ascendência é toda estrangeira misturada com índio e certamente com negros também porque eles estavam por lá, não é? Aquela mistura daquele povo todo. eh... sei que meu pai era um cara muito inteligente, certo?

WH- Qual era a profissão dele?

IS- A profissão de meu pai, ele teve duas profissões. Ele... porque ele era um desse tipo de gente que mexia com muita coisa... ele gostava de eletrônica, já eletrônica que naquele tempo não tinha, não é? Meu pai é muito mais velho...

WH- É, o sr. nasceu em 1936. Quer dizer, estamos...

IS- É. Pois não.

WH- ...falando de década de 30, 40.

IS- É, 36, exatamente. Pois não. Mas meu pai já deslumbrava assim eh... rádio, passou do rádio para a televisão. Ele fazia montagem de aparelhos, estudava eletrônica através de correspondência com São Paulo. E ele gostava de fazer esse tipo de coisa, não é, e tal. Mas também ele tinha assim um dom artístico, ele era um bom desenhista, ele gostava muito de desenho e tal. Nós temos ainda alguns trabalhos dele. E minha mãe também era uma grande desenhista, certo? Porque ela fazia coisas belíssimas de pinturas desenhos e tal, etc. Bem, mas meu pai era muito...

WH- O sr. herdou esse dom?

IS- Eu sou pintor. O meu *hobby* principal é pintura. Eu já ganhei até uma medalha. (ri)

WH- Olha só! Eu estava até lhe perguntando porque o sr. é entomologista também, não é?

IS- É. Isso aí...

WH- E parasitologia, entomologia, são áreas em que o desenho também é importante.

IS- É bem interessante. É importante para...

WH- E o sr. desenha os seus próprios... suas próprias pranchas?

IS- Desenho! Todos os meus trabalhos são ilustrados por mim mesmo.

WH e SK- Ah, olha só!

IS- Pois não. Mas eu quero contar um fato interessante que o meu pai fez um relógio e a minha mãe contava que ele ficava a noite toda acordado, passou um ano para fabricar esse relógio. Porque foi um dos primeiros relógios do mundo, que marcava a hora, a semana, a lua, as fases lunares... E ele foi que desenvolveu toda a tecnologia desse relógio e tal.

WH- Toda a engrenagem.

IS- Toda engrenagem e tudo.

WH- Se o sr. quiser interromper, a gente pára um pouquinho.

IS- Não, é porque ela veio. Então interrompe um pouquinho. Venha cá! *(pausa na gravação)*

WH- O sr. estava falando do... *(pausa novamente)*

WH- O sr. estava contando do relógio que o seu pai...

IS- Eu estava contando do relógio, que o meu pai fez um relógio, não é?

WH- ...desenvolveu.

IS- Então esse relógio era uma... realmente era muito interessante. Acho que um irmão meu tem ele ainda. Mas alguém soube que meu pai tinha feito esse relógio e quis adquiri-lo para dá-lo de presente ao governador lá do Ceará sobre o relógio, não é? – Obrigado. Tudo bem *(fala isso para alguém que entra na sala)*. – Aí... então ele era esse tipo de homem muito inteligente e é claro que, talvez isso, quando eu era novo, eu era muito inteligente. *(ri)* Agora já estou meio emburrado e tal. Mas realmente era um garoto tido como um pouco assim de excepcional, assim na questão de saber fazer muitas coisas e tal. Daí é que tem o início da minha carreira de pesquisador entomologista. Começa desde eu garoto. Eu porque...

WH- Pois é, o sr. podia nos contar como é que o sr. se aproximou dessa...?

IS- Pois não. Eu sabia por exemplo, eu tenho trabalhos que eu fiz com sete anos, oito anos de idade. Beleza de pinturas e desenhos, de tudo e tal. E eu tinha um museu de história natural, que eu mesmo...

WH- O sr. decidiu colecionar.

IS- É! Eu fiz um museu...

WH- Como é que o sr. teve essa ideia de colecionar?

IS- É porque a gente... a gente tinha, o meu pai tinha muitos livros, tudo e tal. Ele gostava, tinha muito de leitura. Leitura europeia e tal, etc. e a gente ficava também se entrosando naquilo, não é? E tinha uma coleção de livros feita por um autor brasileiro chamado Clóvis Bevilacqua. Então chamava-se: “*O Tesouro da Juventude*”. Aquilo eu achei uma coisa, eu acho que era uma coisa formidável para aquela época, porque falava tudo da cultura europeia, da tecnologia, das coisas e tal. E a gente, eu e meus irmãos, costumávamos muito ler aquilo e tal. Então é claro, a gente se entrosava com a ciência um pouco! Eh... aí via os museus, via o museu de história natural... e eu acho que a maioria dos meninos tem essa tendência, dos meninos homens, é... gostam de ter coleção de inseto, de cobra, caranguejeira... Eu acho que é mais uma preferência dos meninos do que das meninas. E então eu fiz um museu muito interessante lá porque eu mesmo fabricava as vitrinezinhas dos insetos, com uma pedra chamada Malacacheta. Porque você desmancha a pedra toda, ela forma umas folhas como fosse uma folha de celofane, de plástico. Você cortava aquilo eu cortava em quadradinhos e costurava aquelas caixinhas e botava como vitrine. E arrumei, arrumava o museu, tudo direitinho. Algumas coisas que eu achava que aquela espécie era, eu botava o nome científico ou...

SK- Isso com quantos anos, Dr. Sherlock?

IS- Eu já tinha uns dez anos, por aí, não é?

SK- Nossa, tão novinho!

WH- E colecionava o quê? Basicamente insetos?

IS- É, insetos. Colecionava principalmente insetos. Mas entrava tudo quanto era história natural. Entrava cobras, caranguejeira eh... mas principalmente insetos porque era mais fácil de preservar. Algumas...

WH- E... e botânica não? Só...

IS- Não.

WH- ...animal.

IS- Não, botânica não. Só animal. Mas também entrava a parte artística no meu, nesse nosso museu. Eu acho que baseado no livro, no Louvre que a gente via lá, tinha a parte artística que a gente usava algumas peças em antigas, que... de minha família. Ou mesmo alguma peça que a gente saía às vezes... eu achava no lixo e tal. Eu me lembro que um dia eu achei uma peçazinha de louça muito bem bordada... (*ri*) e ela ficou lá no nosso museu.

WH- Mas esse museu, deixa eu ver se eu entendi, era uma sala em casa?

IS- Eu morava, a gente morava num casarão muito grande, desses casarões do interior onde tinha, tinha inclusive um sótão que era praticamente abandonado. Era lá que eu tinha meu museu. Mas meus irmãos todos frequentavam, hein?

SK- Isso para criança devia ser uma maravilha.

IS- Pois é. É.

SK- Ter um museu de história natural no sótão!

IS- Pois é. Mas isso passou tempo e então...

WH- O sr. montava ele sozinho? Ou porque... o sr. tinha...

IS- Não, os meus irmãos colaboravam...

WH- O senhor falou dos irmãos também, não é?

IS- ...também, certo?

WH- Quantos irmãos o sr. tinha?

IS- Ah, nós éramos 14 irmãos, não é? Eh... típico...

SK- Nossa! Toda uma equipe então para o museu, não é?

IS- (*risos*) Típico da família... típico... Mas nem toda a minha. Eu estou contando meus irmãos, mas geralmente as irmãs não se interessavam por essa parte.

SK- Eram 14 no total.

IS- 14. Eram oito homens e seis mulheres. Hoje em dia já morreram alguns.

SK- E o sr. era... qual era... O sr. era um dos mais velhos?

IS- Eu sou do meio.

SK- Do meio.

IS- Então eu era realmente... Agora é que eu analiso isso e tal. E não vou falar com falsa modéstia porque não tem nada a ver. Eu era um distinguido até pelos meus irmãos, que eu tinha um apelido, eles me chamavam de Fidalgo. E eu ficava danado com esse apelido porque eu não sabia o significado direito de que era fidalgo, então eu pensava que era um cachorro galgo. (*risos*) Eu brigava com eles por isso. Mas Fidalgo porque eles achavam que as minhas coisas eram todas perfeitas, eu queria ser muito direito com tudo e tal. Então esse era o meu apelido, Fidalgo, não é? Fidalgo. E... foi passando o tempo e claro que eu estudava no Grupo Escolar, meu pai pobre, ganhava para sustentar quatorze filhos, não é fácil, não é?! Minha mãe de uma família que foi, vamos dizer, degenerada em questão financeira, não é?...

WH- Sua mãe trabalhava também?

IS- Minha mãe também trabalhava, ela fazia artesanatos, fazia costura, bordados belíssimos para fora, na máquina. Na... tinha todas essas máquinas Singer importadas da Europa, que meu pai era... Ele tinha essa mania, sabe?

SK- De máquina.

IS- Era de máquina de costura, Singer, aquela máquina encantadora, não é? E ela bordava, vendia. E isso foi que sustentou a gente e botou em ginásios particulares, em colégios particulares... Eu estudei em colégio de padre, não é? E... então...

WH- Qual era a escola que o sr. estudou lá? Lá em Sobral.

IS- Ginásio Sobralense. Lá nós tivemos, como eu disse, o pessoal, o povo de Sobral, era considerado um povo mais culto do que os outros do estado do Ceará. Isso é o que a gente houve falar, não é?! Tanto que a cidade de Sobral era chamada: “Estados Unidos de Sobral”, não é? (*ri*) Eles distinguiam Sobral como a cidade mais culta. O pessoal realmente tinha uma cultura muito boa. Muita gente tocava piano, fazia concerto... dramas, tudo e tal...

WH- Mas era uma cidade pequena, não é?

IS- Pequena. Talvez uns 40 mil habitantes, nesse tempo assim. 50 mil, por aí.

WH- Mas ela chegava a competir com Fortaleza? Não.

IS- Competia.

WH- É, não é?

IS- O pessoal de Sobral era tido como o mais importante, em algum tempo eu já fui caindo, na minha época já foi caindo isso, mas o...

WH- É, porque Fortaleza deu uma crescida.

IS- Pois é. Aí Fortaleza deu uma crescida. Mas o pessoal de Sobral era tido como um pessoal mais importante como de Forta... do que o de Fortaleza. E havia até uma disputa assim de Fortaleza achar que Sobral... Então tinha essas coisas assim, essa história de Estados Unidos de Sobral e tal, etc. Bem, aí eu me perdi um pouco.

WH- O sr. estava falando do seu museu de história natural...

IS- Sim. Então o meu museu continuou. Eu já fui entrando já mais nos estudos para o ginásio, não é?...

WH- E o sr., mesmo nos estudos... – é até uma curiosidade que eu tenho – o sr. já tinha se encaminhado assim para essa coisa das ciências naturais...?

IS- Já.

WH- ...da natureza, museu...?

IS- É como eu lhe digo, já desde bem garoto eu tinha essa mania.

WH- E no ginásio essa coisa continuou? O sr. continuou, quer dizer,...

IS- Não.

WH- ...tendo uma relação com professores dessa área, já pensando nisso?

IS- Já.

WH- Já pensava nisso como carreira, como profissão...?

IS- Já, mas... mas já, aí já foi entrando mesmo na carreira. Porque aí já não estava o ginásio e eu já fui, justamente apareceu em 1952, apareceu lá em Sobral, o professor Samuel Pessoa e o professor Leônidas e Maria, Leônidas e Maria Deane, não é?

WH- Foi na época da campanha da malária?

IS- Da campanha... Não. Da leishmaniose, do Calazar que começou a aparecer lá em Sobral, então eles foram para lá. Eu então... eu sei que me disseram que eles ouviram falar que tinha um menino lá que tinha um museu que eles queriam conhecer, certo? O menino era eu. Então é claro que eles ficaram muito surpresos, porque esse menino era muito habilidoso e tinha desenhos maravilhosos e não sei que e tal. Eles ficaram entusiasmados com esse menino, que era eu, não é? E então me convidaram se eu não gostaria de ajudá-los a fazer uns trabalhos com eles, de entomologia, na campanha contra leishmaniose. Aí eu comecei, com meus dezesseis anos, foi, a trabalhar.

WH- Pois é, eu estava calculando. Dezesseis anos.

IS- Por aí, é.

WH- O sr. estava no 2º grau. No...

IS- No ginásio ainda. Era... É diferente agora, não é? Naquele tempo era ginásio. Eu estava no finzinho do ginásio.

WH- Isso. Começando, para começar o científico.

IS- Já para o científico. E é claro que já começou mais a dificuldade de ponto de vista de continuação de estudos porque lá não existia mais a continuação do científico, não é, e tal. Isso aí eu parece que parei um pouquinho e eu fui trabalhar mesmo para ganhar também dinheiro. E...

WH- Mas o sr. trabalhava...

IS- Com o Dr. Deane!

WH- ...nessa...

IS- Nessa campanha contra a leishmaniose.

WH- ...coisa da entomologia mesmo.

IS- É.

WH- O sr. não foi trabalhar com outras...

IS- Não! Aliás eu fui fazer um teste para trabalhar na fábrica, que tinha lá uma fábrica de tecidos e aí eu fiz um teste (*ri*) de matemática e na verdade eles me passaram uma regra de três que eu não acertei, não é? Eu realmente aí... tudo bem. Aí eu fui trabalhar com os Deane. E os Deane parece que se entusiasmaram muito comigo. Eles... a gente sempre se entusiasma com os jovens assim que são bem aplicados, não é? E então contrataram um professor do Rio de Janeiro, professor Arquibaldo Galvão, para ir lá para Sobral e lá ele se encarregou de me dar aulas de ciências e entomologia, não é? E aí eu comecei, meus primeiros estudos oficiais em entomologia, nesse campo, foi. Mas os Deane achavam que eu devia ser aproveitado no campo, eles achavam, me estimulavam muito, mas eu não queria isso. Na verdade, que eu fosse fazer belas artes, não é? Que eles começaram a me dar livros de belas artes de museu do Louvre...

WH- Dr. Deane também pintava.

IS- Pintava bem. Pois não.

WH- Ótimo pintor.

IS- Exatamente. É, isso mesmo. Mas eu gostava muito. Aí eu fui continuando...

WH- O sr. gostava mesmo de entomologia.

IS- É. Continuei, depois fui me embora para capital, quando os Deane foram para lá... E logo depois...

WH- Para Fortaleza.

IS- É, Fortaleza. E em 1955, eu... eles me levaram para São Paulo, não é?

WH- Mas... deixa eu lhe perguntar, que tem uma coisa que eu não entendi. O sr. ficou em Sobral, fazendo levantamento entomológico para eles?

IS- É. Eu fazendo... tem uma tese que eles fizeram, o Deane fez, uma tese... eu não sei se a senhora conhece, mas é a tese sobre leishmaniose que é um dos melhores trabalhos de leishmaniose no Brasil. Os meninos carregam daqui (*procurando as fotos para mostrar*). Mas aí ele... eles... Tá aqui! Se vocês derem uma espiada nessa tese eh... ele tem umas raposas, uns cachorros e... mas aparece a corrente assim quem tá segurando a... sou eu ali. (*ri*) Não me aparece não, não é? mas sou eu que estava ajudando eles a fazer isso aí e tal. Eh... por exemplo, me lembro demais – até do nome do cachorro eu me lembro disso aqui – que eles fizeram, o nome desse cachorro aqui era Tate. E assim por diante. Então eu peguei a raposa (*ri*) a primeira raposa do mundo que ele encontrou.

WH- Aqui é o sr. que tá... nessa imagem é o sr. que tá segurando (*comentando sobre a foto*).

IS- Eu estou aqui. Bem aqui. Segurando a raposa, viu? Pois não.

SK- E ao mesmo tempo o sr. tinha aula com esse professor que eles...

IS- Não. Ele passou... olha, eu perco tempo se foi algo, foram seis meses por aí. Eu perco...

SK- Ah, sim. Foi um período...

IS- Eu perco essa noção. Não prestei muita atenção.

SK- Mas essas aulas que o sr. recebeu desse professor que veio do Rio foram durante um período...

IS- Arquibaldo Galvão. Foi durante um período de uns seis meses por aí. Cerca de. Eu não...

SK- Sim. E esse professor o sr. lembra da onde ele era...? Ele era...

IS- Lembro! Ele era do Instituto Oswaldo Cruz.

SK- Ele era do Instituto.

IS- Não, ele era do... do Departamento Nacional de Malária. Mas ele era, segundo o Dr. Deane, era um dos professores mais cultos em entomologia, ele considerava o Arquibaldo Galvão, Arquibaldo Belo Galvão, que depois foi trabalhar lá no Instituto Oswaldo Cruz.

SK- Ah, ele era do Serviço de Malária!

WH- Ele era professor do curso de aplicação, eu acho, não é? O Arquibaldo. Não era professor do curso de aplicação do Instituto Oswaldo Cruz?

IS- Não. Não era não. Ele era não era formado em faculdade, nada disso não. Ele era talvez biólogo, alguma coisa assim, mas de nível mais prático, certo? Agora, segundo o Deane, ele tinha uma grande cultura. Bem, mas eu sei que ele foi também passageiro no meu avião. Então eu continuei, fui para São Paulo com os Deane, e eles me arranjaram para eu fazer um curso de entomologia oficialmente na Faculdade de Higiene e Saúde Pública da Universidade de São Paulo.

WH- Isso o sr. ainda estava fazendo o científico?

IS- Não, eu já... Ah, sim! Porque eu estudei lá em São Paulo também o científico, viu? Aí eu fiquei fazendo...

WH- Ahhh! Aí o sr. saiu de Sobral para acompanhar os Deane.

IS- Foi. Passei pouco tempo em Fortaleza e fui um... alguns meses, uns quatro meses, fui para os Deane, acompanhar os Deane em São Paulo. E é claro que eu tendo sempre que trabalhar, porque como é que eu ia me manter? Eles me ajudaram muito. Por exemplo, eu ficava hospedado com eles, ficava hospedado com o professor Samuel, eu ficava hospedado com o Dr. Vitor Nussenzweig, a Dra. Ruth e tal... Quer dizer, só gente assim daquele *metier* da parasitologia orientada pelo Samuel Pessoa e tal. Bem, aí... já mais independente, eu arranjei um trabalho mais fixo na campanha de combate à leishmaniose com o Dr. Joaquim Eduardo de Alencar, lá em Fortaleza.

WH- Joaquim Eduardo...

IS- De Alencar.

WH- ...de Alencar.

IS- É. E aí então estou fazendo um estágio lá no Instituto Oswaldo... eu fui lá de São Paulo para o Rio. O Arquibaldo Galvão morava lá, eu fiquei um pouquinho com o Arquibaldo Galvão e fiquei fazendo um estágio no Instituto Oswaldo Cruz, no Rio de Janeiro, aí onde eu conheci o professor Herman Lent, o professor Hugo Lopes, viu? E...

WH- A gente entrevistou eles todos.

IS- Foi, não é? Pois não. E eu bem novinho, eles me chamavam “Neoentomologista”.

WH- Neoentomologista.

IS- É. Pois não. Em São Paulo eu já tinha feito a Faculdade de Higiene e depois voltei para lá com o Dr. Vitor Nussenzweig. que eu em 55, 56, eu terminei essa Faculdade de Higiene lá com Curso de Entomologia.

WH- O sr. fez o curso de entomologia?

IS- Lá na Universidade de São Paulo. Acho que eu fui...

WH- Quem era o professor desse curso?

IS- O meu professor principal era um inglês chamado John Lane, não é? Era um grande entomologista. Ele tem muitos livros publicados em entomologia e tal...

SK- John...?

IS- John Lane. La, n, e.

SK- L, a...

WH- Lane, Lane.

IS- Lane. John Lane. É. E tinha o professor Oswaldo Foradine mas que já era mais novo. Tinha o professor Oliveira Coutinho... Então eu estudei tudo com esses grandes professores, assim eles, acho que me vendo muito novo, acho que eles gostavam de ensinar as coisas, não é? Tem essa coisa... E eu fui aproveitando muito as coisas, (ri) eu tirei o 4º lugar no curso de entomologia, porque tinha outros colegas também, mas eu era o mais novo. E eu desenhava muito bem... Só para vocês terem uma ideia do... do que foi que eu fiz para o curso... Há poucos dias eu mostrei isso para o pessoal... ... o que foi que eu fiz para o curso de entomologia, que eles ficaram surpresos e distribuíram lá para os alunos. Eh... eu devia ter uns 20 anos nesse tempo, por aí. ... Aí eh... e o John Lane se interessou muito por mim, me nomeou 'Conselheiro da Sociedade Brasileira de Entomologia.' Nesse tempo, não é?

WH- Quer dizer, o senhor é um autodidata que...

IS- É, mas eu fui orientado...

WH- ...que teve um encontro com os Deane e o Samuel Pessoa e aí...

IS- É... eu não sei se eu posso me considerar assim um autodidata. É claro, não é?

WH- Também pode. Depois o senhor ...

IS- É. Olhe aí. Abra só aí para você ver. Isso aí fui que fiz para ele, para Universidade de São Paulo. (*Mostra o trabalho e os desenhos que fez na faculdade*)

WH- Uma classificação artrópodes de importância médica. *Filum artrópode*.

IS- Pois é. Esse quadro lá.

WH- E o senhor fez desenho por desenho!?

IS- Todo! Desenho por desenho. E eles acharam espetacular e tal, e adotaram lá. Isso eu não sei nem...

WH- E o senhor tinha... que idade? 20 anos?

IS- É. Por aí. Era mais ou menos 19 para 20 anos...

SK- Que beleza!

WH- O senhor já estava na faculdade nessa época? Lá na Bahia?

IS- Não, não, não! *(ri)* Na Bahia não! Eu estava em São Paulo.

SK- Lá em São Paulo.

WH- Ahhh!

IS- Ah, sim, desculpe! Eu estava nesta faculdade. E eu não considero uma faculdade porque foi um curso livre que eu fiz, não é? Porque eu...

WH- De medicina, na Bahia?

IS- Não! De Higiene. Na faculdade de Higiene.

WH- Ah, tá! Ele é...

IS- Na Universidade de São Paulo. Mas...

WH- Ele funcionou como especialização. *(ruído no gravação)*

IS- Aí funcionou como especialização. Mas aí com a influência que eu tive daqueles professores todos e tudo. Tinha um outro professor muito famoso que era o professor Fonseca, ele me dava aula de ácaros, fungos e tal. E aí eu fui, arranjei um emprego lá no Ceará, lá em, lá no Ceará com o Alencar e fui voltar para lá. Mas nessa minha volta eu passei pelo Instituto Oswaldo Cruz e fiquei fazendo um pequeno estágio lá, não é? Aí o Dr. Herman Lent era...

WH- O senhor fazia estágio no laboratório do Dr. Herman?

IS- Do Dr. Herman Lent, com o Herman Lent com o Lopes, Sebastião de Oliveira...

WH- Lauro Travassos...

IS- Lauro Travassos, conheci muito bem e tal. E deixa eu ver, mais quem era rapidinho assim... Era esse pessoal mesmo que vocês conhecem lá.

WH- E o senhor eh... Dr. Italo, já nessa época, antes mesmo de sair...

IS- Não! Mas foi esse curso aí!

WH- Desculpe lhe interromper. Pode falar...

IS- Não. Aí no Instituto me apresentou a um pesquisador de lá também da Fiocruz, do Instituto Oswaldo Cruz, era o Dr. Otávio Mangabeira Filho. Ele era pesquisa... Aí vocês vão ver a minha conexão com a Bahia.

WH- É daqui, não é?

IS- Pois é. Otávio Mangabeira Filho era pesquisador do Instituto Oswaldo Cruz, trabalhava com o Evandro Chagas, filho do Carlos Chagas. O Evandro Chagas morreu também... E o Mangabeira Filho era da Bahia e o pai dele era governador da Bahia. Tinha um grande prestígio político e tal. Aí ele gostou muito de mim e aí perguntou se eu não gostaria de vir trabalhar com ele na Bahia. *(ri)* É claro que eu imediatamente quis! Porque ele me deu a passagem de avião e me chegou aqui, me mostrou um quarto muito bom que eu ficaria, com todas as condições de acomodamento, não é? E o laboratório que eu trabalhava com ele, ele se empenhava muito comigo, investindo muito em mim e tal. E aí eu imediatamente aceitei porque ele também me pagava um salário melhor do que o que eu iria ganhar lá no... na campanha contra a leishmaniose no Ceará. Aí então, eu vim para cá, foi assim que eu comecei a minha carreira aqui na Bahia, não é?

WH- Aí o senhor foi fazer faculdade nessa época.

IS- Aí eu fui fazer, comecei a fazer faculdade. Aqui na Bahia eu fiz o meu curso de medicina, não é, com o Mangabeira que me ajudou muito.

WH- Que lhe orientava, não é? Eu queria lhe perguntar justamente, já que mais ou menos traçamos a sua trajetória de uma forma geral, eu queria lhe fazer uma pergunta, Doutor Italo. Quando o senhor eh... pelo que o sr. está nos contando, o senhor tem uma, na infância, não é, o senhor já com sete, oito anos o sr. começa o seu museu de história natural, encontra os Deane, não é?

IS- É... é.

WH- A partir daí, não é, a partir da... e começa a fazer os cursos de especialização já nessa área de entomologia. O senhor já nesse momento começa a vislumbrar algum tema de pesquisa que o senhor gostaria...

IS- Não.

WH- ...ou o senhor ainda tá assim procurando campos... se aprofundando em todas áreas...?

IS- Eu entendia assim um pouco diferente o que era a ciência. Eu misturava um pouco medicina com ciência, eu pensava que era uma coisa única só, não é? Eu não... não entendia muito dessa especialização dos ramos não. Tanto que eu via como o Dr. Deane como o meu modelo que eu gostaria de ser. E na verdade ele era médico, entomologista, pesquisador, parasitologista... Aquilo era o que eu queria ser. Era daquele tipo de pessoa como o Dr. Deane. Eu era...

SK- Quer dizer, o senhor pensava na medicina, mas sempre associada a uma perspectiva de fazer ciência.

IS- Isso! Fazer ciência! Era isso...

SK- Não pensava em medicina para...

IS- Não. Curativa, nada disso não!

SK- ...ser simplesmente um clínico...? Não.

IS- Não, não, não... Na verdade não. Na verdade, é isso aí. Então eu ligava a medicina como se fosse esse tipo de coisa assim. Era um conjunto de ciência e pesquisa. Eu me lembro que a gente descobria as coisas para fazer a medicina, tal, tal, tal.

SK- É. E o sr. entrou em contato com um grupo muito particular que é esse grupo do Samuel Pessoa, do Deane...

IS- Pois não. É.

SK- ...que tem uma visão muito da higiene da saúde pública na ciência, não é? Que é tudo muito particular nessa....

IS- E eles gostavam muito... Eu passei um tempo com o Alencar, lá em Fortaleza, nesse período antes de eu partir... eu fui de Sobral para Fortaleza, passei um pouco de tempo lá. Eu não sei se uns oito meses, seis meses, não é? Mas lá em Fortaleza eu comecei a fazer umas coisas lá que o pessoal gostou muito. E o Alencar tinha um intercâmbio internacional de ciência e tal, e eu me lembro que eu fiz um modelo em cera desses de uns 40 centímetros, de um... flebotomos todo esculpido e todo cheio de cerdinhas e tudo e tal. Feito de arame de bobina de... de rádio, essas coisas. Ele tirava e enfiava cada cerdinha daquela ali, ficou uma coisa realmente idêntica a um flebotomo em tamanho gigante. Eu me lembro que chegou da Universidade de Paris, uma dra. lá que ficou tão surpresa com aquele negócio que pensava que era comprado do Rio, que queria que eu fizesse também um! (*ri*) Mas eu não fiz não. Mas aí então, nesse período também, então o professor Samuel Pessoa... – que eu acho muito engraçado hoje em dia, mas quando eu era garoto eu ficava muito danado – ele ia dar umas aulas lá no curso do Alencar e eu não sei se vocês sabem, tanto o Alencar como o Samuel Pessoa, eram muito socialistas e comunistas, não é? E eu também fui entrando nessa linha. (*ri*) Eu fui entrando nessa linha apesar de não ser muito político e tal. Mas aí o professor Samuel Pessoa começava a dar as aulas dele, eu era magrinho – hoje em dia eu sou gordo, não

é? – magrinho, bem baixinho porque a minha família é baixinha e então o pessoal, ele chegava e dizia: “Olha, vocês estão vendo esse menino, esse jovem aqui desnutrido... magrinho, pequeno, desnutrido, isso é um exemplo típico do nordeste brasileiro faminto e tal! (risos) Mas vocês façam com ele como que fizeram com os chineses, tira aqueles chineses desnutridos, os americanos levaram lá para os Estados Unidos, encheram de proteína e os tamanhos que ficaram...!” Aí eu digo: “Ô, professor, não faça isso comigo não!” (risos) Ele ficava brincando. Eles todos me adoravam. E... mas ele sempre me ajudava. E eu fui sempre metido nesse *metier*. Bem, aí foi entrando por aí, eu fiz medicina, o Mangabeira me ajudou muito e infelizmente, antes de eu terminar medicina, ele morreu. E então eu fiquei, eu era um jovem estudante, não é? Não tinha me formado ainda. Tinha já vários outros médicos trabalhando no Centro de pesquisa eh, da Bahia, que passou a ser posteriormente Centro de Pesquisa Gonçalo Moniz, não é, que ele tinha criado.

WH- Agora, esse Centro de Pesquisa que o Mangabeira criou, era ligado ao IOC ou ao INERU? A gente nunca consegue entender.

IS- Era ligado às duas coisas. Mas porque o Mangabeira era pesquisador de lá. E eu passei...

WH- Do IOC.

IS- Do IOC!

WH- Do Instituto Oswaldo Cruz.

IS- Do Instituto Oswaldo Cruz. E eu passei nesse tempo que eu estava com ele a ser bolsista de Iniciação Científica do CNPq, do IOC.

WH- Ah, tá!

IS- Aliás, primeiro foi do IOC, depois do CNPq.

WH- E o sr. foi trabalhar com o Mangabeira em que época? O senhor se lembra?

IS- Foi em 1957. Eu vim aqui... foi em 57/58 que eu vim para cá.

SK- O senhor estava fazendo a faculdade.

IS- É. Eu ia fazer a faculdade, viu? Foi isso.

WH- Foi um pouquinho antes de entrar, o sr. já veio para cá e...

IS- Foi, foi...

WH- ...e entrou na faculdade.

SK- Deixa eu só recuperar um pouquinho, só para a gente alinhar algumas coisas. Quer dizer, esse curso de... o sr. fez a faculdade na Bahia, na Universidade da Bahia e a especialização...

IS- Foi depois...

WH- Foi antes.

SK- O sr. fez a faculdade de medicina e depois foi fazer a especialização em entomologia?

IS- Não, não, não...! Foi antes. Eu fiz um curso livre de entomologia na Universidade de São Paulo...

SK- Isso que eu não tinha entendido... Ah! O sr. fez um curso livre. Isso na faculdade de São Paulo...

IS- Pois é. Aí depois eu fiz medicina, é claro.

SK- Entendi.

IS- E porque inclusive, eu achava que eu tinha que ser médico, não é? Que era para poder completar aquele quadro do meu modelo que era o Dr. Deane.

SK- Certo, certo. e...

IS- Certo? Que eles eram médicos.

SK- Quer dizer, como o sr. tá dizendo, quando o sr. vem aqui para Bahia para fazer faculdade, o sr. já tinha contato com o Dr. Mangabeira...

IS- Foi... já... Não, só por acaso...

SK- Sim, mas já tinha tido contato com ele, foi ele quem... lhe estimulou a...

IS- Não, não, não! Não foi o Dr. Mangabeira que me estimulou a fazer medicina não. Porque eu já estava com aquela meta para...

SK- O sr. já tinha essa ideia.

IS- ... fazer. Eu estava estudando sozinho... eu não tinha dinheiro para estudar. Eu pegava os livros, estudava sozinho... *(interrupção da fita)*

WH- O sr. dizia que o Amílcar...

IS- Sim, o professor Amílcar Viana Martins também é um parasitologista famoso, não é? Ele foi até diretor do Instituto Oswaldo Cruz. Aliás, foi o professor Amílcar Viana Martins que facilitou a minha estada no Instituto Oswaldo Cruz, nesse pequeno estágio que eu fiz lá. Agora que eu estou me lembrando dessa parte, mas aí ele me convidou para ir trabalhar com ele em Belo Horizonte. Aí eu fiquei lá um tempo, mas como eu já tinha falado com o Alencar que eu iria para lá, aí não deu certo o negócio com o Amílcar Viana Martins. Mas mesmo assim eu fiquei em Belo Horizonte e fiz um trabalho sobre Flebótomos e publiquei o trabalho também lá, não é?

SK- O sr. antes, antes de estar formado, de ter uma formação, uma graduação digamos, o sr. já estava publicando trabalhos...

IS- Eu já tinha vários trabalhos publicados. Isso foi um negócio muito interessante porque era o John Lane que me pediu, tinha o Dr. Deane também e tal... o meu primeiro trabalho publicado eu dei para o Dr. Deane corrigir...: “Não, Sherlock...!” Modificou tudinho. Eu digo: “Puxa vida! Eu não sei fazer nada ainda!” (ri) Ele transformou tudo aquilo ali, que devia ser assim, assado e tal... Mas foi, eu já tinha muitos... eu fui publiquei o primeiro, fui fazendo os outros, tal, tal...

WH- O sr. tem uma trajetória bastante *sui generis*, não é? Atípica, não é?

IS- Cheia de coisas e pessoas muito importantes...

WH- Marcantes, não é?

IS- É! Exatamente. Metido na minha vida e me ensinando, com quem eu tive oportunidade de trabalhar e tal. Aí vim para Bahia, não é, ficar com o Mangabeira que era um sábio, viu?

WH- Pois é, isso que eu ia lhe perguntar. Que trabalhos o senhor desenvolveu já com o Mangabeira?

IS- Já com o Mangabeira? O Mangabeira passou a confiar, ele... Eu não vou entrar nessa parte, ele teve uns problemas. Ele tinha criado a escola, ele era um homem muito inteligente, tinha criado a escola, Segunda Escola de Tropicalistas da Bahia. Aonde foi o Dr. Prata...

WH- De Medicina Tropical?

IS- De Medicina Tropical. Dr. Zilton... A célebre Fundação Gonçalo Moniz. Viu? E houve problemas internos, políticos, ele... e também pessoais com ele, mas eu não posso entrar nesses detalhes aí. Então ele largou a Fundação Gonçalo Moniz...

WH- Assim por alto o sr. não podia explicar? Porque eu fiquei sem entender o problema.

IS- Podia. Porque você não leu... Não, não é? Não deve ter lido um pequeno... Pediram para eu escrever uma biografiazinha sobre ele, eu dei uns dados...

WH- Do Amílcar?

IS- Não, do professor Otávio Mangabeira Filho. O Amílcar Viana Martins, ele me tinha lá como... Ele tinha um bocado de filho assim, um pouco mais novos do que eu, (*ri*) então ele me jogava lá dentro, para família dele também, como se eu fosse um deles. Eh... eu frequentava a casa dele, tinha a dona Beatriz...

WH- O sr. tá falando do Otávio Mangabeira. É ele que criou esse centro...

IS- É. Mas aí você falou no Amílcar, eu misturei aí, não é? mas eu passei pelo Amílcar uns seis meses, oito meses, por aí. E o Mangabeira então, foi quando eu vim para cá, foi onde eu fiquei mais tempo, foi com ele aqui, não é? Porque até com os Deane eu não passei tanto tempo como eu passei com o Mangabeira.

WH- Pois é, eu tinha lhe perguntado: “Que trabalho o sr. veio desenvolver?” Aí o sr. estava me contando desse problema do Dr. Mangabeira...

IS- É. Ele criou...

WH- Eu queria que o sr. me explicasse um pouco melhor.

IS- Pois então, ele criou a Fundação Gonçalo Moniz. Ele tinha o pai com muito prestígio. Tinha voltado do exílio, não é? Então ele tinha estado trabalhando com Evandro Chagas, filho de Carlos Chagas, na campanha das grandes endemias no Nordeste. Eu ainda tenho muito dado dele, muitas fotos, muitas coisas. E então ele precisava assim de alguém... Sim! Houve esses problemas, inclusive sentimentais. Ele casou com uma mulher muito bonita, que a mulher (*ri*) tinha uns problemas aí... que a gente não vai falar nisso, não é? Que era uma mulher lindíssima, ele era apaixonado por ela, mas ela não correspondeu o amor dele, não é? Junto com esses outros problemas da criação da fundação e lá dentro fizeram uma sabotagem contra ele. Talvez nesses dados biográficos, vocês leem alguma coisa e vocês vão entender esse assunto. E eu sei que ele saiu muito deprimido de lá, andou bebendo muito e os pais tentaram recuperá-lo, ele fez um tratamento especial e voltou pouco tempo depois e criou o Centro de Pesquisa da Bahia, que era Núcleo de Pesquisa da Bahia. Então ele estava atrás de gente nova...

WH- E esse Centro Gonçalo Moniz... desapareceu?

IS- Não! A Fundação Gonçalo Moniz.

WH- Isso, isso, a Fundação Gonçalo Moniz.

IS- Foi... foi, foi e, morreu depois.

WH- Desapareceu. Aí ele criou o Centro...

IS- Não! Antes de desaparecer ele já criou o Centro de Pesquisa Gonçalo Moniz ... Não, o Centro de Pesquisa Gonçalo Moniz...

WH- Da Bahia.

IS- ... que era o Centro de Pesquisa da Bahia, em 1957. Fez 40 anos há dois anos passados, certo?

WH- E o sr. praticamente começou com ele?

IS- Foi. Tem inclusive... – pena que eu não possa mostrar – fotos, tem um histórico e tudo. Ah, tá aqui! Que bom! Viu? Aqui na Universidade Gama Filho... Eu vou até dar um exemplarzinho... Vocês não têm isso não? (*mostra fotos e materiais que possui sobre este fato*)

WH- Ah, eu gostaria! Eu acho que não tenho não.

IS- Pois não. Tem até o meu retrato aqui, ó! Eu menino, garoto! Aqui... Desculpe que é cópia xerox, viu? Aqui eles pediram para eu escrever isso aqui... Olha eu com ele (*mostrando a foto*).... Eu fui um dos primeiros funcionários. Então devido à minha habilidade entomológica e essa, esse meu convívio com muito cientista... e o cientista, Herman Lent, a escola dele lá em Manguinhos, Herman Lent, Hugo Lopes, Lauro Travassos, que ele também era desse grupo, também me chamavam, neoentomologista e tal. Aí ele ficou, vamos dizer, assim, apaixonado pelo tipo de pessoa que seria eu, para vir trabalhar aqui com ele, que era um jovem, não é? Que ele queria formar novas escolas porque a ex-escola dele, aquela antiga escola dele a Fundação Gonçalo Moniz abandonou e ele se sentiu traído, não é? Então criou esse novo centro de pesquisa Gonçalo Moniz. Não tinha esse nome! Depois que ele morreu eu passei a ser diretor. Porque não tinha outro que ficasse no lugar, não é? E eu recebi como uma batata quente na minha mão (*ri*) que eu nem sequer me interessava por isso.

SK- O sr. já era formado quando assumiu a direção?

IS- Não. Eu era estudante de medicina do 6º ano de medicina.

SK- E assumiu a direção desse Centro de Pesquisa.

IS- Foi. Estudante ainda. Foi um grande trabalho para mim!

SK- Um desafio, não é?

IS- Foi. E tinha já médico... Mas você sabe, a maioria das pessoas não se interessam também. E o líder tendo morrido e o que arranjava dinheiro e essas coisas que dava o... segurava com

força tudo aquilo, então eles ficaram... não se interessavam muito. E eu com aquela ilusão que o jovem tem de fazer alguma coisa, não é?

SK- E o Centro era ligado à Universidade, Dr. Sherlock?

IS- Não! Não! Muito ligado sim, mas não do ponto de vista oficial.

SK- Sim, mas era...

IS- O Centro era ligado ao Instituto Oswaldo Cruz, porque o Mangabeira era de lá como pesquisador. E...

SK- Mas também, quer dizer, não era um vínculo formal.

IS- Era formal. Existia...

SK- Era um vínculo formal com o Instituto Oswaldo Cruz?

IS- Era. Existia um acordo formal entre o Instituto Oswaldo Cruz, o Departamento Nacional de Endemias Rurais e a Fundação Gonçalo Moniz que ele, Mangabeira...

SK- A própria Fundação.

IS- ...tinha criado para que mantivesse esse Centro de Pesquisa...

SK- Da Bahia.

IS- ...da Bahia, para o Mangabeira fazer estudos sobre Doença de Chagas, leishmaniose e esquistossomose.

SK- Ah! Isso que eu ia te perguntar: qual era o objetivo do centro...

IS- Pois é. Era, era este. Ele tinha muitos trabalhos sobre... alguns trabalhos sobre doença de chagas, alguns trabalhos sobre leishmaniose, alguns trabalhos sobre esquistossomose. Então, esses eram problemas sérios aqui na Bahia, então ele continuou o Centro aqui. Então...

SK- E eram estudos, quer dizer, do ponto de vista de pesquisa básica ou tinham algum sentido aplicado como campanhas de controle, algumas coisas assim?

IS- Tinha, era pesquisa pura inclusive e também pesquisa aplicada.

SK- Também se preocupava com...

IS- Era na profilaxia dessas doenças que eram os problemas...

SK- Ações de profilaxia.

IS- ...aqui em Salvador. Aí ele, nós começamos a trabalhar tudo, publicamos alguns trabalhos, mas ele não gostava mais de publicar. O Mangabeira, eu digo até nessa monografia, para publicar uma coisa foi um problema! Tinha um relatório de Mangabeira, ele estava todo perfeito - ele era muito habilidoso e tal - e então era tudo definido, mas ele não publicou. Depois de cinco anos que ele tinha morrido, eu mandei publicar esse relatório. Até hoje esse relatório é citadíssimo na literatura mundial, sabe? Ele fazendo o complexo específico da *Lutzomyia Longipalpis*, ele descobriu que era o complexo de um espécime tal, foi uma bomba que ele soltou.

WH- Como é?

SK- Como é o nome?

IS- *Lutzomyia longipalpis* é o vetor do, é o Flebótomo vetor da leishmaniose visceral. Eu então, foi ele que inventou pela primeira vez que ela existia. Ele trabalhou no Amazonas com o Evandro Chagas, veio para o nordeste também trabalhou e ele viu que existia uma diferença da espécie lá do Amazonas para cá e tal, que todo mundo acreditava que era a mesma. Aí ele lançou essa história no relatório que eu que mandei publicar em homenagem aos cinco anos que ele havia morrido. Até hoje é citado, viu? Esse negócio. Publicou numa revistazinha bem simples que era a *Revista de Malariologia e Doenças Tropicais*. Em português ela é citada no mundo inteiro até hoje em dia! Eu acho muito engraçado isso aí, não é? muito interessante porque é um trabalho que era importante e tal, etc. Porque foi verificado que essa espécie é um complexo e ela transmite melhor ou pior, de acordo com o tipo da onde ela está, viu? Então realmente é um negócio muito (*inaudível*). O Mangabeira era um cara *sui generis* e já estava determinado se ele não tivesse morrido, que eu ia para os Estados Unidos, logo que eu terminasse medicina para fazer a minha especialização lá (*ri*). Era ele que mandava em tudo, sabe? Ele era desse tipo determinado: “Olha, você tem que fazer isso!” Ele era um grande estudioso, citava muito, tinha uma biblioteca espetacular de ciência pura, com essas teoria modernas de evolução, de genética. Ele introduziu aqui na Bahia os estudos de bioquímica dos insetos, que hoje em dia estão na última moda, quase é a tal da biologia molecular. Ele dizia: “Olha, Sherlock – ele me chamava de Italo, não de Sherlock – sabe onde está o futuro da humanidade? Está no mar. Então a gente tem que estudar biologia marinha.” Então, ele escrevia para a Alemanha para ver se a gente conseguia arranjar um submarino. Pertinho dele morrer, recebeu a notícia de que era possível a doação de um pequeno submarino para fazer investigação em biologia marinha e tal. Mas depois ele morreu não deu mais certo.

SK- Ele morreu em que ano?

IS- Ele morreu em 63. Eu me formei...

SK- Em 63. Em seguida o sr. assumiu o...

IS- É. Eu me formei só no fim do ano de 63, não é? (*ri*) Ele morreu em maio, no fim do ano eu me formei, mas antes de me formar, eu assumi porque não tinha, ninguém queria, não é?

SK- O sr. foi dar continuidade ao trabalho dele.

IS- Pois não. Mas aí...

WH- Agora, deixa eu lhe perguntar mais sobre esse centro. Esse centro como o sr. disse, ele era ligado ao IOC formalmente.

IS- Era.

WH- Os recursos dele vinham do IOC? Vinham da Secretaria? Da onde vinham os recursos para sustentar o centro?

SK- Era o DENERu, não é, DENERu, IOC... (*muito baixo*)

IS- É. Era exatamente como eu lhe disse. Era um convênio entre o Departamento Nacional de Endemias Rurais...

WH- DENERu.

IS- ...Fundação Gonçalo Moniz, que dava o aluguel do prédio em que ele estava instalado e o Departamento Nacional de Endemias Rurais que dava dinheiro para manter. E o Instituto Oswaldo Cruz dava algum material: microscópio, pessoal: ele, eu...

WH- recursos mesmo não.

IS- Não. Recursos mesmo ele dava...

SK- Quem dava era o Departamento... (*muito baixo*)

IS- ...algumas coisas ele dava. Recursos indiretos. Porque microscópio, até hoje ainda tem microscópio que foram vindos de lá, não é, do Instituto Oswaldo Cruz. E tinha um... tem até lá uma entrevista que o diretor... era o Amílcar Martins o diretor, deu aqui...

WH- É, naquela época era.

IS- Pois é. Deu aqui e fez um jornal, ele deu uma entrevista dizendo que tinha gostado muito do Centro de Pesquisa, que estava muito bem e tal, e me destacou como o jovem pesquisador, tal, etc. eu tenho até esse recorte aí.

WH- E quem compunha esse Centro, Dr. Italo? Era o Dr. Mangabeira que era o diretor no caso, o sr. ...

IS- É... compunha muito. Algumas pessoas, até gente que hoje em dia é destaque como por exemplo o professor Elcimar Coutinho, que é um grande especialista em reprodução humana. Ficou famoso internacionalmente por ter descoberto a pílula chinesa, não é? Aqueles concepcionais, não é, etc. eh... tinha um outro chamado Belizário Pena, que tinha estudado na

Alemanha e vinha aqui, fazia bioquímica, sabe? Agora o resto todo era mais... ele chamava mais gente de fora: Luiz Gouveia Laboriau, Otto Bier. Vivia cheio de gente o Centro de Pesquisa, na verdade, não é? Agora...

WH- Ele chamava topicamente para alguns trabalhos específicos.

IS- É. Pois não. Mas...

WH- Porque aí tinha demanda?

IS- ...tinha a gente. Eu, em primeiro lugar vou botar logo eu que... Tinha dois estudantes de odontologia, uma mulher e um homem, tinha dois estudantes de veterinária, era o que depois (*ri*) foi ser diretor da Escola Veterinária. E o outro eu não sei... Tinha mais ou menos oito pessoas assim... de nível universitário, formando em universidades e/ou recém-formado. E ele estava fazendo a nova escola, não é?

WH- Isso! Isso que eu ia lhe perguntar. Ele compôs o quadro...

IS- Com gente nova.

WH- ...com gente jovem. Que estava começando ainda, não é?

IS- Só, só. Pois não. Então ele fazia, ele me mandou passar depois seis meses lá em São Paulo fazendo um curso em microscopia fluorescente com o professor Pimenta lá e com o Otto Bier, sabe? E ele tinha essa mania: de mandar treinar pessoas, queria fazer coisas ultramodernas... Teve um professor de genética dos Estados Unidos, Dobzhansky, é que ele tem uns livros de genética, umas teorias em genética muito bem... ele teve, o pessoal dele que veio aqui trabalhar também com o Mangabeira e eu não fiz parte, mas eu apenas tomei algumas aulas (*ri*), porque eu não falava bem inglês nem nada, entendia um pouquinho. Me lembro que eu, ainda tenho até esses rascunhos, não é, e tal. E ele botou até uma espécie: *Drosóphila mangabeirai* aí. Era em homenagem ao Mangabeira, viu? Mas aí era sustentado, o Centro de Pesquisa, com verbas do DENERu que tinha o Departamento de Endemias Rurais, que tinha o seu centro de... o seu núcleo que eles chamavam de Instituto de Endemias Rurais, INERu. Aí...

WH- Instituto Nacional de Endemias Rurais. Isso.

IS- É. Com a criação do Fundação Oswaldo Cruz, o INERu foi englobado pela Fundação Oswaldo Cruz. Passou a pertencer à Fundação Oswaldo Cruz. Lá com o tempo, ele ficou um pouco independente e depois largou o nome INERu, passaram os centros que pertenciam ao INERu, que eram o Centro de Pesquisa Rene Rachou de Belo Horizonte, o Centro de Pesquisa Aggeu Magalhães de Recife, o Centro de Pesquisa da Bahia e o Centro de Pesquisas de Jacarepaguá que tinha a dra. Alina Perlowagora-Szumlewicz.

WH- É. Ela é na leprologia, eu acho. Não, não era...

IS- Não. Era lá em Jacarepaguá, era de pesquisas em triatomíneos e essas coisas, certo? Ela... E ainda existe até alguma coisa lá em Jacarepaguá!

WH- Existe.

IS- Pois é. E...

WH- Eu acho que é a dra. Dirce que tá lá, não é? Dra. Dirce Lacombe.

IS- Dirce Lacombe?

WH- É.

IS- Pois não. Aí...

WH- Mas isso já em 70, não é? Isso já é outra época.

IS- Já.

WH- Naquele momento, em 57, nesse período eh... esse Centro de pesquisa aqui da Bahia, ele era relativamente independente, ou seja, não tinha vinculações com o IOC...

IS- Tinha sim!

WH- ...no sentido das orientações que iam ser dadas à pesquisa...

IS- Tinha...

WH- Tinha esse tipo de interferência?

IS- Não, não, não...

WH- Ou o Mangabeira...

IS- Tinha... Começou depois da morte do Mangabeira o Instituto Oswaldo Cruz resolveu entregar tudo para o INERu. Entendeu? Aí eu já tinha me formado em medicina, quando eu me formei em medicina no fim do ano... – isso foi aos poucos, isso não foi tão brusco assim – até eu me formar eles ficaram esquentando a batata quente, mandava... o IOC mandou comissões aqui, trazer material... inclusive a coleção toda de flebótomos eu preparei para mandar lá para o Rio, hoje em dia é a coleção Otávio Mangabeira Filho. Eu, tá lá, de Flebótomos. E... teve várias outras coisas técnico-científicas que a gente mandou para lá para que... o futuro daqui era um pouco assim sombrio, uma perspectiva sombria de que eh... de que iria continuar, não iria continuar... Eu não tinha nenhum prestígio político, nem prestígio no meio científico. Eu era um jovem florescendo, nascendo ainda ali. Eh... eu apesar de...

WH- Todos eram jovens, não é?

IS- Era. Todos. Então... mas tinha uns mais velhos do que eu, não é? Já médicos também e tal, etc. Que tinham.... tinha gente do Departamento de Endemias Rurais que tinha sido colocado também, como por exemplo: Dr. Tácito Muniz, Dr. França eh... Dr. José Teixeira França e... Dr. José Lira... Tinha outros assim que eu não me recordo bem assim. Mas então aí... passou o IOC a se desligar daqui, passou tudo para o INERu. Eu tinha sido, como eu era bolsista do Instituto Oswaldo Cruz e teve uma lei lá, que eu não sei que, entrou: José Jurberg, Hermann Schatzmayr, Ana Kohn, Pedro Jurberg, eh... eu, Sérgio Coutinho, vários outros, estamos no mesmo diário oficial, estamos lá que éramos bolsistas do Instituto Oswaldo Cruz, passamos a pertencer ao quadro do Instituto Oswaldo Cruz porque a gente era bolsista há mais de cinco anos. Certo? E...

WH- Isso nessa época, 63...

IS- Foi no finzinho do ano de 63!

WH- Que é quando o sr. passa a ser biólogo mesmo do...

IS- Não! Eu passo a ser médico!

WH- Médico?

IS- É. Eu sou médico, não é? Pois é. E então, aí eu passei...

SK- Mas isso foi o quê? Foi uma decisão...

IS- Foi uma lei que tinha... Isso já aconteceu várias vezes depois, não é?

SK- Em função do período de tempo? É isso que o sr. ...?

IS- Do período de tempo que a gente era, era como se fosse um estágio probatório, não é? então o Mário Aragão por exemplo, que foi quem me telefonou lá do Rio: “Sherlock, você tá numa lista que tem pesquisadores, alguns pesquisadores jovens assim... o Hermann Schatzmayr estava também no meio, eu estava. Saiu todo mundo no Diário oficial e tal. Esse tal que era bolsista do Instituto Oswaldo Cruz por tantos anos...

SK- Aí o sr. foi incorporado ao quadro.

IS- ...passam a incorporar como biólogo inicial, uma coisa assim, não é?

WH- Biólogo. É isso que eu estava lhe dizendo.

IS- Pois foi um negócio assim, viu? Eles foram como zoólogos. Eu fui como biólogo porque eu me formei em médico. E então os que não eram médicos, o Hermann por exemplo foi biólogo, o Coutinho foi biólogo, mas a Ana Kohn não foi, não é? (telefone)

WH- Só um minutinho. (*pausa na gravação*)

IS- Aí então...

WH- Telefonema do...

IS- ...Mário Aragão dizendo que eu era biólogo, eu era bolsista oficial lá do Instituto Oswaldo Cruz! Porque o Mangabeira era pesquisador e meu orientador e ele me colocou aqui na Bahia. Porque cada um pesquisador...

WH- Eu tinha entendido que era do CNPq a bolsa. Não, era do IOC!

IS- Não! Depois passou a ser do CNPq. Foi... era do IOC, posteriormente quando ele morreu, (*ri*) passei para poder... passei a ser bolsista do CNPq, tá entendendo?

WH- Mas aí o sr. foi incorporado pelo IOC?

IS- Fui. Fui incorporado, mas passei, era um salário... Vamos ver aí que você vai escutar. Era um salário de fome (*ri*) Era vamos dizer, muito pequeno a bolsa. Não era como hoje em dia que bolsa é muito boa, não é? Naquele tempo era simbólico, aquela bolsa do IOC, o salário mínimo hoje em dia é R\$ 130,00, naquele tempo vamos dizer, a bolsa era uns R\$ 60,00 por aí, viu? Então realmente a gente não podia nem viver com isso, não é?

SK- Mas quando o sr. foi incorporado essa situação melhorou?

IS- Ah, sim! Melhorou. Depois que eu fui incorporado... melhorou, mas continuou não tão melhor. Melhorou sabe... muito porque eu recebi uma diferença de dinheiro que deu mais ou menos uns dois mil reais, três mil reais, que para mim (*ri*) foi um alívio. Com a morte do Mangabeira, a minha formatura de médico e... eu sem nenhum parente aqui, porque meus pais não me ajudavam mesmo, nunca mais me ajudaram. Porque eu já vivia independente, não é? Aí melhorou. E mesmo assim não era tão bom, que chegou aqui na re... isso foi em 63 que ele morreu, em 64 teve a revolução... é, em 64. Então estava, tinha passado por aqui o professor Samuel Pessoa que eu amava como meu mestre também, não é? E ele me ensinou muita coisa, era comunista e estava fugindo do DOPS de São Paulo, não é? Ele e a mulher dele. Então eles se esconderam na minha casa, passaram um ano escondido comigo, não é? E isso depois me valeu um inquérito policial militar, não é? (*ri*)

WH- Fizeram, não é?

IS- Foi. Mas isso você vê como são engraçadas as coisas. Então...

WH- Vamos voltar um pouquinho para trás.

IS- Vamos.

WH- Vamos voltar. Eh... o sr. estava falando desse centro, agora uma coisa que eu queria deixar mais claro, essa... esse centro, por ser do departamento também, do Departamento Nacional de Endemias Rurais, ele recebia demandas concretas de trabalhos, de pesquisas...? Ele cobria problemas de saúde pública aqui nessa região...?

IS- Não, não...

WH- ...só Bahia. Ele...

IS- A gente não fazia executivamente a profilaxia, nada disso! A gente fazia uma pesquisa, por exemplo, nós fizemos uma aqui, a cidade de Salvador era uma cidade cheia de barbeiro. Aqui nessa rua tinha casas cheias de pessoas com doença de Chagas. Eu ajudei a tese do professor eh... Guilherme Rodrigues da Silva, que aqui nessa rua por exemplo, a gente tinha famílias que era... o nome da tese dele era '*Famílias com doença de Chagas na cidade de Salvador*'. Então nessa rua era uma das famílias. E as casas eram infestadas de barbeiros. Então a cidade era cheia de barbeiros. Então nós fizemos uma pesquisa junto com alguns colegas do Departamento de Endemias Rurais. Com levantamentos, vendo qual é o índice de infecção, onde tinha mais barbeiro, quem era o barbeiro e baseados nisso conseguimos mandar fazer a profilaxia. A aplicação de inseticida. E controlou! Foi... caiu o índice, daí em diante começou a cair, entendeu? Então era esse tipo de coisa. A gente fazia e podia aplicar, não é? Os trabalhos que eu publiquei com o Mangabeira nós em contra fase fizemos um levantamento de flebotomos aqui em Salvador, na cidade de Salvador. Porque tinha Leishmaniose cutânea. Então não fizemos nada de profilaxia. Era puramente científico o trabalho, era descrição, escrevemos cinco espécies novas existentes aqui na cidade, não é? Até hoje em dia ainda tem uma espécie que está sendo polêmica internacional. Que eles acham que eu devia descrever, (*ri*) mas eu não encontro mais, essa espécie já foi extinta, sabe?

SK- O sr. publicou trabalhos com o Mangabeira só em leishmaniose ou em Chagas também?

IS- Só em leishmaniose.

SK- Só em leishmaniose.

IS- Só. Eu publiquei em Chagas naquele tempo, mas o Mangabeira, ele não queria. Ele não gostava, ele achava que era... "Isso é futilidade, a gente não precisa publicar essas coisas e tal!" Mas eu, jovem precisava, não é? Pois não. Aí eu com muita insistência... ele aí me deu material para eu estudar que ele trouxe da Colômbia e então estava todo intacto onde é que tinha sido descoberto o primeiro caso de leishmaniose visceral na Colômbia. Ele me deu esse material. Eu estudei, esse trabalho fez um sucesso danado lá na Colômbia, não é? Porque nunca, ninguém sabia nada desses flebotomos, mas eu estudei. Com desenhos feitos pelo próprio Mangabeira, todo, ele me ajudou. Mas ele não botou o nome dele não!

SK- Não gostava de publicar. (*ri*)

IS- Não. Não queria não queria mais publicar. Sim, mas o Centro de Pesquisa tinha essa conexão dos três serviços, não é, que o IOC saiu, e eu então, como o IOC saiu, eu era do IOC,

eu tive que me transferir para o Instituto Nacional De Endemias Rurais, para poder continuar aqui na Bahia porque senão tinha o Rocha Lagoa, ficava me chamando lá: “Se você já tá na hora de vir embora para o Rio, não pode ficar aí sozinho e tal, tal, tal...!” E eu não podia, eu já tinha começado a fazer as minhas raízes aqui. (ri) E ele tinha deixado esse centro na minha mão, eu tinha prometido ao Mangabeira que eu ia cuidar do Centro de Pesquisa. A última pessoa que viu o Mangabeira vivo ainda, fui eu. Ele morreu quase que nas minhas mãos, não é?

SK- Ele morreu de quê?

IS- Ele morreu de cirrose hepática. De tanto beber, não é? E... e ele tinha, os parentes muito importantes. Depois que ele morreu, eu me lembro que eu chorei muito até porque ele me considerava um filho, sabe? E eu não pensava que ele ia me fazer tanta falta. Mas vieram os parentes dele muito importantes, um era presidente da Petrobrás, outro era ministro das Minas e Energia, a outra, mulher dele, era casada com um chefe de importação nos Estados Unidos, a irmã dele... Eu sei que foi aquele pessoal de alto nível aqui e tal. E só quem estava chorando era eu e... me esqueço o nome. Bem, aí eh...

WH- É. Pois é, porque outra coisa que me intrigou é que justamente quando morre o Mangabeira, que esse centro de pesquisa vai ser transferido para o INERu, o sr. é contratado pelo IOC, não é, como bolsista.

IS- É. Eu fui...

WH- Como biologista. Perdão.

IS- ... biologista. É.

WH- E aí o sr. teve que ir para o Instituto, se transferir para o Instituto para poder ficar.

IS- Para poder ficar aqui. Mas logo em seguida... foi em 65, sessenta e... ele foi englobado de novo. Foi englobado o INERu pelo IOC, voltei a ser do IOC de novo!

WH- Isso em 70?

IS- É. Eu passei o...

WH- Que virou Fundação, não é? O Instituto virou Fundação e aí incorporou...

IS- É. Foi em 70 é?

WH- 1970.

IS- Não foi um pouquinho antes não?

WH- Não. 70.

IS- Pois então eu fiquei até esse tempo, alguns anos ainda do IOC, mas o Rocha Lagoa me pressionando para eu voltar, eu voltar... Calcule o Rocha Lagoa, quando foi isso.

WH- 64... até 69.

IS- Até 79?!

WH- 69.

IS- É, então foi isso. aí ele começou a me pressionar, pressionar. Aí quando passou a... 70, não é, englobado pela Fiocruz, aí eu pedi a minha remoção para a Fiocruz porque eu iria ficar aqui. Mas nesse período já tinha me acontecido uma coisa muito diferente para modificar os rumos da minha vida, sabe? Foi que o Samuel Pessoa veio ficar aqui e ele ficou aqui e quando chegava a hora de almoçar e jantar, eu não tinha dinheiro para comprar comida, não é? Aí é claro que eu era estudante de entomologia, quer dizer, especialista em entomologia, tinha um... uma bolsa que ainda não tinha sido decidida exatamente, depois foi no finalzinho do ano que eu ganhei um emprego melhor lá no IOC...

WH- Quer dizer, até então o sr. ganhava pouco. Tinha um salário...

IS- É. Pouco. Aí ele chegou para mim e disse: “Mas Sherlock, você largue essa porcaria! O Brasil não precisa disso! Você é um jovem com uns 40 trabalhos... – que eu tinha mais ou menos uns 30 a 40 trabalhos – ... publicados! Você não pode ficar assim! Você tem que fazer uma especialização médica enquanto você está se formando novo e tal, etc!...” Todo mundo acha, é muito interessante, que ele é um parasitologista, um cientista e me encaminhou a fazer medicina pura, não é?! Aí o que é que aconteceu?

WH- Aí é que entra otorrinolaringologia na sua vida, não é?

IS- Pronto. Mas aí é a otorrino entrou de uma maneira muito engraçada e teve vários outros acontecimentos porque para mim só tinha um problema, um problema de ordem vamos dizer, quase que política do ponto de vista de que aqui na Bahia, como lá no Rio também, as cadeiras... as cátedras são quase que umas capitâncias hereditárias que são transmitidas para parentes, sobrinhos, não sei quê... Como é que eu ia entrar numa? “Qual é Sherlock a especialidade que você ganha mais dinheiro? Você tem que fazer essa!”

WH- Samuel Pessoa lhe dizia isso?!

IS- É. Dizia! Ele estava revoltado com essa história dessa revolução de 64, não é, ele e a dona Jovina. Aí fomos ver, era: oftalmologia, otorrinolaringologia, ginecologia e obstetrícia e pediatria. Ginecologia, obstetrícia e pediatria para mim era muito difícil. Oftalmologia talvez ia e tal. Aí eu tinha um colega de turma que era sobrinho do professor da cadeira de otorrinolaringologia. Então ele ia se formar, ia para lá. Eu perguntei para ele se eu não podia entrar com ele para fazer... internato, nesse tempo era internato não era residência não. Aí ele: “Só você falando com o meu tio que é o catedrático...” Aí eu fui falar com o tio dele, ele

disse: “Olha, para você entrar aqui você tem que se submeter a fazer os testes de... para ver se você tá capacitado...” Aí eu: “Professor, pelo amor de Deus, tem que fazer os testes de otorrino, o que é que eu faço?!” “Ah, não, você vai fazer e tal!” Aí eles me escolheram para eu falar sobre a pirâmide nasal. Eu nunca me esqueço disso, foi muito interessante essa coisa. A pirâmide nasal...

WH- O sr. já estava formado.

IS- Já. Médico recém-formado!

WH- Recém-formado.

IS- Só ia entrar para fazer o internato...

‘WH- Só foi depois de 63. Isso.

IS- É. Tinha um detalhe: naquele tempo a gente só trabalhava um expediente. Eu não sei se vocês se lembram disso. Trabalhava de meio-dia, ou era de uma às seis horas da tarde. Aqui a gente trabalhava de uma às sete horas, parece. Viu? Senão me engano era assim. Era só meio expediente. Lá no Rio também era a mesma coisa. Bem, aí então eu tinha a minha manhã toda livre que eu podia fazer o que eu quisesse, não é? Aí eu falei para o professor, ele: “Não se incomode que nós vamos lhe preparar que você vai fazer essa primeira aula muito bem. A gente tinha que dar três aulas sobre o assunto, não é? sobre... para eles, aulas para os assistentes, ele e tal. Então eles me escolheram assunto pirâmide nasal. Eu digo: “Ave Maria! Não tem nada para gente falar sobre pirâmide nasal!” “Tem, tem!” Aí eles começaram a me instruir, até hoje ainda tenho – não tá por aqui não – mas tenho as fotos que eu utilizei para começar a aula (*ri*). Pirâmide nasal, você tem só duas cartilagenzinhas aqui e tem uma carnezinha mole que ele muda de jeito, as mulheres arrebitam, puxam... elas pintam e bordam com o nariz. Tem quase nada de importância. A leishmaniose às vezes come a pirâmide nasal. Mas para eu passar 40 minutos falando sobre isso, como é que eu ia fazer? (*risos*) Aí resultado, ele: “Não....!” O professor já era, lá de otorrino, já era bem velho, aí ele pegou começando quando eu entrei na aula, eu desenhando... os desenhos, eu fiz as ilustrações, tudo eu mesmo desenhei. Tudo, viu?! Aí entrei falando das pirâmides: Keops, Kefren e Miquerinus. (*risos*) Sobre a história da humanidade, aí falando sobre as pirâmides e tal, depois falei da mudança do curso da história do mundo porque Cleópatra se apaixonou, aliás, Marco Antonio se apaixonou pelo nariz de Cleópatra, que tinha uma pirâmide nasal do tipo retilíneo, belíssima, tal, tal, tal... Isso o professor da cadeira com duas bolas de olho, olhando... (*risos*)

WH- Mas aí foi o Dr. Samuel Pessoa que...

IS- Que ele e a dona Jovina...

Fita 2 – Lado A

IS- (ri)... Mas tudo bem, escuta essas besteiras que não tem nada. Aí eu sei que o professor se levantou ao final da aula, me aplaudiu de pé. (*bate palmas*) Me aplaudiu, aí disse: “Nenhum dos meus assistentes deu uma aula tão boa como você..., como esse jovem fez agora!” Isso para mim foi um choque porque acho que me criou um atrito com os outros assistentes, não é? Em resumo: ele me passou outra aula para eu dar: pavilhão na orelha. “Agora o que é que eu vou falar sobre essa bola de carne que tem aqui?!” “Professor Samuel Pessoa o que é que eu faço?” “Não tem nada!” Fizemos um estudo embriológico evolutivo da orelha desde os animais primitivos até tal. Quem é que ia se lembrar de fazer disso, lá numa escola normal, não é?! Aí o professor e a dona Jovina, eu dava aula para ele, “Não, é assim, assado...” Eu sei que a aula terminava falando que tem um musculozinho no pavilhão da orelha que os jumentos, cachorros movem e viram a orelha para onde querem, não é? Então alguns homens...

WH- Conseguem...

IS- ...ainda têm um resquício dessa musculatura. Aí eu terminei a aula falando isso.

WH- Eu já vi uma pessoa que mexia a orelha.

IS- Pois é. Aí o professor se levantou, olha para mim, as orelhas dele ‘Tsss!’ Aí não precisou dar mais nenhuma aula, eu entrei no curso, eu já tirava garganta de mosquito em microscópio. Para tirar garganta de gente, não tinha problema nenhum! A cirurgia, eu era, sou muito habilidoso...

WH- Amígdala, não é?

IS- Amígdala, nariz, ouvido, tudo que operava com a maior da simplicidade! Operei milhares de gente, fiz uma clientela, nunca morreu um paciente meu, com mais de cinco mil pessoas que eu operei eh... jovem, brilhante, eu comecei a tomar prestígio, etc e tal. Tinha uma clientela enorme... Porque eu ainda tenho clientes hoje em dia. Eu atendo no consultório.

WH- O sr. continua trabalhando com...?

IS- Continuo. Eu saio daqui cinco horas para ir para lá, viu? Às vezes eu fico até oito horas da noite. Oito horas, nove horas.

WH- Quer dizer então, Dr. Italo, que a otorrinolaringologia como o Dr. Samuel Pessoa lhe recomendou, até hoje...

IS- Não... não...

WH- ...lhe sustenta?

IS- Ah! Sim.... não! Não!...

WH- Mas ela funciona só como sustento...

IS- Deixa eu lhe dizer...

WH- ...ou o sr. tem um...

IS- Tenho não.... Não...

WH- ...uma paixão aí também?

IS- Não... não...

WH- Porque pela impressão que dá é que o sr. foi fazer otorrino para...

IS- Empurrado.

WH- ...se sustentar, não é?

IS- E foi verdade. E não só a mim. Aí é que tá, o outro mérito é esse. Que eu ganhava muito dinheiro porque operava cinco pessoas por dia. Ganhava muito dinheiro. Eu visitei o mundo todo. Todas as férias eu saía, tal, tal, tal... por minha conta. Eu dei muito dinheiro aqui para o Centro de Pesquisa Gonçalo Moniz, para os rapazes sem dinheiro, aquelas faltas de verbas, de verba 3 ... porque tinha uma tal de verba 3 que o dinheiro não saía nunca. Ficavam os pobres pais de família aí sem receber um tostão, eu tirava do meu bolso e sustentava. Comprei coisa para aqui... Fiz muito isso, viu? Aí eu sei, mas aconteceu outro fato. Eu fui ser médico para... fiz um contato com a Marinha, atender o pessoal da Marinha, para... - (ri) tudo na ciência, isso me salvou também, não é, de alguma coisa... – para poder atender o pessoal da Marinha e tal. Então eu muito habilidoso, um médico otorrino excelente que eu estava... apesar de no meu íntimo aquilo não me satisfazia não. Verdade até...

WH- É, porque o sr. manteve, o sr. não optou por uma coisa, não é?

IS- Não. Pois é. Até na verdade...

WH- O sr. não disse: “Não, a minha carreira mesma é na otorrinolaringologia ou é na pesquisa...”

IS- Não, não... Não era. Não, não. Eu fui, fiquei assistente da clínica otorrino cinco anos. Larguei porque quis, viu? Era assistente mesmo do Hospital Universitário. Não quis e tal. Mas aí eu fui médico contratado da Marinha e então começaram a ir aqueles capitães... Durante a Revolução de 64! Repare assim, logo depois das coisas. Eu fiz um ano de internato, depois mais um ano de repetição e aí eu ganhei essa fama lá dentro. E passei a atender aqueles coronéis, capitães, almirantes, não sei quê... E um dia a mulher do almirante, chefe aqui da Baía de Todos os Santos, aqui da esquadra, que era o segundo mais importante é a Baía aqui no Brasil, ela morre e então ele fica com uns problemas nasais e tal. Resultado que me chamam para eu ir atendê-lo, eu vou atendo e passo uns tratamentos para ele, não é? Só que tem que aplicar injeção e tal. E... olha que coisa interessante isso, e na verdade o médico não é

que faz isso, é uma enfermeira e eu tinha uma enfermeira chamada Luísa – tomara que ela nunca escute isso! *(ri)*– então era belíssima_a mulher. Eu só me lembro da Luísa, da personagem Gabriela Cravo e Canela. *(ri)* Porque ela era daquele tipo de mulher deslumbrante e tal. Foi dar as injeções no almirante – eu não vou dizer o nome dele não, viu? *(ri)* – e então ele se apaixonou por ela, viu, casou com ela e veio me pedir em casamento. *(risos)* Eu digo: “Eu não...

WH- Ele resolveu os problemas nasais dele. *(ri)*

IS- Nasais e resolveu meus problemas...

WH- Amoroso...

IS- ...políticos. Porque eu tive que responder por que eu escondi o professor Samuel Pessoa um ano aqui.

WH- Descobriram?!

IS- É. Foi denunciado por uma pessoa que eu estava com eles escondidos aqui, ele estava sendo procurado pelo DOPS, viu? De São Paulo.

SK- É. Isso que eu ia perguntar.

WH- Porque o sr. teve eh... já que a gente tá falando desse assunto, o sr. tem essa proximidade com o Dr. Samuel já na sua adolescência...

IS- Já, já, já!

WH- E o sr. disse que ele tinha idéias socialistas, comunistas...

IS- Pois não! Pois não!

WH- O sr. em algum momento eh... se filiou a algum partido ou seguiu uma linha política...?

IS- Não, não, eu... não... Eu tinha só ideias assim de que eu achava que realmente havia assim muita injustiça social e tal. Mas eu nunca fui político realmente. Eu acho, eu sigo mais a linha do que eu acho que é direito.

SK- O sr. não chegou a militar em nenhum movimento?

IS- Não, não. Apesar de eu já ter quando estudante, ter levado carreira de polícia, de cachorro e tal, etc, mas foi por acaso, eu não fui militante político, coisa e tal. Eu protegi, eu achava o Samuel Pessoa um grande cientista, ele tinha as ideias dele, e ninguém podia tirar da cabeça dele as ideias dele que ele tinha e tal, etc! Isso foi que, inclusive, eu me lembro que o coronel que me... me inquiria, ele ficava com a bengala, pá! “Você tá arriscado...!” Eu estava arriscado nada! Eu não tinha, eu dizia: “Não, eu acho que o professor Samuel Pessoa ele veio

para cá, ficou trabalhando comigo, nós publicamos trabalhos científicos e tudo, tal, etc. Ele, se ele tem as ideias socialistas dele, não tem problema nenhum! Ele...

SK- E ele... ele saiu de São Paulo então, quer dizer, fugindo da... do DOPS e veio direto para cá?

IS- Ele ficou escondido aqui. Eu não sei qual mecanismo foi, que ele saiu direto... eu sei que ele ficou aqui...

SK- Ele ficou um ano aqui com o sr. que o sr. falou.

IS- Quase... Não, foi menos de um ano.

SK- Mas algum tempo.

IS- Foi muito menos. Não foi nem o ano de 64 todo não. Ficou um pouco, viu?

WH- Mas foi em seguida, depois do... do...

IS- Da Revolução!

WH- ...da Revolução.

IS- Foi. Exatamente. Da Revolução de 64. Eu tive que... eles ficaram tão... passando tão mal, ele ficou dodóizinho – já estava velhinho, não é? A dona Jovina já bem velha, assim uns 70 anos, 60 e tantos anos... começou a... estava se tremendo toda, ela pegava o bule de café não conseguia mais segurar... Então ela que fazia, me ajudava com a comida... (ri) Eles que passaram a me sustentar praticamente. Ao invés de ser o contrário e tal, eles me ajudavam. Isso até na fase em que eu fiquei independente, não é?! Eles... no período que eles estavam comigo aqui, eu ainda era estudante praticamente. Eu estava fazendo o estágio, internato e tal, etc. Entendeu? Aí eles mandavam, os filhos deles mandaram dinheiro para mim, eu recebia e dava a eles, não é? Eu que guardava o dinheiro para eles...

WH- Nessa época estavam escondidos...

IS- Aqui.

WH- ... na sua casa.

IS- Escondidos na verdade, eles estavam, vamos dizer, disfarçados. Porque eles saíam também às vezes. Eles, eu me lembro que eles saíram tomaram um táxi e então o táxi atropelou uma pessoa... ah! Eles tinham que fazer um depoimento na polícia, eles fugiram, não foram fazer! Fugiram...

SK- Que situação, não é?

IS- Pois é. Aí eu fui, quando o negócio ficou preto, eu soube que eles tinham sido denunciados, eu corri para São Paulo: “Vão lá em Salvador pegar o professor que ele vai ser preso agora lá, vai ser pior do que aqui! Porque aqui tem vocês.” Eles têm três filhos lá em São Paulo: médico, engenheiro e uma filha professora...

SK- E eles conseguiram escapar?

IS- Vieram para cá, vieram de noite, saíram escondidos e tal. Aí depois eu fui responder isso aí. Fiz um relatório danado dizendo o que era, mas não deu em nada! E eu estava protegido...

SK- Pois é, isso que eu ia falar. Essa relação com esse almirante...

IS- Pois é! Pronto.

SK- ...foram boas porque...

IS- O almirante ia namorar no meu consultório. (*risos*) Iam com arma, botavam aqueles guardas de metralhadora na porta...

SK- Então o sr. deve a essa Luísa... o sr. deve a essa Luísa essa... essa sorte.

IS- A Luísa era tão minha amiga, eu que era... minha auxiliar. Eu inclusive operei a garganta dela... (*ri*) eu nunca me esqueço que eu não sabia que ela usava dentadura postiça, não é... (*risos*) postiça. Então ela: “Dr. Italo, eu vou lhe pedir um grande favor. O sr. não deixa o almirante me ver sem dente não!” (*risos*)

WH- Mas ele roubou-lhe a enfermeira.

IS- É. Ela casou-se...

WH- Ou ela continuou trabalhando?

IS- ...mas você sabe, depois ela teve grandes problemas... Não! Ela era de alto nível! Ela passou a ser a primeira dama da Marinha. Mas então foi um problema isso, porque esse almirante tinha filhos militares importantíssimos lá no Rio e as... mulheres não aceitaram a primeira dama(*ri*). Então fizeram até que ela teve que ser transferida daqui e deram o cargo à outra pessoa. Eu... houve isso aí. Mas eh... foi formidável, não é, a Luísa. A Luísa sumiu, não é? Nunca mais eu ouvi falar, eu ouvi falar que ela depois tinha tido um filho... ele já era velhotão. Ela tinha tido um filho com ele que era até débil, não é? E então foi isso aí. A outra coisa é que foi interessante... Bem, continuou um desses ínterim, eu nunca deixei de ficar aqui no Centro de Pesquisa, minha tarde toda era dedicada a ele. Continuei a trabalhar, a arranjar bolsas de pequenas ajudas de laboratório, cavar pequenos projetos com um grande esforço, porque era uma dificuldade muito grande para poder manter os andamentos dos trabalhos. Mas nós tínhamos um acervo muito bom, porque o Mangabeira tinha deixado carros eh... várias viaturas, um prédio próprio...

SK- Era aqui mesmo?

IS- Não, não. Fui eu quem trouxe para aqui.

SK- Aonde era o Centro originalmente?

IS- Ficava desapropriado para o Centro de Pesquisas da Bahia do Instituto de Endemias Rurais. Então a Fiocruz perdeu isso porque criou um grande prédio de luxo num bairro chamado Graça, que está lá, nós nunca ocupamos. O serviço...

SK- Mas o prédio original do Centro da Bahia era aonde?

IS- Na Graça! No bairro da Graça. Mas aí o Instituto de Endemias Rurais, o Departamento de Endemias Rurais, tomou o prédio, ocupou e então nós ficamos sem sede, sabe? Aí resultado: eu consegui instalar o Centro de Pesquisa na Fundação Gonçalo Moniz, que estava ‘balança, mas não cai’, para se acabar. Eu consegui instalar uma parte lá do prédio. Mas também não deu certo porque a Secretaria de Saúde queria transformar numa outra coisa lá que eu não sei o que era. Aí então isso, esse terreno aqui era abandonado, não tinha nem calçamento, era tudo lama aqui, a estrada era de lama e tal. Mas aí eu consegui vir, que eles dessem uma parte de um antigo prédio que tinha aqui construído pelos alemães durante a Segunda Guerra, que estava ocupado. Nós restauramos alguma coisa e viemos para cá. Não me lembro de cabeça se foi 1974 ou 1975, por aí. Posteriormente houve várias mudanças. O Governador do Estado era Roberto Santos, o Estado estava falido, ele queria vender esse lugar aqui, era lugar de luxo, certo? Então os terrenos são valiosíssimos, aqui só tem prédios de luxo. Não sei se vocês viram isso aí. Então um dos lugares de prédios de luxo é aqui. Ele achando que loteando isso aí ia dar um bom dinheiro para o Estado, não é? Pôs à venda aqui. Então pondo à venda aqui...

WH- Esse terreno é do Estado?

IS- É. Nós estamos aqui através de um comodato de 30 anos que foi assinado no meu tempo como diretor ainda. Aí é que entra a história do pessoal que quer apagar a história verdadeira, viu, e que infelizmente isso é um problema sério. Que a pessoa que quer fazer isso, não precisava disso, porque ele tem tanto prestígio, tanta coisa boa ali na vida dele... Mas eu sei que eu fui falar com o deputado, com... com muita gente... O governador Antônio Carlos Magalhães que tinha sido eleito, ainda era inimigo do Roberto Santos que estava o governador atual, da atualidade eh... eram brigados e tal. Então o Antônio Carlos Magalhães iria assumir no começo do próximo ano disse que ele não vendesse isso, porque se ele vendesse o Antônio Carlos desapropriaria. Aí foi... tomou isso como uma briga entre eles, não é? Aí o resultado é que não venderam. Aí a Fiocruz se intrometeu, eu tinha já arranjado um comodato para ser assinado, mas houve essa história de vender e não deu certo. Então a Fiocruz se intrometeu, já foi, entrou um novo ministro, não sei quê... O Antônio Carlos Magalhães fazendo daquilo como uma coisa dele e resolveu dar um dinheiro para cá, a Fiocruz dar o dinheiro e ele cedeu o terreno fazendo o comodato, foi aí 1980, até isso eu era o diretor aqui. Entrou o professor Zilton Andrade para me substituir como diretor. Eu mesmo não tinha capacidade para ser diretor! Eu achava que devia ter uma pessoa de prestígio para diretor, porque eu não sou um administrador, eu sou um pesquisador e tal, etc. Aí entrou o Dr. Zilton Andrade que passou

então depois, melhorou, construiu, teve apoio oficial, teve tudo e tal! Inclusive do presidente da Fiocruz que foi Guilardo Martins Alves, que era baiano também...

WH- Nessa época era o Guilardo.

IS- Pois é. Ele era baiano, ele entrou como presidente por causa desse negócio aqui também, porque ele era vice-presidente só, aí aproveitou...

WH- Na época do... Dr. Vinícius da Fonseca.

IS- Vinícius Fonseca. Vinícius da Fonseca então... Sim! Teve um negócio interessante foi o presidente Ernesto Geisel, ele saiu nos jornais que: “Iam fechar esse Centro de Pesquisa! É um absurdo! A Bahia...” Eu tinha recebido um prêmio de uma pesquisa que foi feita...

WH- Porque... isso foi antes de... de ser incorporado à Fundação? Não.

IS- Não, já depois!

WH- Já era incorporado.

IS- Já 1970, 80... 9 anos depois...

WH- Mas eu não consegui entender uma coisa, Dr. Italo, que o sr. está falando... Enfim, eu fiquei... não ficou muito claro para mim. Quais eram exatamente os conflitos, o sr. ... – se o sr. quiser não precisa citar nomes – mas o sr. já falou do Otávio Mangabeira ter tentado a Fundação Gonçalo Moniz e aí teve problemas...

IS- É... é...

WH- E que aqui depois da Revolução ficou nessa situação que não se sabia muito bem se ia continuar... problemas de recursos...

IS- É....

WH- Qual era exatamente a...

IS- Gente querendo tomar as coisas e tomaram muita coisa.

WH- Pois é. E qual era exatamente o conflito? Era um conflito científico de orientação em relação a esse Instituto...? Ou a Fundação no caso... era conflito político mesmo, de...? Política no sentido que a gente pensa: política partidária, de interesse... O sr. podia me explicar um pouco?

IS- Ai meu Deus do céu! Isso aí é um lugar tão espinhoso que eu... eu... que eu realmente tenho que omitir muita coisa. Mas é muito espinhoso. Mas é, envolve...

WH- Mas de um modo geral assim, para um... para você me dar uma ideia. Porque o sr. fala e eu não consigo...

IS- Você não fica sabendo nada. Então...

WH- Eu não consigo compreender o que o sr. está querendo.....

IS- ... eu vou te falar bem superficial assim, para ver se não consegue identificar as pessoas, viu? Então, primeiro: inveja das coisas. Quando então eles veem, muita gente vem, ou fazendo algo e não tem capacidade de fazer, então quer destruir os outros. Primeiro é isso aí. Essa é a filosofia mais verdadeira. Então como é que vem uma pessoa que a gente já está aqui há anos, chega uma pessoa nova aqui e acha que ele é o dono da bola. Que ele não deu certo em outras partes também, essa pessoa não deu certo em outras partes, então ele encontra um lugar que ele acha que é fraco, que era mesmo e toma, usurpa todas as coisas, os direitos que tem. Que prestígio tinha eu que nem daqui não era, que era um jovem que qual era a política que eu podia lutar contra a pessoa? Mas mesmo assim eu enfrentei e lutei muito! Porque eu tinha a meu favor a juventude, viu? Agora isso já faz 40 anos, 30 anos, 40 anos, eu já... já... cansei!

WH- E foi quando o sr. assumiu a...

IS- Foi. Tem 25 anos isso. De 80 para cá quantos anos tem? 20 anos, não é?

WH- 20 anos.

IS- É. Pois é. Mas foi um pouquinho antes de 80 que começou...

WH- Pois é, mas já antes o sr. me disse, o Dr. Mangabeira tentou a Fundação Gonçalo Moniz e não... não funcionou, teve problemas.

IS- Problemas diversos. Você vai lá ler no... aí você pode ler...

WH- É o mesmo... é mesma cara, não é?

IS- É! Teve... inclusive o Dr. Mangabeira, ele sentiu muito, sofreu muito, porque ele teve, ele era querido pelo povo em geral, pelas pessoas... – o Mangabeira Filho que eu estou falando, não o velho, pai! ...

WH- Sim, sim.

IS- E ele então, fizeram um abaixo-assinado lá que somente seis técnicos graduados – isso tem um documento escrito, não é? – seis técnicos graduados assinaram esse documento dizendo que o Mangabeira tinha desviado as verbas e tinha feito, desviado o destino da Fundação. Foi ele que criou a própria Fundação! Como é que ele teria feito isso? Ele ficou desgostósíssimo! Junto com o problema sentimental que ele teve, ele só tinha mesmo que beber para se acabar, não é? Mas como o pai interferiu e tal, ele não se acabou. Então vamos

dizer, dos seis graduados, todos os outros funcionários que eram 196, fizeram um abaixo-assinado dizendo que aquilo não era verdadeiro! Tal, que apoiava, tal, etc... Mas ele se desgostou daquilo e então afastou-se. Foi aí que ele criou o Centro de Pesquisa Gonçalo Moniz. Como ele era muito, poderoso, importante, o pai por detrás, a família importantíssima, enquanto ele estava vivo não mexeram! Mas assim que ele morreu tomaram tudo! Tá entendendo ou não?

WH- Estou, claro!

IS- Tomaram os carros, tomaram o prédio próprio, tomaram os microscópios, tomaram tudo que podiam tomar! Deixaram só o resto das coisas. Eu... não... começaram a me pressionar para me tirar daqui, tirar os outros funcionários, distribuir – coitado – não sei quantos lá, tinha uns 40 funcionários...

WH- É o Dr. Rocha Lagoa não ficava lhe pedindo... para voltar para o Rio?

IS- Pois é. Mas e os outros funcionários que já eram funcionários?

WH- E aí esvaziou, não é?

IS- Hem?

WH- Depois a morte dele ficou um pouco esvaziando aqui?

IS- Aí ficou esvaziando. Esvaziou um pouco. Esvaziou muito!

WH- O pessoal começou a requisitar, não é?

IS- Já. Ficou saindo daqui, indo para ali, levando gente para cá... e essas coisas assim. E foi isso. E então, depois quando, que eu já não aguentava mais, o... eu tirei um prêmio com um trabalho publicado sobre os Vetores da Doença de Chagas na Bahia e tal, e então eu ganhei uma medalha de ouro, uma medalhona ali belíssima, o prêmio Gerhard Domack e...

SK- Como era o nome do prêmio?

IS- Gerhard Domack. É Gerhard Domack. É alemão isso.

SK- E é concedido por que instituição isso aí?

IS- Não, já... era pelo Laboratório Bayer, não é? (*ri*)

SK- Ah, sim!...

IS- Junto à Sociedade de Medicina Tropical. E então esse prêmio foi uma repercussão muito grande assim e tal... E tal, falou, isso aí foi que chamou a atenção do Ernesto Geisel. Isso eu soube porque eu tive que falar secretamente numa reunião a respeito disso, não é? Eh... que

essas coisas eles não publicam não, não é? E então esse, você sabe que a Lucy Geisel... – ela morreu até agora há pouco, não foi?

WH- Morreu recentemente.

IS- Pois é, não é? Ela tinha muito interesse em ciência. Você sabe que a Fundação Oswaldo Cruz, o Instituto Oswaldo Cruz, deve muito a ela, porque foi ela que pediu ao Ernesto Geisel para que melhorasse aquele instituto. Tomasse conta daquele Instituto. Eu não sei se vocês sabem disso. Vocês sabem que tem um monumentozinho lá para ele, não tem? Não sabe disso?

WH- Não. Nunca vi.

IS- Pois tem. Apesar dele ter sido um militar, revolucionar, você quer odiar e tal, essas coisas todas, mas ele fez as coisas. Mas aí, eu sei porque eu tive que responder esse negócio, fazer eh... esse inquérito que fizeram para mim: por que razão estavam querendo destruir esse Centro de Pesquisa aqui? É porque, os jornais começaram a alardear que o governador ia vender, não sei quê, tarará, tarará... Dr. Sherlock foi chamado para responder perante o federal, o delegado federal de Saúde e uns dois cupinchas lá militares. Aí eu disse: “Olha, eu na verdade, *(ri)* eu não sei muito bem explicar não. Eu acho que é porque querem tomar o acervo, patrimônio, essas coisas todas.” Eu, na verdade, eu só acho que foi isso mesmo, sabe? Falta de capacidade de outras pessoas fazerem as coisas e não podendo subir, baixa os outros para pensar que estão subindo. Isso o Mangabeira me dizia que era isso, essas coisas. Ele que me ensinou isso. Contava a história de um Judas – não sei se vocês sabem – que é um Judas que enebam um pau e bota um boneco de pano lá em cima como, com o bolso cheio de dinheiro e manda subir no pau para tirar o dinheiro. Quando tá chegando, ele chega e puxa a perna. Ele falava dessa história para mim e tal, sabe? *(ri)* Mas então é isso aí. Então a razão... qual é a razão? Eu poderia citar nome? Não. Eu não quero mexer com as coisas assim, certo? Então eu sei que chegou gente, o Dr. Zilton foi depois de mim o diretor aqui... mas não foi ele que fundou o Centro de Pesquisa como ele disse não. O Centro de Pesquisa foi fundado pelo Dr. Otávio Mangabeira Filho, foi continuado por mim durante 18 anos, com grande sacrifício que eu tive para manter isso. Botei dinheiro do meu bolso, mantive e tal, etc. Os... os funcionários gostavam muito de mim aqui. Aí depois, quando entrou o Dr. Zilton, teve uns que foram politicamente opostos a mim, mas eu nunca quis mais nunca nem aparecer nisso. Fiquei eh... reduzido a minha insignificância, aqui no meu cantinho, apenas para o...

WH- Você é chefe do laboratório aqui...

IS- Sou.

WH- ...de parasitologia.

IS- Mas que o menos prestigiado é esse.

WH- Dr. Zilton, eh... perdão, Dr. Italo, é verdade que a gente tem ainda milhares de assuntos para conversar, mas...

IS- Mas tá na minha hora, não é?

WH- Eu quero, eu queria saber se o sr. pode ficar mais um pouco...

IS- Não, não posso não...

WH- ...ou se a gente pára e...

IS- Eu posso ficar mais uns cinco minutos só.

WH- ...e volta amanhã.

SK- Mas talvez então, eh... nos cinco minutos então que o sr. tem, uma última pergunta relacionada a isso, quer dizer, durante esse período que o sr. ficou diretor aqui do Centro, não é, 18 anos, que o sr. falou...

IS- 18 anos que eu fiquei.

SK- Eh... a identidade um pouco, desse centro de Pesquisa permaneceu segundo orientação do Mangabeira? Quer dizer, o sr. falou que procurava fazer pesquisa nessa área de, em algumas doenças, não é?...

IS- Era... permanecendo...

SK- ...e produzir dados que pudessem...

IS- Não.

SK- ...subsidiar campanhas de profilaxia...

IS- Sim, certo, exatamente.

SK- ...para Chagas e leishmaniose...

IS- É, permaneceu sabe porquê? Porque a gente era ligado ao Instituto de Endemias Rurais que tinha um objetivo prático. Ele não permaneceu exatamente como a filosofia de Mangabeira, que era mais uma filosofia puramente científica.

SK- Se encaminhou mais para o sentido aplicado, não é isso?

IS- Aplicado para gente poder se manter.

SK- Em função da relação com o INERu.

IS- É. Que tinha que se manter. Então a gente fazia trabalhos aplicados desse tipo, de controle de doença de Chagas, tenho vários trabalhos publicados utilizando inseticidas, essas coisas. Eh...

SK- Na Ba... Aqui no Estado?

IS- Aqui no estado.

SK- Pegava o Estado todo?

IS- É. Todo. Estado todo. Eh... sobre doença de Chagas, sobre leishmaniose... Então eu... assolava muito a leishmaniose, eu me dediquei a estudar muito leishmaniose, que já vinha com a parte de Mangabeira e dos Deane comigo e tal. Eu lancei teorias aí que está sendo até... confirmada e aceita a periodicidade da leishmaniose visceral foi eu que idealizei e lancei. E tá se sabendo que de 10 em 10 anos nós temos surto de leishmaniose. Eu, nós descobrimos aqui um reservatório não canível, pela primeira vez no mundo, marsupial, ele é o reservatório de leishmaniose visceral e depois que nós descobrimos aqui, foi descoberto, foi encontrado na... na Colômbia e 40% desse marsupial é infectado realmente, é um bom reservatório. Mas estudos estão para ser feitos aí. E várias coisinhas assim que nós andamos contribuindo para...

SK- Certo. E o sr. saiu daqui, deixou a direção em que ano?

IS- Em 80 e... Tem a portaria de Dr..., do presidente da Fiocruz, publicado no boletim da Fiocruz eh... “Desligando o Dr. Italo Sherlock da chefia do Centro de Pesquisa Gonçalves Moniz”. Logo na mesma página: “Nomeando Dr. Zilton Andrade como diretor.” Mas depois outra revogando, outro boletim, revogando a direção pelo Dr. Zilton que ele não podia ocupar, porque ele era dedicação exclusiva da universidade. Tinha essa outra terceira portaria. Então, conclusão, eu ainda fiquei mais esse tempo aqui assinando documentos, respondendo como se fosse o responsável aqui.

SK- Quer dizer, então se o senhor saiu já nos anos 80, o sr. pegou então a época... o sr. falou que fazia um trabalho, levantamento de triatomíneos aqui no Estado, enfim, não é, de Chagas. Quer dizer, foi a época no... em 75 a 80, do grande inquérito nacional que foi feito, não é, para Chagas, não é?

IS- É.

SK- Quer dizer, esse trabalho que o Centro fez se relacionou de alguma maneira a esse inquérito nacional?

IS- É, a gente... a gente colaborou bastante eh... na parte de vetores e também um pessoal que trabalhava aqui, o Dr. Geraldo Leite que hoje em dia é diretor da faculdade de medicina, ele era médico daqui, do nosso serviço. A dra. Vanise Macedo...

SK- Ah, Vanise...

IS- ...que também era médica daqui, do Centro de Pesquisa Gonçalo Moniz. O Dr. José Carlos que depois com a entrada do Dr. Zilton, ele saiu e tudo. Eh... Dr. José Carlos Bina, que também era ...

SK- Pina?

IS- Bina de Araújo. Ele é um grande especialista em esquistossomose, ele também foi. A dra. Maria da Glória Teixeira, que era uma especialista em doença de Chagas, também trabalhava aqui, saiu no tempo do Dr. Zilton.

SK- E eles... e esse pessoal colaborou na época nesse inquérito.

IS- Nesse inquérito. E inclusive eu fiz uma coisa muito interessante que é adotada pela OMS, eu fiz um mapeamento dos triatomíneos no continente americano, esse... – muita gente me pede esse para eu publicar, a permissão – que representa exatamente aonde está a doença de Chagas no continente americano.

SK- Certo. interessante.

IS- Fui eu que lancei isso aí e é muito utilizado...

SK- Foi publicado em que ano, Dr. Italo?

IS- Tá até aqui na OMS, por exemplo.

SK- Depois a gente pega. Não se preocupe com isso não.

IS- Tá aqui, ó. Isso daqui, esse mapinha aqui. Aqui o autor sou eu (*mostra o mapa*). A OMS tá aqui, ó.

SK- Ah, tá!

IS- Esse mapinha aqui, você vê isso aí... eu fiz parte dessa comissão também. Mas isso daqui foi tirado de um trabalho meu, viu? Agora, se você vê isso aqui, é onde tem os vetores, viu? Eles acharam muito interessante, então do ponto de vista prático, se você delimita a área dos vetores, você vai ter a área...

SK- Se superpõe exatamente com a...

IS- ...tá aqui, aonde tem a doença.

SK- ...com a doença.

IS- Aí é o inquérito sorológico. Então se você olhar um e outro, você vê...

SK- Ah, interessante!

IS- Então...

WH- Deixa eu ver só que publicação é essa. O Controle de Doença de Chagas...

SK- ...OMS, não é?

WH- OMS. É de? De que ano?

IS- É...

WH- 91!

IS- 91, é.

SK- É, mas eu estava vendo ali aquele seu... foi retirado de um trabalho que o sr. publicou...

IS- Foi retirado de... de...

SK-daquela coleção do Dr. Brenner.

IS- Exatamente. De 79.

SK- De 79. Isso.

IS- Em homenagem a Carlos Chagas, viu? Pois não. Eu estou até com um problema agora com a editora, porque eu... (*ri*) – é um problema! A gente não quer falar mas tem que falar. – mas é... estou... provavelmente vai para a Justiça. Porque eu escrevi um capítulo e então o capítulo veio todo truncado, todo... viu? Então era...

SK- Nessa reedição...

IS- Nessa segunda edição.

SK- ...agora que eles publicaram, não é, que foi reeditado, uma coisa assim.

IS- Pois é. Aí tá muito... foi uma decepção que eu tive aí, não é?

SK- É. A gente na próxima sessão, a gente vai também conversar mais sobre o seu trabalho, quer dizer, os aspectos mais, não é, Dr. Italo, da sua contribuição nas várias áreas.

IS- Pois não. Aí eu também, eu acho que amanhã eu não vou estar com hipertensão, porque hoje eu não tomei o meu remédio de hipertensão. Aí então, para mim, me atrapalha tanto esse negócio, viu?

WH- Então continuamos amanhã?

IS- Amanhã a gente continua, não é? E amanhã... (*interrupção da fita*)

Data: 11/04/2000

Fita 2 – Lado B

WH- Bom, hoje é dia 11 de abril do ano 2000. Até rimou, não é? Estamos aqui na Bahia no Centro Gonçalo Moniz para fazer a segunda entrevista com o Dr. Ítalo Sherlock. Dr. Ítalo, ontem a gente falou um pouco da sua formação, mas a gente não chegou a aprofundar e, aliás, falamos pouquíssimo da sua universidade, da faculdade que o sr. fez, faculdade de medicina. Eh... eu fiquei pensando que o sr. teve uma trajetória... , eu lhe disse isso ontem, bastante original e *sui generis*, não é? De ter começado muito cedo... não é? Enfim, e nesse sentido, a minha curiosidade que ficou foi eh... como foi a faculdade de medicina para o sr.? O que é que ela lhe trouxe em termos de novidade, o que é que o sr. viu? Como é que o sr. eh... fez esse curso de medicina já tendo experiência, inclusive na entomologia, na parasitologia, porque o sr. já vinha trabalhando com isso. Então eu queria lhe perguntar como foi essa experiência na faculdade de medicina?

IS- É claro, com a faculdade de medicina eu atingi o ideal que eu queria de justamente poder lidar com a pessoa humana, que eu não tinha esse direito de fazer antes. Antes eu só podia ir até os animais e insetos. E então sendo um médico, eu pude trabalhar com a pessoa humana e me meter a ver as doenças também, complementando o ciclo então dos vetores, dos reservatórios e o final, o homem, não é? Era isso que eu...

WH- O sr. chegou a trabalhar com tratamento? Já podia trabalhar...

IS- Também. Nós fizemos alguns trabalhos, eu, nós temos vários trabalhos publicados sobre vários aspectos das endemias como: chagas, leishmaniose, esquistossomose... eu tenho um pouquinho de trabalho, eh... peste bubônica, uma outra doença que nunca foi levada adiante, que era uma dermatulose provocada pela picada de inseto, eh... filaríoses também eu andei trabalhando. Então a medicina me complementou, eu atingi aquele a minha meta que seria ser um Deane, que era meu espelho, não é? Depois complementada também com aspectos de Samuel Pessoa, de Mangabeira e de várias coisas que eles me deram para eu também me espelhar e querer imitá-los, não é?

WH- E o curso em si mesmo? Da Faculdade de Medicina da Bahia? O sr. podia contar para nós?

IS- Posso.

WH- Como era esse curso? Quais eram os professores, as matérias fortes?

IS- Muito bem.

WH- Fazer um resumo, não é, desse curso.

IS- Tá certo.

SK- Só para complementar essa pergunta. Como é que era, quer dizer, a importância que era, qual era o espaço que esses temas como... não é, essas endemias: Chagas, esquistossomose... como era o espaço que esses temas tinham no currículo? Quer dizer, na formação médica?

Eram temas nos quais as pessoas dedicavam a sua atenção? Enfim, como é que era a entrada desses assuntos na faculdade?

IS- Interessante, é interessante porque eu na verdade nunca fui um bom aluno, quer dizer, um excelente de primeiros alunos. Jamais eu fui um desses alunos. É claro que eu gostaria de ser. Só no meu curso primário que eu era aluno de primeiro lugar, depois eu não mais fiz isso. Mas em parte talvez isso tenha se devido a que eu além de ter que estudar eu tinha que trabalhar também. Então mesmo com o Dr. Mangabeira Filho, a gente, ele compensava assim, ele era bem exigente, mas era... isso era como que também um ensinamento para os... para os que ele estava orientando. A gente tinha que trabalhar, existia um expediente de oito da noite às onze da noite. Então os alunos de medicina, de veterinária, de odontologia, de tal, etc, que não podiam frequentar o laboratório durante o dia, eles tinham a obrigação de fazer uma produção nesse horário noturno.

SK- E o sr. trabalhava com o quê?

IS- Então eu trabalhava com flebotomos, com barbeiros...

SK- Sim, mas eu digo assim, para se sustentar.

IS- Era isso!

SK- Era isso.

IS- O Mangabeira me deu um salário. Eu já era bolsista no... no Instituto Oswaldo Cruz. Eu ganhava o dinheiro aí. Viu?

SK- Ah, sim.

IS- Então, além disso ele me apoiava também na parte do ponto de vista pessoal. Ele me arranjava, mandava o motorista dele às vezes me deixar na faculdade, eh... e essas coisas.

SK- E ele era seu... qual era a relação? Ele era seu professor na faculdade?

IS- Não. O Dr. Mangabeira não era meu professor, ele era meu orientador no Centro de Pesquisa...

SK- Ah, sim. Claro! Mas ele não era, ele não dava aula na universidade?

IS- Não, não dava aula. Ele não era, não era professor.

SK- E na universidade tinha algum professor que...

IS- Tinha. Isso aí tudo bem. Então é claro que foi muito duro para mim, porque a faculdade de medicina é um negócio muito difícil, a gente tem que estudar muito. E eu me lembro que eu ficava até três horas da manhã, fazendo estudo de livros, dando os livros de medicina para...

então quando tinha provas, um verdadeiro terror para a gente estudante (*ri*), mas eu nunca repeti um ano de medicina. Eu consegui galgar meu curso médico até o fim, sem jamais perder um ano do currículo do curso, não é, de repetição. Mas o... eu gostava muito assim, de muitas matérias eu gostava bastante. Eu gostava de, inclusive quando eu passei a ter contato com as pessoas para o exame clínico das pessoas, eu gostei muito. Eu gostei também muito da parte de bacteriologia, que a gente fazia estudos bacteriológicos, não sei se era porque o professor era muito atraente para a gente, ele facilitava tudo, ensinava... o professor Arundi Pena, então eu gostava...

SK- Como?

IS- Arundi... Arundi Pena.

WH- Arundi Pena.

IS- E eu gostava bastante de frequentar lá o laboratório dele e fazer, ficar fazendo aqueles estudos de bacteriológico e tal, etc. Eh... já o professor de parasitologia que seria o meu ramo, ele praticamente me dispensava de tudo... (*ri*) eu não sei se ele me considerava um parasitologista porque eu já tinha tanto convívio com os parasitologistas, ele não ligava muito até para que nem eu fosse às aulas, ele não ligava muito não. Desculpe aí (*fala de uma pessoa que entra na sala*). Antônio! (*pausa na gravação*)

SK- Consideravam...

IS- Sim. Então ele me dispensava até de frequentar as aulas dele e tal, etc.

WH- Quem era o professor?

IS- Era o professor Alexandre Leal Costa, que por sinal foi um discípulo de Mangabeira e fez uma tese muito interessante sobre os triatomíneos na cidade de Salvador.

SK- Alexandre...?

IS- Leal Costa.

SK- ...Leal Costa.

IS- É. Foi o professor de parasitologia. Ele era mais um professor de botânica, ele gostava mais de botânica do que parasitologia humana. Mas ele era um bom teórico para parasitologia. Não realizava pesquisa, nada disso. Só...

SK- E era uma área forte, Dr. Sherlock, a parasitologia na universidade?

IS- Não, a parasitologia aqui na universidade era muito fraca. Era bastante fraca. Não tinha assim nenhum prestígio especial, nada disso não. Era uma cadeira que não era muito forte não.

SK- E o estudo de Chagas também então não tinha grande projeção dentro da universidade?

IS- Não. Não. Tinha alguma porque da parte, do ponto de vista clínico existia o professor Adriano Pondé, que era um professor de cardiologia – eu não sei nem se ele ainda é vivo, se for ele está muito velhinho – mas ele, fazia, trabalhava em cardiologia e tal. Tinha o Mangabeira que trabalhava em vetores, não é?

WH- Otávio Mangabeira.

IS- Otávio Mangabeira Filho, não é? Que esse era o chefe daqui do Centro de Pesquisa.

WH- Ah, ele era professor de lá também?

IS- Não! Mas ele, na faculdade não tinha, mas ele colaborava assim e orientava o pessoal de lá, tanto que o Alexandre Leal Costa foi o orientador dele.

WH- Porque isso que eu ia lhe perguntar. Quer dizer, o homem do cacife do Otávio Mangabeira Filho, é estranho ele não estar na faculdade, não é? Ele...

IS- É. Mas ele...

WH- Ele tinha um currículo, ele tinha uma importância, não é? Aqui na Bahia e ele não era da universidade?

IS- Não. Mas parece que aquele grupo de Evandro Chagas era um grupo assim meio cientista mesmo, eles não tinham como agora existe essa conexão muito grande de ensino e pesquisa, não é? Naqueles tempos parece que não era assim, e ele seguia a linha dele. Ele se espelhava em Evandro Chagas. Ele tinha uma grande admiração por Evandro Chagas. Vocês sabem, Evandro Chagas, filho de Carlos Chagas, irmão do Carlos Chagas Filho...

WH- Sim, claro!

IS- Então ele, quando perdeu o... Evandro Chagas, ele ficou até um pouco desorientado assim de não saber o que é que fazia e tal, etc. E ele morreu num desastre de avião, não é, o Evandro Chagas...

WH- Isso.

IS- Pois é. Mas eles não tinham conexão direta com a universidade. Eu me lembro que um dia ele foi comigo lá na universidade, foi convidado para participar de uma mesa redonda lá, de um debate lá interno, e ele foi. E ele era um homem muito simples, vestia a roupa cáqui... ele tinha várias roupas de cáqui iguaizinhas, e a mãe dele perguntava: “Mas meu filho, mude essa roupa!” (ri) “Essa não fica suja não?” Ele: “Não minha mãe, eu fico pelado, lavo a roupa...” – ele era muito brincalhão – “depois deixo ela secar...” Ela: “Mas você fica pelado ao invés de mandar fazer outra roupa?” E era ele, ele brincava assim. Mas ele tinha várias roupas de

cáqui, tudo igual, camisa branca e um paletó de cáqui também. *(ri)* E ele então chegou lá na faculdade no meio daqueles alunos... os alunos não o conheciam, viu? E os professores conheciam, quem eram os professores e tal. E pediram, se dirigiram para ele, pediram para ele dar uma opinião sobre uma coisa que eles estavam falando de diarreias, não é? Estavam tratando de diarreia. Aí ele, pela primeira vez, ele meteu essa história lá no grupo de que: “Tem muita diarreia de origem psicológica e tal! Eu mesmo, quando eu fico nervoso, eu fico com diarreia.” *(ri)* Ele falou isso assim, não é? Aí o pessoal ajudou nesse esquema e foi falando para ele. Mas ele não era professor não. Ele não sabia dar aulas assim para classes e tudo.

WH- Mas ele colaborava então com a faculdade, em que sentido?

IS- Ele colaborava pondo à disposição os laboratórios, facilitando os contatos dele para a realização de doutorados no exterior, de mestrado, de especialização. Tanto isso que muitos foram, inclusive o Dr. Zilton mesmo, foi mandado por ele para os Estados Unidos, sabe? Era estudante quando trabalhava com ele e tal.

WH- Ele tinha essa aproximação com os jovens que estavam se formando, não é?

IS- Tinha, tinha.

WH- O sr. disse que ele trouxe para cá gente jovem...

IS- É. Ele queria...

WH- Fazia questão de apoiar, não é?

IS- ...escola. é, exatamente. Ele tinha... ele tinha... esse... essa... desejo de...

WH- Quer dizer, ele não era do quadro, mas o Gonçalo Moniz... na época que não era Gonçalo Moniz ainda, abria as instalações para estudantes virem fazer pesquisa e tal?

IS- Também... também. Quer dizer, tanto a antiga fundação Gonçalo Moniz era aberta para os estudantes que ele conseguiu fazer lá a segunda escola, que ficou famosa aqui, de tropicalistas eh... Doenças Tropicais, da Bahia.

WH- Ah, o sr. nos falou!

IS- Foi... foi ele que criou lá na Fundação Gonçalo Moniz.

WH- Que ele também criou, não é?!

IS- Ele quem criou! Pôs todos os alunos.

SK- ...Deixa eu tirar uma dúvida a respeito dessa Fundação, Dr. Sherlock. Essa fundação era o quê? Uma Fundação privada, qual era o estatuto dessa Fundação? Ele criou, mas ela... como é que ela funcionava?

IS- Olha, existia na Bahia um antigo instituto, Instituto Oswaldo Cruz de Saúde Pública. O nome dele era Instituto Oswaldo Cruz. Então deixou de funcionar, decadência total. E o pai dele era governador, era um homem de visão muito larga, não é, e então ele tendo terminado os trabalhos, o Otávio Mangabeira Filho tendo terminado os trabalhos, voltou para o Rio de Janeiro, da Amazônia... Porque ele gostava de fazer trabalhos de excursões, de viagens...

SK- O sr. falou. Com o Evandro, não é?

IS- Pois não. Com o Evandro e tal. Ele voltou para o Instituto Oswaldo Cruz que provavelmente não era o que ele queria. Ele queria mesmo era outra coisa fora. Então eh... eu não sei, isso aí eu ainda não cheguei, mas eu imagino que ele tenha sido indicado, contactado pelo pai: “Por que é que não vem para a Bahia e melhora esse Instituto e tal?” “Como melhorar se não tem dinheiro e tal?” Então tinha um pessoal muito rico... – É esse retrato aí, ó! Gonçalo Moniz. Aquele retrato é do tal do Gonçalo Moniz, viu?

WH- Quem era o Gonçalo Moniz?

IS- Gonçalo Moniz era um médico que tem até na Fiocruz um descendente dele lá que trabalha no Rio. De uma família nobre aqui da Bahia, riquíssimo, casado com a filha de um pintor, Rescala. Esse retrato é... também era muito rico. E então ele era professor de Higiene na Faculdade de Higiene. Mas diz que ele tem uns diários escritos à mão, é muito interessante e tá guardado por aí, não sei onde está. Que ele descrevia a peste, a epidemia de peste bubônica aqui na cidade de Salvador, é muito trágica a gente lendo ali, é manuscrito por ele, ele falando sobre os cadáveres na Ladeira da Montana sendo, as pessoas quase vivas sendo comidas pelos ratos e tudo. Ele descreve tudo isso aí. Bem, ele era um professor de...

WH- Isso é epidemia é o quê? Do início do século?

IS- Foi. Era epidemia de...

WH- Foi no século passado, início desse século, não é? Aqui na Bahia.

IS- É. De peste, de peste bubônica. Peste bubônica. E então ele descreve isso aí e tal. Então ele trabalhava, mas diziam que ele era anti-didata. Ele começava a falar na... conversar nas aulas de Higiene até o último aluno sair ou ficar dormindo... (*ri*) é quando ele parava de falar na aula. Ele dava duas, três, quatro horas de aula, consecutivas. Falando, falando, falando... diz que iam saindo, iam saindo, iam saindo, ficava só um ou outro, aí começava a cochilar, dormia, aí ele parava. Então ele era um... mas era, tinha uma cultura muito boa, provavelmente, era de uma família rica, então que resolveu doar dinheiro para fazer uma Fundação, não é? Fundação Gonçalo Moniz, que serviu para ser o Instituto de Saúde da Bahia, para substituir o Instituto de Saúde Bahia. Então é claro, o Mangabeira imprimiu nessa Fundação um estilo moderníssimo de orientação que ele tinha estado nos Estados Unidos, ele

vinha do Rio, não sei que e tal. E ficou muito famosa essa Fundação, tinha até revista que eles publicavam, Boletim da Fundação Gonçalo Muniz, muito famoso, era requisitado até no mundo inteiro. Eu sei que no Brasil, eu me lembro que eu era menino quando ganhei um Boletim, eu fiquei felicíssimo e tal.

SK- E ela foi criada então mais ou menos em que época... anos...?

IS- Ah, deve ter sido 49...quarenta e... por aí.

SK- Final dos anos 40.

IS- É. Talvez vocês, aqui tem uma das cartas da Dra. Sônia, ela confunde Centro de Pesquisa Gonçalo Moniz com Fundação Gonçalo Moniz e... que muita gente confunde, e então ela fala da data de criação, tal, tal. Mas é claro que ela imaginou, ela fez um retrospecto de quem criou isso aqui foi a Fundação Mangabeira pela Fundação Oswaldo Cruz. Mas não foi. O Centro de pesquisa Gonçalo Moniz tem o nome Gonçalo Moniz por minha sugestão, porque havia sido extinta a Fundação Gonçalo Moniz que era um órgão de muito prestígio ela, eu não sei foi o nome que me apareceu na hora. Eu não sei por que eu não sugeri Otávio Mangabeira Filho, eu não sei. É porque...

SK- É porque foi um núcleo, não é? Fundação Gonçalo Moniz, depois o sr. falou que o próprio Mangabeira, quer dizer, se desentendeu um pouco...

IS- Que tinha.... é, pois não.

SK- ...se afastou e criou o Centro de Pesquisa, o Núcleo de Pesquisa da Bahia...

IS- De Pesquisa da Bahia.

SK- ...que por sua vez deu origem ao atual Centro de Pesquisa Gonçalo Moniz.

IS- Centro de Pesquisa Gonçalo Moniz. Sem nenhuma dúvida que a origem foi essa daí! Inclusive o grupo de funcionários da Fiocruz, que estava mais ou menos uns 30 funcionários, todos lá da Fiocruz, Fundação Oswaldo Cruz. Eu inclusive, eu tinha sido removido para o Instituto de Endemias Rurais. Mas depois foi englobado o Instituto pela Fundação, eu voltei a ser de novo da Fundação. Aí o Rocha Lagoa começou a me pressionar e não sei quê... Bem, mas terminou, que eu consegui ficando por aqui e tal, etc. Muito bem, então eu...

WH- Voltemos para faculdade! Depois a gente vai falar disso.

SK- É, para a faculdade.

IS- Não, mas na faculdade...

WH- O sr. estava falando, a Simone tinha lhe perguntado, sobre as áreas fortes da faculdade, não é?

IS- Fortes, sim.

WH- Que ela tinha lhe perguntado em Chagas, tinha pesquisa, tinha desenvolvimento em pesquisa e... médicos nessa área...

IS- Pois não. Tinha Chagas inclusive eu participei muito como estudante para estudar os vetores de alguns professores que queriam fazer trabalhos sobre doença de Chagas. Por exemplo: a tese do professor Guilherme Rodrigues da Silva para a Universidade de São Paulo, foi feita aqui na Bahia. E então ele tratou de doença de Chagas em famílias de Salvador. Eu é que fui o encarregado de estudar os triatomídeos, os vetores... eu fiz tudo para eles aqui. Tinha também a... – eu era estudante também – a *Kellogg's Foundation* através do professor no Departamento de Medicina Preventiva daqui da faculdade de medicina aqui, a *Kellogg's Foundation* me deu uma bolsa para eu estudar, eu é que propus esse projeto, porque eu estava na Clínica Dermatológica, que eu gostava muito, era uma doença que me aproximava muito das doenças tropicais. E estava tendo um problema aqui em Salvador das ‘feridas nas pernas das moças’. Era isso que o pessoal chamava, não é? Tem até alguns recortes de jornal e tal, tem algumas coisas sobre isso aí. E eu tenho uns trabalhos publicados sobre isso que são pioneiros, não é? E então era um... era causada por um dipterozinho que chamam: Maruim, Muruim, Mosquito Pólvora em algum lugar chamam. Mas tá errado esse nome.

WH- Mosquito Pólvora?!

IS- Pólvora. É. Porque ele é um mosquitinho bem miudinho, pretinho. Vocês provavelmente... Lá no Rio tem muito isso, viu?

WH- Tem... tem. Ele se chama...

IS- Então esse...

WH- ...Mi... Micuim.

IS- Micuim. Tem vários, vários tipos. Então ele costumava picar as pessoas na parte inferior, nas pernas. Não era só porque a moça andava de saia não, é claro que com calça protege mais. Porque as crianças eles também picavam...

WH- Eles não voam alto, eles voam baixinho.

IS- ...daqui, da barriga para baixo. É, o vôo deles é de um metro de altura. Tudo isso nós fizemos nesse estudo lá e foi durante a faculdade de medicina, eu ainda era estudante de medicina, quando eu fui apresentar esse trabalho e propus, e eu tive que apresentar o meu projeto de trabalho, para o... tinha outros estudantes que estudavam a ligação da veia cava com não sei quê... a veia hepática... então essas coisas puramente de medicina, não é? Aí eu fui apresentar o meu projeto, foi quando eu comecei a falar dos maruins, eu me lembro que eu escutei alguns dando risada como é que eu ia trabalhar... apresentar um trabalho desses assim...

WH- Tinham preconceito, Dr. Italo, nesse sentido?

IS- Não, não era... eles achavam que não tinha valor! *(ri)*

WH- Que não era médico, não é?

IS- Pois é. Mas quando eles começaram...

WH- Mas tinha outros estudantes, na sua época, que já se encaminhavam para essa área...

IS- Tinha.

WH- ...de parasitologia, de medicina tropical?

IS- Não, não. De parasitologia... de medicina tropical tinha um pouco, mas medicina tropical pura. Mas só no sentido clínico, não é? De diagnóstico da doença, de eletrocardiograma... que eu andei também mexendo muito, mas eu nunca... não era muito, tinha muita tendência para isso.

WH- Parte clínica o sr. não gostava?

IS- Não gostava. E engraçado, falando nisso, o meu professor de clínica tropical foi um grande tropicalista, professor Aluizio Prata. E eu me lembro que eu, *(ri)* nós tivemos uma obrigação por questões de greve na universidade, nós tivemos a obrigação de todos fazermos a prova oral, não é? E então foi o professor Prata que foi me examinar, ele me fez duas perguntas, eu errei todas as duas! *(risos)* Aí ele disse: “Mas Sherlock, como é que você respondeu isso aí?!” É claro, na verdade eu troquei. As duas foram: o teste de Montenegro e a outra... outra reação lá que ele me perguntou eu disse trocada, não é? Aí tudo bem. Mas ele ficou admirado como era que eu que trabalhava nessas coisas e respondi errado.

WH- Então nessa área de medicina tropical também a faculdade tinha uma força, não é?

IS- Não. A nossa faculdade, eu considero que o meu curso de medicina foi excelente, porque justamente nós pegamos uma época de brilho da Universidade Federal da Bahia, que tinha sido criada há pouco tempo pelo reitor Edgar Santos, que foi muito famoso. Diz que ele foi um grande administrador, fez a faculdade brilhante...

SK- Pai do Roberto Santos?

IS- Pai do Roberto Santos, que era médico também e que o nome do hospital agora é Professor Edgar Santos. Era esse professor reitor, que era médico também, viu? *(tosse)* Mas ele foi brilhante, convidava muitos professores estrangeiros, grandes nomes que vieram para cá, para a Bahia, para ensinar e tal. Então o nosso curso de medicina foi muito forte, muito bom. Eu estudei realmente muito. Agora, já quando depois que o Mangabeira morreu... ele morreu em maio eu estava terminando meu curso de medicina e então eu... Mas durante a vida

dele, ele achava que medicina, eu não devia fazer medicina. “Esse negócio de medicina, só quem vai fazer medicina, fazer medicina, quem é burro!” Ele dizia assim. “Todo médico é burro!” Ele era médico, não é?

WH- Ele sugeria fazer o quê?

IS- Não, ele achava que eu devia...

WH- Veterinária...?

IS- Era! Era coisa. Tanto que ele dizia: “Quando eu estiver doente, chame um veterinário para me tratar.” (*risos*)

WH- Agora, Dr. Italo...

SK- Deixa eu só voltar uma coisa que... que o sr. chegou a falar, mas não desenvolveu. É um projeto da *Kellogg's* que o sr.

IS- Ah, sim! É interessante esse projeto porque o pessoal ficou dando risada quando, logo no introito, eu mostrei um slide de um desses culicoides, uma espéciezinha muito pequena, aí todo mundo: “Como esse maluco vem trazer essa história para cá?!” Aí depois que eu fui apresentando os dados, inclusive o professor Nilton Guimarães que era o professor de dermatologia, ele era especializado na França, não é? E ele havia publicado sobre uma dermatozoonose provocada por picada de insetos, não é? Então eu me peguei muito com o professor Nilton Guimarães e tal, etc. Então ele me orientou muito naquele trabalho. E quando eu fui apresentar realmente eles ficaram impressionados como aquela doença estava sendo problema, porque ele deformava as pernas das moças, aquelas moças bonitas com as pernas todas marcadas de grandes úlceras, todas ulceradas e tal, etc. Eu tenho publicada. Eu publiquei inclusive nas *Memórias no Instituto Oswaldo Cruz*...

WH- E a *Kellogg's* financiou isso? Como?

IS- *Kellogg's Foundation* financiou e o interessante que eu apresentei isso e uma das justificativas que eu fiz para que fosse o meu projeto, talvez tivesse interesse, é que foi durante a Segunda Guerra Mundial, os americanos tiveram grandes baixas de soldados que eram recolhidos à enfermaria, por causa dessas picadas desse inseto. Então ele provocava inclusive nas pessoas uma febre, não é? Uma febre com lesões cutâneas e tudo e tal. Então até hoje em dia eu sou doido para um dos meus estudantes de mestrado, doutorado querer fazer uma tese desse assunto porque a lesão histológica que a gente vê nessa lesão da perna é uma lesão típica de uma lesão virótica! Parece que nem existe dúvida nisso porque esses trabalhos meus antigos, eles são bastante citados no pessoal que trabalha com vírus, como por exemplo, o Dr. Pinho, lá do Instituto Evandro Chagas e tal, etc. O Dr. Zilton também acha que aquilo é lesão tipo virótica e tal, etc. Além disso, também eu fiz um método de diagnóstico para saber se a lesão seria provocada pela picada do maruim, como a gente chamava, ou se era provocada por outra coisa qualquer, outra doença, outra virose, boubá, tem um bocado de

úlceras, não é? Eu fazia os extratos com (solosalfenicado/ sorosalfenicado), que por sinal é um material um pouco artesanal. A gente naquele tempo não era tanto como agora. Mas aí fazia uma reação cutânea que também no trabalho eu mostro, quando a pessoa provavelmente tinha sido a causa, eles davam uma reação cutânea bem forte, viu? Não sei, não levei para adiante o significado, nem tive oportunidade de continuar o trabalho. E posteriormente também, nós chamamos a atenção para os Departamentos de Saúde aqui fazerem o controle com inseticida, a drenagem de valas onde se criavam os insetos, não é, o díptero. Para poder evitar esse problema das pernas das moças, não é?

SK- Já havia, Dr. Sherlock, nessa época que o sr. cursou a faculdade, algum programa de controle para Chagas no Estado da Bahia? Já havia sido feita alguma campanha?

IS- Já. Já. E eu participando também.

SK- Pois é, fala um pouquinho disso para gente.

IS- Começado pelo Dr. Mangabeira. O trabalho do Dr. Mangabeira tá brilhante, eu inclusive mandei para um slide, para as meninas da exposição, não sei se elas vão apresentar. Eh... um slide da cidade de Salvador que foi feito por Mangabeira. Foi famoso esse trabalho! Porque se existia muitos casos de insuficiência cardíaca aqui em Salvador, gente morrendo e tal e tal... e não tinha estudo nenhum assim epidemiológico confirmativo e tal. E ele fez. Ele mostrou aonde tinha barbeiro, que a cidade estava infestada de barbeiro, e barbeiros infectados.

SK- Em que ano isso, mais ou menos?

IS- Ah, meu Deus do céu. Deve ser 52, 53...

SK- Início dos anos 50.

IS- Deve ser por aí, não é?

SK- Sim. Só para gente situar um pouco.

IS- Década de 50, por aí. Depois disso, eu trabalhei em cooperação com dois entomologistas que havia conhecido em São Paulo, na Universidade de São Paulo e que trabalhavam aqui. Um era cria do Dr. Rene Rachou, que tem o nome do centro lá. Era cria científica que eu estou dizendo, não é? E a outra era a Elizete Marques Serafim, uma entomologista que também fez o curso em São Paulo, filha de um grande entomologista, dos antigos aqui da Bahia. Hoje em dia, existe uma ruazinha com o nome do pai dela - Pedro Serafim era um grande entomologista desse tempo. Então, junto com elas que trabalhavam no Departamento Nacional de Endemias Rurais, depois passou a ser SUCAM e depois FNS, nós fizemos um trabalho de profilaxia da cidade, não é?

SK- De controle, não é? Com inseticida, com...?

IS- É, com inseticida. E eles eram encarregados, com vários inseticidas. E eu recebia inclusive, grandes, vamos dizer grandes. Ajuda financeira para eu apresentar projeto aos produtores de inseticida para testar os inseticidas no campo. Eles financiavam e eu experimentei mais ou menos uns cinco inseticidas novos aqui, e sugeri o que deve ser usado, o que não deve e tal.

SK- E vocês tinham algum, o Dr. Mangabeira, existia algum contato com o pessoal de Minas, que foram... enfim, foram os primeiros a testar os inseticidas em Bambuí?

IS- Não.

IS- O sr. tinha algum contato com esse grupo ou não?

IS- Contato somente não de colaboração...

SK- Com Emanuel Dias...

IS- Não, não, não... Emanuel Dias eu nem cheguei a conhecer. Agora, o filho dele que é o Carlos Pinto Dias, mas tinha um outro que eu me esqueci o nome... ele até morreu, suicidou-se, não é?

SK- Pelegrino.

IS- É! O Pelegrino. Ele é quem foi que introduziu o BHC aqui no Brasil, viu?

SK- Sim. Exatamente.

IS- Pois não. Aí eu o conhecia muito de falar com ele, encontrar às vezes. Mas minha irmã que também trabalhou nisso lá em Belo Horizonte, ela trabalhava com ele, o Pelegrino.

SK- Ah, é?! Como é o nome da sua irmã?

IS- Minha irmã é Vilma Sherlock. Ela morreu tem um mês e pouco para trás aí. Mas ela morreu esquecida, coitada! Ela também não ligava...

SK- E ela trabalhava com o Pelegrino.

IS- Trabalhava no Rio também, no Instituto Oswaldo Cruz, com o Herman Lent, com o Sebastião Oliveira. Ela... mas e ela... foi para o Nordeste, ficou com o Dr. Alencar, durante muito tempo, depois veio para cá para Bahia, trabalhar aqui na Fundação Gonçalo Moniz. Aí ficou aqui, certo? Mas ela não se projetou muito não porque ela não publicou muito também, certo? Mas ela trabalhava para o Pelegrino. Então... mas o nosso contato não era muito grande não. Era mais o contato do INERu que tinha o Centro de Pesquisa de Belo Horizonte, em Recife, aqui, no Rio de Janeiro. Então a gente se reunia lá no Rio de Janeiro sob a direção do professor José Rodrigues da Silva, da Escola Nacional de Medicina, não é? E no Hospital São Francisco Xavier e tal. Então lá é que a gente trocava as ideias, fazia aqueles seminários e

tudo. No relatório vocês vão ver, algumas figuras até de reuniões que nós participamos de esquistossomose lá com eles e tal. Mas nós não tínhamos direto assim contato. E o professor Amílcar Martins me chamou em 1957, eu estava até estudando para o vestibular. E então ele me chamou para eu fazer uma criação de flebotomos lá com ele, que ele não conseguia. Realmente a gente criar flebotomos é bem difícilzinho. Então eu conseguia fazer e lá eles não conseguiam. E eu fui, passei lá uns meses com ele e tal. E ele queria até que eu continuasse trabalhando com ele, mas eu já tinha firmado um acordo com o Dr. Alencar no Ceará e aí tive que voltar para lá. Foi esse meu contato, que eu tive de trabalhos assim. Em Recife eu não tive um contato com o Aggeu Magalhães, de a gente fazer um trabalho direto com eles. Apesar do Dr. Vinícius Fonseca ter me oferecido para eu ser diretor lá de Recife, porque ele estava vendo que aqui estava decaindo tanto e tal, se eu não queria ir para lá e tal e etc. *(ri)* Eu disse que não, que eu preferia segurar a bandeirinha daqui até o fim, viu? *(ri)* Aí resultado, que eu segurei e foi para diante. Sim, aí outra coisa de faculdade, para encerrar o assunto da faculdade... É que... tudo bem, foi uma... duro. Eu tive inclusive com a morte de Mangabeira, ele me ajudava também, a minha bolsa era muito pouco, não é? Eu ainda não era pesquisador da Fiocruz, era apenas bolsista já com ultimatoss de que a minha bolsa ia ser cortada, não é, ia ser exterminada... Então eu tive, eu tendo terminando meus cursos, tendo que fazer meus internamentos em ginecologia e obstetrícia, que foi uma coisa que eu tive uma grande habilidade. Eu peguei muitas crianças, eu fiz muitos partos e as mulheres adoravam que eu... tinham que ter parto comigo porque elas me achavam muito delicado em fazer os partos e tal. E eu peguei muita criança, peguei até criança na rua. Um dia eu peguei uma criança na praia *(ri)* que estava nascendo na areia da praia. Mas aí eu fazia esse internato lá, era só uma vez por semana. Todo sábado ou era todo domingo, eu não me recordo bem, eu ficava 24 horas internado... Era domingo! 24 horas internado sabe para quê? Eu também queria mais para poder ter almoço e jantar...

Fita 3 – Lado A

IS- ...era por aí.

WH- Quer dizer, até por conta dessa sua trajetória...

IS- Mas essa da minha época, eu era um dos alunos novos! Ou da média geral.

WH- É?!

IS- Aqui...

WH- O sr. entrou em 57, o sr. tinha 21 anos.

IS- Eu ia fazer 21 anos, não era? Era.

WH- O sr. nasceu em 36, não é isso?

IS- É. Mas é no começo do ano, meu aniversário é no meio do ano. Aí eu fiz o primeiro ano...
– Não fui velho, não! – eu me formei, eu me lembro que eu era da média geral do... dos...

WH- Da idade, não é?

IS- ...da parte mais nova, não é? Porque tinha os mais velhos. Tinha por exemplo o dr. Sócrates, que é muito prestigiado aqui, já morreu até, deixou um bocado de filho médico. Ele já era bem mais velho do que eu quando ele estava fazendo, meu colega de turma. E muitos outros! Eu era da faixa nova. Tinha uns pouquinhos mais novos do que eu, que era... que era... que era médico, que era mais novo que eu. Mas eu era da faixa de idade boa. E eu acho que ainda é isso!

WH- O sr. vai ainda novo lá para São Paulo, não é?

IS- Sim. Mas...

WH- Mas esse... esse curso...

IS- Aí já foi antes, não é?

WH- Aí o sr. tinha quantos anos quando o sr. vai para São Paulo?

IS- Ixe, meu Deus do céu! Eu devia ter uns 17 para 18 anos, não era não?

WH- Isso.

IS- Era isso aí. 55!

WH- Agora, o sr. não teve problema para fazer assim esse curso assim de repente com 16, 17 anos, entrar numa faculdade em São Paulo para fazer um curso livre? O sr. não teve problema?...

IS- Tive! Pois é. Ah, mas eu não imaginava do ponto de vista pessoal, eu não ligava a essas coisas nada, sabe?! Eu era, acho que aqueles meninos malucos que eu era mesmo, (*ri*) desligado dessas coisas terrenas. Tanto que quando eu vim trabalhar com o Mangabeira, eu não sabia, nunca soube, depois é que eu vim a saber, não é, que ele era uma pessoa importantíssima tanto nacional como internacionalmente. Era uma pessoa de grande influência e eu não entendia, não ligava a esse negócio. Quando eu chegava na faculdade, os meus colegas acharam que eu era um cara de alto nível e, no entanto, eu era um pobrezinho nordestino... (*ri*) tentando os meus estudos e tal, etc. Os meus colegas depois de algum tempo: “Mas rapaz, você não é de uma família muito rica aí não, e tal, etc?” Eu disse: Não! Eu só moro com o dr. Mangabeira, como eles me...

WH- tenho 14 irmãos, nasci em Sobral...

IS- Pois é...É, eu me desliguei um pouco da minha família na questão financeira. Eles não podiam me ajudar! Meu pai não podia me dar um tostão. Aí eu me lembro quando o dr. Mangabeira morreu eu fiquei desesperado, eu digo: “Meu Deus, e agora? Eu terminando o meu curso, como é que eu vou conseguir terminar?!” Eu não tinha dinheiro para comprar comida! E a ameaça da... parece que foi até cortada já, minha bolsa e tal. Aí teve... não sei nem como é que eu sobrevivi. Eu me lembro que eu...

WH- Que aí o sr. foi fazer otorrinolaringologia, que o sr. já nos contou.

IS- Mas já foi depois, já também. Foi para descontar.

WH- Agora, engraçado, porque no seu currículo, dr. Italo, a gente tem informação... No currículo que o sr. fez, que o sr. vai para São Paulo depois, em 66.

IS- Mas eu fui depois de novo.

WH- Ahhh! O sr. vai, voltou lá...

IS- (ri) Depois eu fiz várias outras...

WH- O sr. fez um curso de, justamente, de Higiene, eu acho.

IS- É!

SK- Especialização, não é?

WH- Entomologia médica.

IS- É! Pois não. Mas isso foi...

WH- Na Faculdade de Higiene de São Paulo em 66.

IS- Exatamente. Pois é. Mas olhe...

WH- Ué, mas não foi antes?!

IS- Não. Esse foi... foi... Não. Exatamente. O curso que eu fiz mesmo na prática foi esse de 56. O outro foi mais o Foradine que me convidou, queria que eu ficasse como assistente lá e eu passei um tempo lá, mas é um pé aqui e outro pé lá. (ri) Mas não foi não...

SK- Aí o sr. tirou, quer dizer, fez a pós-graduação Latu-senso, especialização depois, não é?

IS- É. Aí depois eu fui, é claro que eu nunca fiz assim. No exterior eu fui muito convidado para participar de... cursinho de visitante, que é desse tipo que é *fellow*, não sei quê, *fellow*, se chama assim e tal.

WH- Bolsista, não é?

IS- É. Que a gente vai lá para ver, passar um mês, passar... aconteceu muito isso comigo. Porque já, quando eu estava diretor aqui no centro, eh... nós fizemos um convênio com *Harvard Scholl*, aonde tinha um prêmio Nobel de medicina, o professor Thomas Weller. Nós fizemos...

SK- Thomas...?

IS- Thomas Weller.

SK- Weller. W- e...

WH- ...l-l-e-r.

IS- É. Tem um livro até que ele me deu.

SK- É só para gente facilitar aqui a transcrição.

IS- É. Tá aqui. É esse aqui. Foi escrito por ele, viu? Thomas Weller.

WH- Weller, é: W-e-l-l-e-r.

IS- Pois não. Esse aí ele... ele deu, não sei se foi esse livro que ele ganhou o prêmio Nobel, não sei não. Mas eu sei que ele era prêmio Nobel, tinha um grande prestígio, era o diretor do Departamento *Tropical Medicine* da *Harvard School*, viu? Então ele...

SK- Pois é, quer dizer, vamos falar também um pouquinho disso. Como é que o sr. complementou a sua formação? Quer dizer, o sr. fez a graduação, depois faz a especialização, a gente viu também no seu currículo que o sr. faz várias visitas... várias viagens a London School... não é?

IS- A... School... Aos Estados Unidos...

SK- ...Ao *Tropical Medicine*... Enfim, como é que o sr. complementa...

IS- Pois não.

SK- ...e se especializa na sua formação?

IS- Aí é... o que eu complemento é como você falou uma vez assim, no começo eu não fui um autodidata. Mas no fim eu quase que fui, viu? Porque eu, esse... eu nunca tive um curso

formal de longo... *long time*, assim. Até o meu doutorado, como eu já tinha mais de 100 trabalhos publicados, eh... eles fizeram um doutorado nesse estilo moderno. Você pega trabalhos que você publicou e... complementa com uns créditos lá. Eu tive que fazer 40 créditos para poder, para eles me aceitarem, não é, e tal. Tudo bem. E então eu fui, fiz assim. Gente vindo para cá ficava com o convênio com Harvard nos permitiu dez anos de pesquisadores ficando aqui comigo, não é? Eu tenho um grande pesquisador inclusive, que começaram a trabalhar aqui comigo. Eh... o Phillip Marsden que morreu, ele começou a aprender triatomídeos e vetores aqui comigo.

SK- Ah, é!

IS- O Donald Minter é que era professor da *London School*, ele começou a trabalhar com triatomídeos aqui comigo, em vetores. Eh... a Elsie Globeold – eu não sei nem como pronunciar o nome dela – também ficou aqui, ela era especialista em tripanossomos. Ela começou a trabalhar comigo aqui também. Mas é claro que ela trouxe a tecnologia dela, dela já saber trabalhar com micróbios, com tudo, com aquelas tecnologias modernas e tudo e tal. Eh... tem um outro muito famoso agora que é o Michael Miles. Ele começou a trabalhar desde os primórdios aqui, era bem novinho quando ele trabalhou. Encontrei com ele agora com cabelo cinza, ele me abraçou tanto e tal, etc. Eh... então foi isso...

WH- Esse convênio é da época do dr. Mangabeira, com a Harvard?

IS- Não!

WH- Não. Já é...

IS- O dr. Mangabeira já tinha morrido. Eu que estava aqui no... no...

SK- O sr. já estava como diretor aqui, não é?

IS- Como diretor, então...

WH- O sr. conseguiu essa... Porque o sr. já tinha ido para lá antes, não é isso? Ou o sr. foi em função desse convênio para Harvard, para Londres...?

IS- Não, eu não tinha ido para lá antes não.

WH- Ah! Então o sr. Começou a ...

IS- Eu comecei depois...

WH- Depois.

IS- Pois é. Eu não tinha ido não, eu tinha... deixa eu ver... Eu tinha feito uma viagem? Não. Eu tinha feito uma viagem de passeio? Eu nem me lembro. Não, não tinha não! Não tinha. Foi depois daí, desse... Eu era bem novo também! Eu devia ter meus 28, 29 anos, por aí.

SK- Recém-formado.

IS- É. Aí veio o Phillip Marsden, que é um cientista eh... todo... diferente assim...

SK- Importante, não é?

IS- Não sei se vocês conheceram ele e tal.

WH- Não.

IS- Não?! É formidável ele, viu? Eu tenho muitos retratos aí com eles. Ele veio, o primeiro contato que ele esteve aqui na Bahia foi comigo, ele veio visitar o meu laboratório e ficou apaixonado pelos barbeiros, não é? Então nós publicamos logo um trabalho na *Transactions of the Royal Society of Tropical Medicine & Hygiene*, sobre os barbeiros na Bahia. E eu tinha então descrito um trabalho... (*alguém fala ao fundo*) Antônio, eu não posso assinar aí!

WH- Não, pode ir. (*pausa na gravação*)

IS- Então ele veio para cá e... queria, eles tinham sido para, vamos, dizer, expulsos da África, não é, não tinham onde estudar medicina tropical, então eles...

WH- É. Porque eles tinham... eles tinham que viajar...

IS- (*ri*) ...perderam as colônias...

WH- ...para estudar medicina tropical.

IS- Pois é. Então baixaram aqui no Brasil, aí baixaram no meu laboratório. Ficaram encantados com a doença de Chagas, com várias doenças que a Bahia tinha, tinha tudo quanto era doenças tropicais: esquistossomose, leishmaniose, doença de Chagas, filaríose e tudo...

WH- Eles adoraram, não é?!

IS- Pronto. Aí vieram conversar comigo. Acontece que eu estava naquela balança da manutenção do Centro de Pesquisa, porque eu não tinha o prestígio, era pós-morte de Mangabeira ... “Fica, não fica, e tal, etc...!” Já devia ser 1970, por aí, vamos dizer.

WH- Até porque, dr. Italo, essa época pós-morte do Mangabeira, é uma época complicada, não é? Não... politicamente que eu estou falando. Tem a Revolução de 64...

IS- Teve a história do Samuel Pessoa... nesse ínterim...

WH- ...não é? A questão do Samuel Pessoa. Nessa época também teve muita gente indo embora...

IS- Pois não.

WH- ...por conta de toda a repressão política, não é?

IS- Pois não, exatamente. Tinha...

WH- O sr. sentiu isso aqui, essa dificuldade de manter pessoal, de...?

IS- Teve... deixa eu ver...

WH- Nessa época, de 64 até 70 e pouco.

IS- É claro que eu... como eu lhe disse, eu era bem afastado de política, eu tinha as minhas ideias, não é? Mas eu nunca fui um militante político. Mas eu convivi com esse pessoal todo. O Mangabeira Filho inclusive era de esquerda. Ele achava, ele era adorado pelo povo em geral. Tanto que quando ele foi posto para fora praticamente da Fundação, ele... ele... o povo fez um abaixo-assinado para ele ficar e tal, etc. Enquanto seis só queriam que ele saísse. Bem, mas ele casou-se também com uma belíssima mulher, Ivone... – eu estou dizendo isso porque tem alguma conexão política – belíssima mulher, a Ivone. *(ri)* Hoje eu já disse o nome dela. E então ela era lindona, amicíssima minha, já bem mais velha, cantora de boate em São Paulo, viu? Veio para cá para Bahia cantar em boate, aqui numa boate de grã-finos, ele filho de governador, se apaixonou por ela, *(ri)* casou de véu e grinalda no Palácio do Governo! *(risos)*

WH- Nossa!

IS- Ela sendo mal faladíssima. Naquele tempo tinha muita razão. Mas ela era encantadora, belíssima!

WH- Provocativa. Ele foi provocador, não é?

IS- Pois é. Pois é. Eu sei que... *(tosse)*

WH- Mas o sr. Estava falando das dificuldades...

IS- Ah, sim!

WH- ...na década de 70, de segurar aqui o Instituto e dos Estados Unidos, o convênio com a... com a...

IS- Com a Harvard. Pois é, então...

WH- ...Harvard e sua viagem para Londres, Inglaterra...

IS- É. Teve esse... você falou, você tocou no meio da parte política, aí o que eu quis meter o nome dela aí, foi porque ela também tinha uns irmãos que foram todos presos na Revolução...

WH- Olha!

IS- Viu? Foram todos comunistas e tudo e tal. E foi esse tipo de coisa assim. Teve a história do Samuel Pessoa e teve tudo e tal, que foi uma fase um pouco conturbada para mim, ao mesmo tempo em que eu passei a ser médico otorrinolaringologista com prestígio, ganhando fama e tal, etc... Aquela história do almirante da Marinha querer muito bem a mim...

SK- É, o sr. Contou.

IS- Eu tinha arranjado minha primeira mulher, que eu não era casado com ela mas era uma médica que não deu certo. E ela era médica, era mais velha do que eu, muito mais velha, 10 anos mais velha do que eu. *(ri)* Meu pai empombou que eu tinha que acabar com ela. E eu e ela era uma grande amiga minha, mas vivíamos juntos, não é? Bem aí, eh... vivemos muito tempo. Ela morreu há pouco tempo, coitada. Tenho saudades dessa aí. *(ri)* Mantenha lá no céu, que ela era muito boa. Só era velha, mas era muito boa *(ri)*. Mas aí eh...

WH- O sr. Tem filhos? Ela é mãe dos seus filhos? Não.

IS- Não. Eu tenho filhos com a segunda mulher.

WH- Ah, tá! Já é com a segunda...

IS- É. Que eu sou casado mesmo com essa.

WH- Duas vezes.

IS- Pois não.

WH- Aí o sr. é casado mesmo...

IS- Sou casado na igreja porque ela é muito católica, minha mulher. Nós somos muito bem casados. Tenho um trio, tivemos três filhos... tem um que é deficiente físico, ele é anãozinho, tem as pernas bem curtinhas. Tem aquela... a mesma doença de Toulouse-Lautrec, acondroplasia. E eh... a minha menina é lourinha, bem bonitinha. Meus três filhos têm olho azul. Puxou parte dos meus avós, não é, meu pai tinha o olho azul também, meu pai tinha. E ele... tudo bem, mas aí é outra história, e eu então senão eu vou mudar de rumo... *(ri)*

SK- Mas é para gente... é só para gente... a gente iria perguntar isso mesmo. Seus filhos têm quantos anos então?

IS- Meus filhos estão com 16 e outro 17 anos.

SK- 16, 17.

IS- Eu também passei um tempo casado. Eu tenho 21 anos de casado. Eu passei... vamos dizer, uns três anos sem ter filhos, viu? Então eles já poderiam ser mais velhos, não é? E teve

um que morreu também. Só tenho dois. Todos dois são estudantes de ginásio no... no... pré-vestibular, vestibular ainda...

SK- Tá, é só para gente...?

IS- Até o deficiente ele é bem inteligente, ele não tem problema mental nenhum e tal. E a menina é bem bonitinha, sabe? *(ri)* É uma gracinha de menina. Bem...

WH- Sua esposa?

IS- Minha esposa...

WH- É médica?

IS- Não. Minha esposa é doméstica. Ela...

WH- Dona de casa.

IS- É! Dona de casa. Ela é... ela não quer saber, eu tentei inclusive para ver se ela queria fazer. Não, ela só gosta dos filhos dela, da casa dela. Se vocês visitarem a nossa casa, é um palacete. Todo bem cuidado, tudo limpo, tudo direito, tudo... cheio de coisas bonitas, ela adora aquilo, cuida direito...!

SK- É uma ótima dona de casa então.

IS- É! Ela... doméstica pura, tal. Ela tem um carrinho que eu dei para ela, um carro novinho, ela quase não sai com o carro. *(ri)* Sai daqui para ali... Muito bem. Ela é isso aí.

WH- Ela gosta de ficar em casa mesmo?

IS- Gosta, gosta.

WH- É bom isso.

IS- Viu? Ela é muito bonita assim. É bonitinha, bem fina, bem delicada, assim bem elegante, sabe? E é muito boa mulher. Me dou muito bem com ela. Eu sou um cara assim meio chato, meio desligado das coisas, mas ela me complementa.

WH- Trabalha muito, não é?

IS- É. Pois não. Eu trabalho muito. Mas nós vivemos muito bem, certo?

WH- Mas o sr. estava falando...

SK- Então vamos voltar lá para o...

IS- Então voltemos ao...

WH- Da relação com o.. exterior. Com...

IS- Sim! Com o exterior. Com o Phillipe Marsden.

WH- ...universidades fora do Brasil.

IS- Então o Phillipe Marsden veio para cá, então querendo montar alguma coisa no Brasil, me perguntou: “Que tal a gente fazer um convênio com a *London School*?”. Mas aí eu, nós estávamos numa sede provisória na Graça, você tem até um retrato até da sede, bonito! Já foi demolido. Era um casarão daqueles antigos onde Bucherer, Silva Lima trabalharam na Escola Tropicalista.

SK- Ah, sim! Era a sede da Escola Tropicalista Baiana.

IS- Pois é. Mas isso foi demolido e tal. Tínhamos uma sede própria que o Mangabeira havia comprado para o Centro de Pesquisa, mas foi ocupada pela Fundação Nacional de Saúde que era a SUCAM. Não, era DENERu! E então nós não pudemos ocupar. Por causa desse problema, eu falei para o Phillipe Marsden: “Olha, a gente vai poder colaborar, mas eu não tenho muita certeza da continuidade daqui.” Aí ele fez um convênio com a Fundação Gonçalo Moniz por intermédio do professor Aluízio Prata que então era o diretor de lá. Mesmo assim nós continuamos trabalhando em colaboração; tanto que nós temos vários trabalhos publicados juntos, não é? E eu sei que não foi efetivado. Eles gostavam tanto de trabalhar comigo que me arranjaram uma viagem na *London School*, não é? Eles tinham um intercâmbio muito grande; eu recebia aluno deles, eles botavam alunos para estudar comigo, embora o convênio oficial não fosse feito com a gente, não é? (*Interrupção de fita*)

SK- O senhor dizia que fez uma viagem...

IS- Fui muito bem recebido na *London School*, passei dois meses lá, viu? Eles me fizeram um programa científico de instituições; eu andei no Commonwealth todinho, na Irlanda, na Escócia, em tudo quanto é faculdade importante...

SK- Mais ou menos em que época isso, dr. Sherlock?

IS- Ô, meu Deus! Me ajude aí!

SK- Não precisa dar o ano certo não, só para gente poder situar.

IS- 70 e poucos, não é?

WH- Década de 70.

IS- 73, 74, 75, por aí. Certo?

WH- Porque depois o sr. foi para os Estados Unidos também, não é?

IS- Também. Eu fui várias vezes depois.

WH- Fez um circuito, não é?...

IS- É.

WH- Agora, deixa eu lhe perguntar uma coisa Dr. Italo, nessa época o sr. já era diretor daqui, do Núcleo de Pesquisas da Bahia, não é?

IS- Sim.

WH- O sr. viaja e vai para instituições na Inglaterra, não é?... Como é que o senhor viu? O quê o sr. aproveitou? O que o sr. viu, como é que eram as diferenças entre os laboratórios daqui, de lá...

IS- Ah! Muito bem.

WH- ...as pesquisas...? O sr. podia fazer uma comparação dessa época...?

IS- É... deixa eu continuar a história aí e eu vou fazer essa comparação. Então chegou lá na *London* eu fui muito bem recebido. Eu fiquei surpreso, eu chegava num lugar, era super bem recebido. Inclusive o Deane, o reitor da Universidade de Londres...

WH- Também com esse sobrenome que o sr. tem: Sherlock!

IS- É, Sherlock, esse meu sobrenome... É, isso aí dá coisa de tanta risada, que é Shirlock que é o nome que foi transformado em Sherlock, viu? Aí eles pensaram até que eu era inglês, não é? Quando eu chego no aeroporto o pessoal fica esperando um inglês, não é? (*risos*)

SK- Com esse nome, não é?

IS- Aí era tão... agora eu dou risada, não é?

WH- Parente do Holmes, inclusive! (*ri*)

IS- Não, esse nome Sherlock, eu peguei o catálogo telefônico, olhei, na Inglaterra, tem um monte dessas pessoas de sobrenome: Sherlock, Sherlock...! (*risos*) É um nome comum, a pronúncia é Schlock, não é? Tira o “i” e tira o “r”. Schlock. Então eh... tem... é um nome comum. Agora o Sherlock Holmes é uma história que eles inventaram, não é? E por causa disso o meu pai gostava muito de ler, viu, esse Sherlock Holmes. Eu também gostei, já comprei todinhos e já li. (*ri*) Mas a propósito, já que você tocou nesse assunto, há pouco tempo a Varig me telefonou: “Dr. Sherlock, aqui tem...!” – Há pouco tempo não, fazem uns quatro anos – “...tem uma senhora aqui na Varig querendo conhecer o senhor.” Aí eu digo: “Ô, me conhecer, na Varig?!” “Não, é uma senhora estrangeira, inglesa, que o nome dela

também é Sherlock.” *(ri)* Eu digo: “Quer me conhecer?! Então eu vou lá conhecer!” Eu digo: “É moça, bonita?” Ele disse: “Não, é uma senhora já idosa.” Aí eu fui lá, não é, na Varig. Cheguei lá era uma pesquisadora chamada Sheila Sherlock. Famosíssima e autora de diversos livros de, maior especialista do mundo em fígado, viu? Sheila Sherlock, é. Isso é famoso, nessa parte.

WH- Mas ela lhe conhecia profissionalmente...?

IS- Não!

WH- ...por conta dos seus trabalhos?

IS- Nada! Ela ficou surpresa de aqui ter esse nome de Sherlock aqui e quis me conhecer... *(telefone)* Ai, meu Deus do céu, eu não posso fazer isso! *(Interrupção de fita)* Então ela estava passando pelo Brasil para ir a um congresso na Argentina. E então achou, compreende? Fui lá conhecê-la, conversou, eu falo inglês e tal...

WH- Coincidência ela ser pesquisadora também, ser cientista, médica...

IS- Uma grande pesquisadora! Eu fiquei honrado de ter conhecido essa senhora, viu? Que lá no Rio uma vez *(ri)* chegaram e até perguntou se eu era eh... os meus livros de fígado, eu achei foi graça, porque não era eu não. A pessoa confundiu, não é?

WH- Era ela.

IS- Era.

WH- Agora, dr. Italo, o sr. estava falando da...

IS- Falando da, de Londres.

WH- De Londres.

IS- Então eu cheguei em Londres...

WH- Dessa sua relação do sr. com os institutos de pesquisa na Inglaterra.

IS- Pois é. O ... Fui muito bem tratado – isso tem alguma conexão – aí o reitor da universidade de Londres inclusive fez um coquetel lá em minha homenagem, viu, e tinha uma salinha lá que eles botaram o meu nome na... no portão do Departamento de Entomologia: “Dr. Sherlock, Italo Sherlock”, em Brasil. Botaram meu nome lá na sala e tal, eu disse: “Na certa, quando eu der as costas, eles arrancam o nome!” *(risos)*

WH- O sr. não voltou lá para conferir não?

IS- Não, não voltei não. Depois coincidiu que mudaram todos aqueles professores: Lamisley, Bertha... Eu conheci tanta gente importante lá na medicina tropical: Dr. Mansobar, Dr. Nelson, Dr. Molinet, Dr. Killickerd e foi muita gente. Eu assim de cabeça não me lembro. O Acrouf e tal, e frequentei hospitais lá e a meu pedido, eu escrevi e eles perguntaram o que é que eu gostaria de ver lá, eu disse: “Eu gostaria de ver uma clínica de otorrinolaringologia.” (ri) Aí eles me levaram na clínica, a melhor que tinha na Inglaterra. E eu botei também assim, que eu gostaria de ver a *Royal Entomological*, a *Royal Society*, botei assim. Mas faltou botar de: “*of Tropical Medicine & Hygiene*” porque não dava para botar. Então eles depois vieram me perguntar qual membro da família real eu gostaria de conhecer (risos). Eu achei muito engraçado, porque eles tinham uma consideração muito grande...

WH- Sociedade real, não é?

IS- Pois é. Muito grande comigo e eu disse: “Rainha Elizabeth.” (ri) Mas não foi não.

SK- Agora, dr. Sherlock, o sr. foi então num esquema de colaboração científica ou o sr. fez algum curso, alguma coisa assim?

IS- É, fiz estágio...

SK- Estágio.

IS- ...assim vendo as técnicas que eles desenvolviam...

SK- Sim. Mas nenhum curso assim, quer dizer, de especialização formal.

IS- Não, não foi formal não.

SK- Quer dizer, foi mais uma colaboração como *fellows*, não é?

IS- Foi, foi. Exatamente.

SK- E o sr. não tinha doutorado nessa época...

IS- Não, não tinha.

SK- O sr. já estava com reconhecimento, não é?

IS- A Fiocruz não usava nem isso.

SK- O sr. já estava em um nível de pesquisador?

IS- Pois não. A Fiocruz não tinha negócio de mestrado, doutorado. Isso já é muito mais recente, não é?

SK- Sim, claro.

IS- Então... nem que não era costume também, nem no Brasil, isso muito, não é?

SK- É. Só depois mesmo da reforma universitária...

IS- Pois não. Exatamente. Aí eu não tinha. Então eu fui fazendo, eles me deram um documento, não é, dizendo que eu fiz isso, visitei tal laboratório, vi isso, vi técnica... Eu fui para muitas partes! Eu passei esse tempo lá, esse mês aí e pouco, viajando lá para tudo quanto era instituição e vendo o que eles tinham de mais moderno e tal, etc. Me valeu muito porque eu tive, eu além de eu trocar ideias com gente muito importante, eu vi também a tecnologia que eles usavam lá e tal, etc. Eu me lembro que eu vi lá um laboratório de produção de hormônio juvenil. Eh... provavelmente, eles talvez querendo aplicar hormônio juvenil para rejuvenescimento de pessoas, não é? Eu que imagino, não é? Mas não sei se era verdade isso não. Mas era o hormônio rejuvenizante que eles estavam usando, tirado de quê? Do barbeiro. Então eles tinham...

SK- Do barbeiro?!

IS- Sim. É...

WH- Ué! Como é isso?

SK- Que interessante isso! Da onde que tira do barbeiro isso?

IS- (ri) Pois é. Tira de uma glândula cerebral que ele tem. E então eh... mas eu não eu não sei, ele... talvez... você sabe que na ciência eles fazem esse tipo de coisa, não é?

SK- E isso foi comprovado?...

IS- Não!

SK- Depois o sr. acompanhou o desdobramento disso?

IS- Depois parou. Porque enquanto eu tinha aqui a minha criação de barbeiros, era um laboratóriozinho pequeno, a gente usa aquelas galinhas e tal, bá, bá, bá... lá eles tinham um galpão enorme, cheio de carneiros deitados assim numa fila de mais ou menos uns 200 carneiros, amarrados e eles alimentando toneladas de barbeiros para poder extrair...

SK- Nossa, que interessante! Para estudar esse tal hormônio.

IS- Para extrair, certamente, esse tal hormônio. Nesse tempo ainda não tinha as polimerases da biologia molecular que você faz replicação das substâncias moleculares, não é? Naquele tempo não existia isso aí. Então provavelmente ele queria fazer a extração mesmo da substância e tal. Bem, é claro que eu vi coisa interessante. Aí depois, voltei para o Brasil, claro, estive na Europa, fui lá para o *Tropikisch Institute* na Holanda também. Tudo bem, voltei para o Brasil e enquanto eu viajava, ficava um médico me substituindo aqui no Centro

de Pesquisa. Tinha três médicos – tinha mais, mas ficavam três médicos, um deles escolhia o que ficava me substituindo. Dr. Tácito Muniz era o que mais me substituía. E então é isso aí. A gente deixava os projetos aqui, que a gente já tinha os projetos em andamento com as equipes realizando. Então eu me despencava assim, passava esse tempinho curto fora, eu tinha promessa de mais tempo, mas por causa do Centro de Pesquisa...

SK- É. Exato. Não podia...

IS- ...eu não podia abandonar o barco e ir embora, não é? Aí eu sempre vinha mais cedo. E... e bem, depois, logo com... logo com o finalzinho dos ingleses, vieram com os americanos com o professor Thomas Weller – que eu falei aí – fizeram também procurando campos de trabalho, não é, e então vieram para cá. Se instalou primeiramente o Dr. Kenneth Mott. Eu não sei se vocês ouviram falar. Não. Kenneth Mott, ele morreu há uns, um ano e pouco lá na... em Genebra e ele passou muitos anos comigo aqui na Bahia. E então ele gostava muito de esquistossomose...

WH- Ele era de onde?

IS- Ele era da, americano.

WH- Mas de que instituição?

IS- Ele era de uma universidade, depois ele passou para Harvard. Ele era (*inaudível*), não sei qual era o nome da universidade dele. Eu, sinceramente eu não sei.

WH- Ele veio cursando esse convênio com a Harvard, não.

IS- Não, ele antes, ele veio para cá, ele veio com.... ele era médico, ele veio com missão missionária de religião, certo? Com aqueles acordos que têm... como é?

WH- Pregar mesmo religião?

IS- É. Ele andava com a bíblia embaixo do braço. Quando ele chegou aqui, meu Deus, era todo de gravatinha de toda... fechadinha...

SK- Mas era um acordo, quer dizer, de filantropia ou era...?

IS- Não! Não era.. era... Não! Eles não tinham aqueles acordos religiosos que troca de...

SK- Era uma coisa religiosa mesmo?

IS- É. Tem essas coisas assim. Era. Religioso. Mas como ele era médico...

WH- Associação Cristã de Moços, tem uma.... eles têm....

IS- É. Aquelas coisas de protestante...

WH- Pastor...

IS- É, pois é. Exatamente. Mas ele começou a frequentar nosso laboratório e o resultado foi esse.

WH- Ele era médico também, não é?

IS- Médico também. Mas teve depois, então ele gostou muito de ficar no Brasil, eu não sei se ele tinha também a missão religiosa dele, ele foi largando para o lado a bíblia(*ri*). Tirando debaixo do braço e esquecendo a bíblia (*risos*).

SK- Ah, é?!

IS- Depois, e tanto que ele começou a namorar com as mulheres e pronto! (*risos*) As baianas...

WH- Aí desistiu de pregar.

IS- ...desviaram o pobre do caminho do céu, ficaram...

SK- Caiu na vida mundana, não é?

IS- Pois é.

WH- E aí ele ficou...

IS- Ficou.

WH- ...fazendo pesquisa.

IS- Fazendo pesquisa. Foi um grande braço para a gente, foi um grande amigo nosso. Então ele é que fez o contato com a Harvard, viu? Chegou lá nós abrimos uma frente de trabalho em doença de Chagas no interior da Bahia, onde existia muita doença de Chagas.

WH- Foi. O sr. fez um projeto de pesquisa justamente juntando aqui...

IS- Harvard.

WH- ...a Faculdade da Bahia e Harvard. Não é isso?

IS- Pois é, exatamente. Foi aí que então veio ele... ele fez com o professor Thomas Weller estava louco por um lugar para trabalhar, caiu a sopa no mel! Porque tinha esquistossomose, filariose, doença de Chagas... Então fizemos esse convênio, que não era ainda assinado os convênios formais não. Era quase que um acordo. Eu tinha que dar os relatórios, não sei que e tal. Era um negócio, mais acordo verbal. Então eles faziam tudo: dinheiro, microscópio,

viagens e pessoal, tudo, tudo! Trouxeram equipes e mais equipes de médicos recém-formados, os estudantes foram treinados aqui pela gente e tal, desenvolveram tudo e tal. O professor Thomas Weller indicou (*inaudível*) aqui. E uma das partes do acordo era de que eu todo ano tinha que passar dois meses lá nos Estados Unidos, viu? Era... eu só fui três vezes, depois eu nem quis ir mais, sabe?

WH- Foi aí que o sr. conheceu também...

IS- Pois é.

WH- Agora, me diga uma coisa, qual é o interesse dos estrangeiros na medicina tropical? Eu fico sempre pensando nisso.

IS- Ah, muito forte! Porque primeiro você tem muita gente que chega, eu mesmo fui naqueles hospitais de Londres que eu fui lá, chega aquelas doenças vindas da Índia, do... dos trópicos...

WH- Ah, das colônias, ex-colônias...

IS- Ex-colônias e daqui da América do Sul mesmo! O pessoal, chegam doenças que a gente não sabe o que é, não é? Da África, de tudo e tal. Então eles têm que estar preparados para isso! Tanto que continuam os acordos muito fortes. Eles vinham, estudantes para cá para... Semana passada eu tive um grupo de dez estudantes, médicos, aqui da... da... da *Cornell University*, aqui fazendo um estágio sobre barbeiro e tudo, tal, etc. Bem, aí eu sei que nós então fizemos esse acordo, eles ampliaram o acordo com a universidade, com o Hospital das Clínicas. Dr. Zilton Andrade também fez parte do convênio, mas a base mais forte era a minha, não é? A parte epidemiológica e tal, etc. Aonde nós publicamos uma quantidade enorme de trabalhos, inclusive da parte eletrocardiográfica, epidemiológica, clínica... e são trabalhos fundamentais em doença de Chagas.

WH- E esse projeto durou quanto tempo?

IS- Esse projeto durou dez anos oficialmente, viu?

WH- Olha! E tinha o lado também de profilaxia, de controle da doença? Vocês desenvolviam isso?

IS- Tinha também! Publicamos trabalhos sobre isso. De diagnóstico, profilaxia, controle, eh... foi um grande projeto realmente. É pena que terminou, porque foi em 80 terminou e quando eu perdi a direção, o dr. Zilton não se interessou em renovar, aí ele, não sei... Aí é com ele.

SK- Esse projeto teve alguma relação, alguma coisa com o Programa Integrado de Doenças Endêmicas do CNPq, dr. Sherlock? Foi um programa importante do CNPq criado no início dos anos 70 que deu muito recurso para a área de doença de Chagas, esquistossomose...

IS- Não, teve...

SK- O sr. teve alguma relação com esse programa do CNPq?

IS- Não, não tivemos não. Eu tive inclusive um...uma ajuda do CNPq para um projeto que eu fiz sobre saliva de barbeiros. Viu? E ele aprovou e até que eu... até hoje eu ainda não concluí esse trabalho, não é? Estou concluindo, mas não concluí. É um trabalho importante, que eu considero e tal, e não concluí. Mas nós não tivemos. Mas eu sei que quem teve o tal do PIDE foi o dr. Prata.

SK- Exato. Foi um dos... um dos...

IS- Que ele tinha uma área lá do PIDE lá em São Felipe, que eu também ajudei um pouco e depois saí de lá e tal.

SK- Ele fazia o que em São Felipe?

IS- Ele fazia um seguimento clínico *follow-up* da...

SK- Da parte clínica, não é?

IS- ...da população lá toda e tal... E... era isso. Os ingleses foram trabalhar com ele lá.

SK- Mas o sr. nunca, quer dizer, submeteu projetos ao PIDE ou não tinha contato...?

IS- Não, olha, eu... eu tinha, por exemplo, eu... eu não sei como foi que eu arranjei. Me ofereceram, o Parlamento do Canadá, me ofereceu um... para eu fazer um projeto. Eu fiz o projeto, esse que eu falei de 150 mil dólares, que eu fiz através dele. Era o Parlamento do Canadá que financiava através do Centro para o Desenvolvimento Internacional, tá? Então eles me deram 150 mil dólares e me davam sempre viagem para o Canadá, a toda hora eles me chamavam lá e tal, etc. Para reuniões internacionais, eles me pagavam e tudo para eu ir e tal. E esse já foi no fim da minha carreira e tal, que eu... da minha direção aqui. Então eu tive que devolver o dinheiro porque havia tanto empecilho burocrático aqui dentro que eu tinha que pedir permissão a mim mesmo se podia fazer, tinha que dar por escrito. Era uma coisa impressionante! Aí o Canadá, com a época da inflação galopante que estava, eles mandavam o dinheiro em dólar, chegava o dinheiro em dólar aqui, tinha que ser depositado em cruzeiros, transformado em cruzeiros, dentro de um mês, 100 dólares valia 50 dólares! Então eles não impediam isso, foi um problema sério para mim. Para a gente... eu comprei uns aparelhos aí que levaram... Eu comprei, fiz o orçamento de um... a compra de um carro, um carro por exemplo, tipo uma caminhonete Chevrolet, quando foi possível comprar o carro, depois de três, quatro meses, eu só pude comprar um jipezinho X15. Certo?

SK- Terrível.

IS- Pois é. Foi então, eles não impediram isso. Então era uma dificuldade danada, a gente não podia viajar, a gente não podia comprar gasolina, só podia ter tantos litros, não sei quê, parará...! (*interrupção da fita*)

Fita 3 – Lado B

SK- Eu estava lhe perguntando então, quer dizer, os recursos que o sr. mobilizava para fazer esse projeto grande que você falou, não é? O convênio com Harvard, quer dizer, vinha... Canadá era outra coisa?

IS- Era outra coisa. Tinha outros projetos também. Que eu sustentava o Centro de Pesquisa, não é, com a verba toda... Aliás, a Fiocruz, era da Fiocruz era... era... Eu nem me lembro. Nessa época já era da Fiocruz?

WH- 70. 70 é que é incorporado.

SK- Já.

IS- Já, não é? A Fiocruz dava o pagamento dos funcionários. Todo esse negócio todo de licença, férias e tal, etc, o meu salário, tudo, era da Fiocruz. E alguma outra pequena verba de... administrativa, burocrática, era a Fiocruz que pagava. Agora, verbas específicas, era gente que arranjava, certo? Eu tinha alguns laboratórios que me financiavam... tinha por exemplo, esse convênio, a Harvard pagava tudo quanto era despesa necessária para o desenvolvimento da parte dos projetos no campo e tal. Mas eu, você fez uma pergunta e aí eu quero falar o seguinte: o que é que eu achei dos laboratórios e tudo tal. Eu fui na Universidade de Lomalinda na universidade da Califórnia. Lomalinda University, pertinho da universidade da Califórnia ali. É na Califórnia, quer dizer, a construção é essa. Lomalinda é uma cidade da Califórnia, sabe? E eu fui também na Universidade da Califórnia, mas o que eu queria falar era isso. Então eu fiquei surpreso lá na Lomalinda que eu fui conhecer o professor Rayckman, eu era um especialista em estudar barbeiros e tudo... ele parecia um artista de cinema, todo bem penteado, a cabeleira assim parecendo o Elvis Presley e tal. Mas já na época recente (*ri*), não faz muito tempo não. Foi logo setembro, então faz pouco tempo. Aí ele... aprendeu muito bem e tal. E ele me mostrou lá os laboratórios.

SK- E o sr. nunca, quer dizer, submeteu projetos ao PIDE? (*pausa na gravação*)

IS- E ele me mostrou lá os laboratórios dele. Laboratório que eu fiquei surpreso, simples eh... sem essas grandes coisas que aqui no Brasil a gente faz de aparelhagens modernas e tudo e tal, um cara que trabalhava lá tirou o prêmio Nobel de medicina! Viu? Então você tá vendo, eu acho que aqui tem muito exagero naquelas grandes aparelhagens, caríssimas, que termina ficando obsoleta e ninguém usa. Certo? Não há necessidade disso para a pesquisa, o pessoal tem que se encontrar na realidade! Não pode fazer isso, isso é um absurdo realmente! Quantos aparelhos estragados estão aí que nunca nem foram usados?! Pode procurar isso aí que você vai ver dentro da Fiocruz isso aí, viu? Eu tenho aqui também. Isso aí é um absurdo realmente. O pessoal houve falar que tem um tal de *counter* não sei quê, que é de outra geração e tal, etc. Compra e não sabe nem usar e nem usa.

SK- Estraga, não é?

IS- Pois é. Aqui tem isso aí. Então eu vi lá nos laboratórios e na Inglaterra também vi, é claro, eles têm bons laboratórios. Na Harvard, o laboratório que eu ficava trabalhando lá com essas pessoas de alto nível e tal, eram laboratórios simples! É claro que tinha uma parte boa, de uma coisa ou outra. Não tinha essas coisas de última ponta, de informática, de *microsoft*, não sei quê, que muda toda hora.

WH- Agora o senhor... pelo que o sr. está me dizendo é que os laboratórios brasileiros, no caso inclusive aqui o Gonçalo Moniz...

IS- Fiocruz e tal.

WH- ...e Fiocruz, estariam no mesmo nível em equipamento...

IS- Mais nível, mais alto. O laboratório aqui tem... Aqui o laboratório que você vai ver é de nível superior a Harvard! E a produção a gente não tá vendo não!

SK- E já nessa época...

WH- É porque tem o outro lado, não é?

IS- Isso é até perigoso eu tá falando, mas eu falo. (*ri*) Não me incomodo.

SK- É. Nessa época da sua direção, quer dizer, o... que já pertencia, não é, quando passou a pertencer à Fundação Oswaldo Cruz, quer dizer, em termos de infra-estrutura, quer dizer, desde o começo o Centro já contou com o apoio da Fundação no sentido de aparelhar os laboratórios?

IS- Olha, deixa eu te contar. Eh... na verdade...

SK- Como é que foi essa mudança a partir do momento que passou a integrar a Fundação Oswaldo Cruz?

IS- Sim, entendi. Pois não. A mudança foi, é claro que foi, começou na decadência. Porque o que nós tivemos... adquirido naquele tempo com o Mangabeira, foi continuando até praticamente há pouco tempo que eu recebi mais umas pequenas outras aparelhagens que eu adquiri, dois microscópios me foram dados pelo dr. Hermann Schatzmayr, quando era presidente. Depois o meu laboratório foi uma decadência total, nunca mais chegou nenhum aparelho! Não consegui nem sequer um computador nem nada! Fui em que ganhei e fui eu quem comprei as peças, fui eu que montei e tal. Realmente é isso aí. E... mas no tempo do dr. Mangabeira, ele tinha umas ideias muito boas, assim bem brilhantes mesmo. Ele tinha uns amigos artistas que eram o Mário Cravo e o Carimbé, que decoravam todo o Centro de Pesquisa, mas de favor, de graça, não é? Não era... Era beleza. Você vê a notícia que o Amílcar Martins faz no Centro de Pesquisa, ele dá um elogio. No meu histórico eu também

falo sobre isso. Você tinha inclusive música embutida em todos os laboratórios. Música suaves, porque o Mangabeira achava que isso facilitava o trabalho, estimulava o trabalho da pessoa, sabe? Então você tinha aqueles fundos musicais bem suave, tocando o dia todo e tal, etc. Eh... as paredes eram pintadas de cor: x, y e tal, com aquelas cores que os artistas botavam e tal. E... a aparelhagem era realmente aparelhagem de ponta e tal, mas não exageradamente com diversos tipos *counter* e não sei quê... Só porque tem uma letrinha a mais, não existia isso não. Então...

WH- E as especialidades? Que especialidade o Mangabeira estabeleceu aqui?

IS- Não. O Mangabeira, ele procurou, ele era muito... que ele tinha uma visão, aquele, futurista, não é? Então ele achava que a bioquímica, a biologia molecular, a biologia celular, iam ter um papel. A genética, ele estimulou muito isso aí. E ele estava certo, sabe? Ainda nisso... os genomas... já tá. Pois é. Mas ele na verdade...

WH- Ele chegou a desenvolver pesquisas nesse campo?

IS- Não. Pouca coisa.

WH- ...Na genética, na biologia...?

IS- Não. Em genética sim.

WH- ...química...?

IS- Em genética ele andou fazendo umas coisas aí. Ele próprio não, mas o pessoal dele que andou fazendo alguns estudos genéticos, citogenéticos de insetos, dessas coisas todas e tal. Ele mexia...

WH- Ele montou um setor de genética aqui? É isso que eu queria...

IS- Não. Ele montou um setor não. Ele... não. O pessoal vinha para fazer um laboratório... também não tinha nada de especial para ele montar assim... Não existia ainda... Veio até por exemplo esse Lobzansky, outros geneticistas que trabalharam aqui com ele e tal. Mas ele não tinha um grande laboratório de genética, um aparelho enorme que você entra, faz transmutação, vira... Não existia essas coisas...

WH- Na época também não existia.

IS- Não, não existia. Mas talvez até se existisse (*ri*), ele talvez até conseguisse uma... Eu não lhe disse que ele procurou fazer a biologia marinha? Ele entrou... até que ele teve a notícia de que ele... iam fornecer um submarinozinho para ele trabalhar...

SK- É o sr. comentou isso.

IS- Pois foi.

WH- Agora, ele dividiu o Núcleo de Pesquisas em Laboratórios?

IS- Dividiu. Tinha vários laboratórios. E tinha justamente, tinha um cara...

WH- Quais eram, o sr. lembra?

IS- Me lembro. Tinha um cara chamado Gootmann, era um alemão inteligentíssimo, que ele fabricava os aparelhos para desenvolver. Os aparelhos de eletroforese, para correr proteínas, foram feitos pelo próprio Gootmann na oficina de lá, viu? Então era, ele era muito... Pois é. E funcionava e tal, etc. Tinha... os laboratórios não tinham nome assim específico, mas de bioquímica, não é, aonde o professor Elcimar Coutinho andava fazendo aquelas misturas dele, extrair substâncias de não sei que para não sei quê... Ele fazia isso.

WH- Ele era o chefe, digamos assim, não é?

IS- Não.

WH- O líder do laboratório.

IS- Era! O líder. Era. Não exista divisão de chefias porque era também muito pequeno. E outra coisa que ele falava sempre, o Mangabeira... é isso que eu já falei toda vez para o Mitermayer e ele não escuta, então pronto. O Mangabeira dizia: – e ele tinha muita experiência – “Olha, não... Sherlock, você vai... Italo, você vai ficar aqui nesse centro, mas você nunca vai fazer um grande centro de pesquisa que não funciona. Você tem que ter pequenos centros de pesquisa para fazer o trabalho, com as pessoas, são as mais importantes do que o prédio, do que o laboratório e tal. Se você não tem a pessoa, o pesquisador, não adianta. Porque o pesquisador às vezes até improvisa e faz as coisas, e o aparelho não faz nada por si só, nem as paredes, nem...” Ele chamava muito a atenção de que ele não queria ser o chefe de um grande centro, instituição e tal...

WH- Improdutivo.

IS- Hipertrofiada como, por exemplo, a Fiocruz, é uma coisa absurda, eu acho difícil até de controlar os departamentos lá. A não ser que eles departamentalizem tudo, não é, e funcione assim. Mas eles chamavam pessoas que era muito difícil.

SK- Quer dizer, não tinha uma estrutura formal de laboratório, esses departamentos? Quer dizer, ele chamava as pessoas, cada um tinha o seu laboratório, isso não era formalizado numa estrutura departamental ou administrativa. É isso?

IS- Essa pessoa... Não, não. Essa pessoa... Não, não. A pessoa era um produtor de determinado aspecto, ele, a pessoa estava fazendo e produzindo.

SK- E esse modelo o sr. deu continuidade na sua direção?

IS- É. Não...

SK- Modelo de...

IS- ...eu na verdade, eu apenas aproveitei o que eu já tinha, não é? Eu não fiz, eu não fiz uma transformação, uma orientação própria minha não. Eu fiz, sim, outra coisa, eu fiz também o que a necessidade exigia. É que a... o Departamento Nacional de Endemias Rurais, o Instituto de Endemias Rurais, exigia que a gente fizesse trabalhos aplicáveis à necessidade, a realidade brasileira. Então o que existia era doença de Chagas, precisa ser controlada, então a gente tinha que estudar esse aspecto e tal. O que ninguém ia fazer por exemplo, se já existisse o genoma de não sei que, que não tinha uma aplicação imediata, não era permitido a gente fazer isso.

SK- Quer dizer, vocês tinham uma demanda clara e...

IS- Exato.

SK- Prioridade...

WH- O sr. pode dizer, dr. Italo, que era um Instituto de Medicina Tropical?

IS- Era. Pois não.

WH- De Medicina de Endemias, não é? De doenças endêmicas.

IS- Aplicado, exatamente. Nós não estávamos... também nós não tínhamos o luxo de ser aqui um pequeno instituto, concorrer com, em tecnologia e gabarito, com grandes que estavam localizados em São Paulo, no Rio e tal, etc.

WH- Sim, mas no Nordeste, o que é que tinha aqui nessa região?

IS- Não, não tinha... tinha que ter os laboratórios realistas, não é, e executar o que era preciso para fazer. Para que você sonhar em ir à lua aqui no Nordeste?

WH- Quer dizer, o sr. estava me contando, eu queria voltar um pouquinho. O sr. estava me contando as áreas, não é? Na época do Mangabeira. Então tinha essa área do Elcimar Coutinho, que o sr. falou.

IS- É.

WH- Não é? E que outras... que outras áreas? Quer dizer, parasitologia, tinha entomologia...

IS- Tinha... tinha... Até ele andou mexendo até em botânica também. Então veio...

WH- O Mangabeira?

IS- É. Não! Ele próprio não, eu digo o Centro.

WH- O Centro.

IS- Porque veio então do Rio o dr. Luís Gouveia Laboriaux, que dizem, eu não sei nem de onde ele é, sinceramente, viu? E que era um grande botânico. E então ele andou fazendo, estudando a fauna, a flora aqui e tal, vendo isso aí tudo.

WH- Isso ficou como... como... linha de pesquisa ou quando ele foi embora parou?

IS- Ele fez muitos trabalhos... ficou como linha de pesquisa. Ele entrou também na parte fluorescência, não é? Que quando estava nos primórdios da introdução da fluorescência, em microscopia fluorescente, então aqui depois foi até aplicada, mas depois ficou até de lado, até que não desenvolveu muito mais não. Mas ele chamou o pessoal da Alemanha para vir aqui instruir, comprou microscópio eh... de fluorescência, mandou eu fazer um estágio em São Paulo. E ele tinha um belíssimo microscópio que se chamava Marta Rocha, que era um microscópio lindo...

WH- (*ri*) Nome de misse.

IS- Pois é. Ele dizia: “Vamos arrumar o Marta Rocha e tal, etc...” Eu estou até junto dele trabalhando numas coisas. Então a gente fazia, publicamos alguns trabalhos eh... sobre fluorescência em flebotomos... fluorescência... na ação da fluorescência do espermatozoide, dos flebotomos... E essas coisas assim. Não foi... deixa eu ver mais o que é que ele teve assim de...

WH- Que outras áreas, tinha aqui na época do Mangabeira, que ele desenvolveu? Em parasitologia...

IS- Era isso mesmo, não tinha outra. Tinha a parasitologia clássica, você vê os protozoários, o... aquelas coisas que se usavam...

WH- E quem estava nessa área?

IS- Havia o Deane, Leônidas... os Deane...

WH- Eles vinham aqui?

IS- Vinham muito! O Samuel Pessoa vinha de quando em vez também. Da parte de bacteriológica, bacteriologia vinha o Otto Bier. Era muito frequentador, o Otto Bier. Da parte de genética vinha uma doutora que eu não sei se ela era russa, era bem loura, Chana Malagowski. O nome é russo, não é? Mas eu não sei se ela era russa mesmo e tal. Eh... vinha... era isso! Era isso aí. A parte de veterinária, tinha muitos estudantes de veterinária, tinha, estudavam as doenças nos animais e tal. Era isso. Não tinha nada mais de especial não.

WH- E nessa área do nordeste, dr. Italo, quer dizer, qual era o papel desse instituto, não é,... – estamos falando daquela época, não de hoje – em relação a outros centros no nordeste? Tinha o Aggeu Magalhães que não era ainda Aggeu Magalhães, em Pernambuco, não é? Mas que outros centros importantes de intercâmbio vocês tinham aqui nessa região do nordeste?

IS- Nenhum.

WH- Nenhum, não é?

IS- Tinha lá no... Amazonas, na região amazônica. O Instituto Evandro Chagas. No nordeste extremo aqui tinha o Aggeu Magalhães... Tinha um grupo de trabalho de Alencar em Fortaleza, mas não era um instituto, uma instituição. Eu...

WH- Era na universidade.

IS- É, na universidade. Instituto de Medicina, Evandro Chagas até o nome lá. Mas não era. Era um pequeno grupo e tal. Eu trabalhei até lá também. Eh, tinha o Aggeu Magalhães era mais uma coisa... acho que só título, sabe, que dava o Aggeu Magalhães. Porque o Instituto era muito fraco. Mas tinha uma pessoa de muito peso lá que era o Frederico Simões Barbosa, que então ele pesava muito e então eu acho que o instituto era mantido mais por causa dele só. Era para preservar, ajudar, quer dizer, facilitar as coisas de Frederico Simões Barbosa. Já lá para Minas Gerais tinha o Rene Rachou, que estava sendo recém-criado pelo Amílcar Viana Martins, e não tinha na verdade outros não, viu?

WH- Quer dizer que no fundo, esse centro funcionava como um polo de atração também, de quem quisesse fazer pesquisa aqui na região nordeste? Tinha grupos fora da Bahia, pesquisando, que vinham para cá?

IS- Tinha! Tinha até do exterior. Vinha muita gente...

WH- É, do exterior o sr. me falou, não é? Os americanos, os interesses americanos...

IS- É, teve outros. De Israel, de...

WH- ...ingleses... Estou falando do Nordeste.

IS- Tá ali no histórico, fala de várias pessoas que vieram trabalhar aqui. Certo? Eh... eu tinha um professor Saul Adler e o professor Oscar Theodore, que são os melhores especialistas em leishmaniose do mundo. Eles vieram trabalhar aí com a gente um tempo. Eh... teve assim. Agora grupos mesmo da Bahia, não teve não. Teve...

WH- E do Nordeste em geral?

IS- Do Nordeste em geral também não teve não, certo? Não teve. Teve assim: o professor Guilherme Rodrigues, veio, fez a tese dele aqui. A dra. Vanise Macedo fez a tese dela também aqui na... com conexão com a gente. Ela era funcionária do centro de pesquisa. O dr.

Carlos Bina de Araújo fez a tese dele também aqui em esquistossomose. Dr. Prata, Dr. Aluizio Prata, era um dos que fazia, animava muitos programas de doença de Chagas, esquistossomose, leishmaniose e tal. Ele estava muito, fazendo uma frente de trabalho aqui, outro ali e tal. Projetos de campo não de laboratório em si, não é? Então aplicava os trabalhos de campo, não é?

WH- Sempre tinha esse lado aplicado.

IS- Era, sempre tinha. Por exemplo, a gente ia para os interiores, a gente montava lá pequenos laboratórios eh... onde levava até por exemplo, aparelhagem de raios-x, para tirar abreuografia, raios-x de tórax, contraste de esôfago para ver se os pacientes estavam com megaesôfago, eh... exame de sangue assim imediato, exame de urina, de fezes, de tudo e tudo se fazia no interior também, não é? Para complementação, exame de triatomínios e tudo.

SK- Só, quer dizer, voltando um pouquinho, nesse período em que... em que o Centro passa a pertencer à Fundação Oswaldo Cruz, não é, 70, não é? Que foi incorporado. Como é que foi isso? Conta um pouquinho essa... estava na sua direção, não é? Como é que foi esse... o sr. contou para a gente que foi até inclusive o senhor que propôs o nome de Gonçalo Muniz, Centro de Pesquisa Gonçalo Moniz...

IS- Foi. Foi.

SK- Conta um pouquinho dessa história, quando o centro passa a pertencer à Fiocruz... e enfim...

IS- Essa... essa fase aí, foi uma fase...

SK- ...a partir daí.

IS- ...difícilima para gente. Então nós tínhamos da Fiocruz cerca de uns 30 funcionários. Que já era Fiocruz, não é? Então nós éramos funcionários do Instituto de Endemias Rurais, que fora absorvido, passara a ser da Fiocruz, não é? Alguns depois também foram vindo ou contratados já para o Fiocruz. Nós tínhamos por exemplo uma entomologista lá do Rio de Janeiro que trabalhava com o Costa Lima, que veio para cá para Bahia, a Neide Guiton. Ela publicou muitos trabalhos de entomologia aqui em Salvador. Eh... então ela estava vendo as grandes dificuldades que a gente passou aqui porque eu estava realmente sem condições, sem prestígio político para arranjar verbas para manter. O pessoal de olho nas coisas daqui para carregar tudo. Uns queriam os microscópios, outros queriam os carros, outros queriam a casa...

SK- Quem queria? O pessoal da...

IS- Das outras instituições, não é?

SK- Das outras instituições que compunham...

IS- É, que compunham... das outras coisas de fora daqui. A FNSB, no DENERu, ela carregou nossos quatro veículos, ela carregou microscópios, ela se apossou do prédio próprio de instalação do Centro de Pesquisa. O Centro de Pesquisa sem um prédio de instalação foi um sacrifício porque a gente alugava uma sede, que a sede que a gente estava era alugada e o... é claro que tinha o preço do aluguel, não era tão caro, mas também não era tão barato. Isso era uma dificuldade para a gente conseguir este dinheiro para manter, para fazer o pagamento do aluguel. Até o ponto que o aluguel se tornou relativamente baixo e a proprietária do prédio pediu ordem de despejo para a gente porque queria o prédio para ela utilizar para outra coisa. Então realmente isso foi um baque que a gente não tinha para onde ir. Então, coincidiu que o Ministro da Saúde, eu não sei se era o Celso Arcoverde nesse tempo, foi fazer uma visita lá para gente no nosso Centro, que estava nessa fase: a dona pedindo ... Então eu falei para ele, mostrei para ele, ele então autorizou a fazer o aluguel de um novo prédio. Mas para a gente encontrar um grande prédio em condições de adaptar um centro de pesquisas não foi fácil! Então eu me lembro disso porque o professor Coura veio, e foi quando começou o convênio com a *London School*, mas o professor Coura esteve aqui na Bahia – eu não sei se ele já era da Fiocruz – aí ele me disse: “Ô, Sherlock, mas o seu laboratório está um monte de caixote cheio de coisas...” Eram as coisas realmente para o novo prédio que nós mudamos, estava tudo: (*ri*) microscópios, aparelhos, tudo encaixotado! E não podendo ser disposto lá nos espaços que não existiam, não é?

SK- E essa situação começou a ser revertida como?

IS- Ah, não! Essa situação começou a ficar difícil! E então começou a faltar, teve um diretor do Instituto de Endemias Rurais, que ainda não foi, passou algum tempinho sendo Instituto de Endemias Rurais, já englobado pela Fiocruz. Ele era da SUCAM, do DENERu. Então ele era amigo do diretor do DENERu daqui, do sul da Bahia. Então em conversa entre eles, ele achou que a casa, que era do Centro de Pesquisa, deveria ser ocupada pela SUCAM, não é? Então a SUCAM, quer dizer, DENERu, desculpe! Eu misturo, porque mudou tanto! E então resultado: o DENERu ocupou a casa e nós ficamos sem ter para onde ir. Não consegui mais manutenção depois de um ano e tal. Não consegui mais manutenção, nem instalar o Centro de Pesquisa direito, ficou tudo encaixotado, nem verba para continuar porque o aluguel já estava proporcionalmente bem mais caro! Aí então ele, o diretor, entregou a casa praticamente, e fez, arranjou com o estado, com a secretaria de Saúde do Estado, um lugar, um pavilhãozinho, na já decadente Fundação Gonçalo Moniz. Que já estava decadente para já... tinha uns espaços vazios lá, sem nada. Então um prediozinho lá que ele deu para a gente e jogou praticamente a gente lá dentro. E a Fundação Gonçalo Moniz, de boa vontade – eu não estou falando mal dela não, pelo contrário – (*ri*) ela deu um lugarzinho para a gente. Acontece que o lugarzinho nem tinha água para beber, nem tinha sanitário, nem tinha nada. E a gente ficava num prediozinho (*ri*) sem poder nem fazer as necessidades fisiológicas.

WH- Que situação! Quer dizer...

IS- Duramos um ano.

WH- ...nessa época passaram por duas ou três mudanças...

IS- Foi, exatamente. Essa foi a outra mudança. Então...

WH- Sendo que passaram um ano, mais ou menos, se mudando para lá e para cá, não é?

IS- É, foi, exatamente. Aí começou a decadência total e a extinção da Fundação Gonçalo Moniz. Acabou-se! Então foram transformar aquilo num laboratório central de pesquisa, de análise clínica. Então eh... que era o restante da antiga Fundação Gonçalo Moniz, então passou a ser reformado para ser o Laboratório Central de Pesquisa. Então nós estávamos lá como se fôssemos um tumor eh... fora do lugar, não é? E existia este grande terreno aqui, onde existia um prédio bem grande, que aí tem as fotos que vocês vão ver, mas já todo decadente também, todo estragado. Onde tinha funcionado, os a... os alemães tinham criado, foram criados, foi criado por uma boa construção aqui, tão reformando agora aí de lado, os alemães tinham criado durante a II Guerra, para ser um laboratório de produção de medicamento. E foi fechado por motivos políticos e tal, etc. Porque não podia ter alemão durante a guerra fazendo a... remédio aqui. E esse laboratório foi adquirido pelo professor Manoel Ferreira e professor Aluizio Prata por bagatela de dinheiro, mas ficou praticamente jogado aqui. Então ele aqui, da Fundação Gonçalo Moniz que pertencia isso aqui, mas não funcionava, criou aqui um grande biotério de produção de animais de biotério, cobaias, camundongos brancos e essas coisas, para ver se vendia e acho que para ver se recebia também alguma coisa. Não tinha estrada, não passava ônibus... como ainda não passa ônibus hoje, viu? Então isso realmente era um problema para gente, até que o dr. Prata chegou: “Sherlock, você não quer se mudar lá para esse antigo?” Eu fui ver, mas não tinha nem condições da gente vir, não é? Então tinha que vir a pé e na lama, que era lama. Não tinha estrada, não tinha nada. Aí eu achei que era ruim. Mas chegou uma hora, que o porão que a gente estava lá na... na Fundação Gonçalo Moniz, do Canela, que tinha sido extinto (*ri*), eles deram um ultimato à gente: “Vocês vão ter que sair daqui porque nós vamos precisar do prédio para reforma. Aí, ele próprio, o diretor, me disse: “Você não quer ir lá para Brotas, que é aqui?” Aí eu digo: “Bem, é o jeito, a gente não tem para onde ir!” Aqui funcionava um grande biotério de produção e um laboratório nessa coisa, da dra. Sônia Andrade e outro de criação de caramujo do dr. Zilton Andrade e de junto, um grupo francês que fazia também umas pesquisas de dr. Radovant Barovicks e...

WH- Já funcionava isso aqui nesse terreno?

IS- Já! Já funcionava aqui.

WH- Que era da Fundação...

IS- Da Fundação Gonçalo Moniz.

WH- ...da faculdade.

IS- Hem?

WH- Eles eram da Fundação Gonçalo Moniz ou eram da universidade?

IS- Da Fundação... Não, desculpe! Ela era da universidade também. Era funcionária da universidade e da Fundação.

WH- Da Fundação.

IS- Então ela tinha esse laboratório aqui. Então... mas começou a decadência também daqui, porque acabou-se a Fundação Gonçalo Moniz, então o LACEN não se interessava em manter laboratório de pesquisa, não é?

WH- E nessa época, dr. Italo, desse vai e volta, o Centro acabou perdendo funcionários... foram embora...

IS- Per... Todos! Muita gente...

WH- ...pessoas que decidiram...

IS- ...saiu, retiraram-se! Dra. Vanise, dr. Geraldo... muita gente pediu demissão, foi-se embora, foi trabalhar em outro lugar e tal, etc! Certo? E o material se estragando também, não é? Microscópios, aparelhagens e tudo e tal, etc...

SK- E isso era o período de que gestão na Fiocruz?

IS- Na Fiocruz... era Rocha Lagoa... e quem foi depois de Rocha Lagoa?

WH- Oswaldo Cruz...?

IS- Foi Travassos da Rosa...

WH- Não! Travassos da Rosa foi antes.

IS- Foi antes?

WH- É. Joaquim Travassos, depois vem o Rocha Lagoa... e aí quando vira Fundação, eu acho que é o Oswaldo Cruz Filho...

IS- É, que foi muito...

WH- ...Oswaldo Costa...

IS- Coitado! Prometeu tanta coisa à gente e não teve capacidade de fazer nada!

SK- Eu até ia lhe perguntar, como é que a presidência da Fiocruz lidava com isso?

IS- ...Açoitava...! Ah, tinha uma, inclusive uma amicíssima minha, a Anna Kohn, que era a assessora principal do Oswaldo Cruz. Mas ele, (*ri*) coitado, era uma figura praticamente decorativa!

SK- Porque a Fundação era uma coisa muito frágil, não é? Quer dizer, essa figura jurídica da Fundação Oswaldo Cruz no começo era uma coisa muito frágil.

IS- Pois é. Então é claro...

WH- Todos os setores estavam nessa época... até 76, estavam com problemas de recursos, de, de equipamentos de pesquisa...

IS- Tudo! Estava muito difícil. a...

WH- Tinha pouquíssima gente na Fundação, não é?

IS- Pois não. A Escola Nacional de Saúde Pública ainda não estava entrosada direito na Fundação. Foi uma série de problemas realmente, eles prometeram tanta coisa, que eu visse a história da sede própria do Centro de Pesquisa e deu um avanço muito grande do departamento jurídico, chegou a... do Ministério da Saúde, a dizer que o prédio era do Centro de Pesquisa Gonçalo Moniz...

WH- Esse aqui?

IS- Não, esse não! O próprio que tinha.

WH- Ah, tá!

IS- Que a gente não tinha...

WH- Mas não, acabou não saindo.

IS- Não. Aí ficou...

WH- Aí vocês vieram para cá.

IS- Aí nós viemos para cá. Chegamos aqui, mas já estava, já tinha decadentes o laboratório dos franceses, os ingleses já tinham ido embora, deixaram o espaço lá, o laboratório, só as paredes, não é, total. Eh... eles tinham feito até uma pequena melhoria. Isso aí vocês vão ver tudo naquele histórico. E então que tem as fotos. Então, ele... nós, o diretor lá que me admirava muito, disse: “Sherlock, você não quer ir ocupar lá o laboratório que os ingleses deixaram não?” Aí eu: “Quero.” Porque não tinha para onde a gente ir também. E eu quero porque era bom. Mas quando estava acabando já os daqui, os que eram da Fundação Gonçalo Moniz também, estava acabando. Inclusive o de dra. Sônia Andrade e o de dr. Zilton Andrade. Que era muito distante para eles virem lá da faculdade. Eles trabalhavam, a dra. Sônia então parece que se enciumou porque eu ocupei um laboratório dos ingleses que ela queria, e o diretor não deu para ela e ela fala até mal com diretor. (ri) Na entrevista, no contexto... na contestação que ela faz. Ela então já chegou já “que tem um tal me perturbando tanto”, ela disse assim: “Eu vou me retirar daqui!” Aí pegou juntou o laboratório, as coisas

dela tudo, saiu daqui foi para a universidade, viu? Então acabou-se, eles não ficaram mais aqui! Dr. Zilton, nem dra. Sônia, nem nada!

WH- Aí o sr. montou aqui...

IS- Nós montamos, improvisamos, consegui verba com o dr. Costa, que foi presidente da Fiocruz também. O dr. ...

WH- Oswaldo Costa.

IS- Oswaldo Costa! Que era baiano por sinal, não é? Ele era baiano, não é? Oswaldo Costa. E a casa da família dele é bem aqui pertinho! Aí ele ajudou um pouquinho, nós fizemos um convênio com a Escola Nacional de Saúde Pública e passei a ser eu aqui, dar... o coordenador do curso regionalizado de Saúde Pública e tal. Isso prestigiou mais um pouco a gente, sabe? Que aí nós entramos em contato com...

WH- Instituto Regionalizado de Saúde Pública?

IS- Saúde Pública. Aqui na Bahia.

WH- De quando isso?

IS- Eu tenho inclusive a portaria dele me designando...

WH- sessenta e sete?

IS- Eu nem sei... isso aí eu não sei. Foi quando ele foi diretor, foi diretor do... foi presidente do... da Fiocruz.

WH- Da Escola Nacional de Saúde Pública, o Eduardo Costa.

IS- Não! ...

WH- O... perdão! Oswaldo Costa.

IS- É. Presidente da Fiocruz. Ele foi.

WH- Da Fiocruz? ... Não, eu acho que foi da ENSP.

IS- Não! mas ele foi presidente da Fiocruz também, não?

WH- Agora eu já não...

IS- Ou era... como eu... Eu não sei. Eu acho que ele foi presidente da Fiocruz.

WH- É possível. Porque como são dois Oswaldos: Oswaldo Cruz Filho e Oswaldo Costa, a gente...

IS- Foi logo depois o Oswaldo Costa, viu? Do Oswaldo Cruz! Ou o Oswaldo Cruz foi depois dele? Eu não sei lhe dizer não! Eu... mas teve isso aí. Ele então me prestigiou, me nomeou... Ou então ele era diretor da Escola Nacional de Saúde. Que ele me nomeou coordenador regionalizado da Escola de Saúde Pública. Nós fizemos então um acordo com... - Você tá com frio?

WH- Um pouquinho. Mas tudo bem. *(ri)*

IS- Desliga ali!

WH- Eu vou diminuir um pouquinho.

IS- Para mim, a mulher tem frio, eu sei. Eu lhe explico porque é isso. *(ri)* Vocês não sabem não? Os homens não tem. Vocês não notaram isso não?

WH- Não. Os homens são menos friorentos, não é?

IS- É, os homens. Porque mulher tem anemia devido à menstruação.

WH- Ah! A anemia que dá frio.

IS- A taxa de hemácia da mulher é bem mais baixa que no homem.

WH- Olha!

IS- Você não sabia disso?

SK- Claro que não.

IS- Pois é isso. *(risos)*

WH- Tá explicado!

IS- É. Pois não.

WH- Mas o sr. dizia que o... o sr. conseguiu esse convênio com a Escola Nacional de Saúde Pública para montar aqui os cursos regionalizados.

IS- Foi. Eu fiquei o...

WH- O sr. foi professor. Deixa eu ver quando foi isso. Porque a gente tem essa informação.

IS- Foi. Eu fui responsável pela, coordenador desse curso aqui. Eu era a principal figura. Isso valeu muito...

WH- 76.

IS- ...para segurar mais a gente um pouco, não é? Isso inclusive...

WH- 1976.

IS- Ah, ele, o Oswaldo Costa, não era o presidente da Fiocruz não! Aí entrou o Vinícius da Fonseca!

WH- Isso! Ele era presidente...

IS- Da Escola...

WH- ...diretor da Escola Nacional de Saúde Pública.

IS- Que se chamava Escola Presidente Castelo Branco.

WH- Isso. Na época tinha esse nome.

IS- É. Pois não. Antes, não é?

WH- Aí entrou o... (*interrupção da fita*)

Fita 4 – Lado A

WH- ...estava falando da gestão do dr. Vinícius.

IS- Sim, então eh... chegando aqui a dra. Sônia se retirou. Nós chegamos aqui, instalamos, aí nós conseguimos com o dr. Vinícius... Não! Com o dr. Vinícius, eu acho que era, um pequeno dinheiro para reparo e fazer o que precisava de urgente, não é? Ele nem, nunca tinha vindo aqui. Mas aconteceu um negócio interessante, que mudou nesta época, os funcionários... eu não sei se vocês são desse tempo, mas mudou os funcionários para CLT. Você sabe, não é?

WH- Soube.

IS- Pois não. Então ninguém queria... eu... aí eu...

WH- De estatutário passou para CLT.

IS- Para CLT. Então o seguinte, a gente estava ganhando muito pouco como estatutário... - a minha filosofia foi essa - ganhando muito pouco. Eu estava médico, com a minha clientela de otorrinolaringologia bem estabelecida, bem boa, e... Mas eu gostando aí nunca deixava, o meu lado fraco era aqui, não é? Aí eu disse o seguinte: “Eu vou optar por CLT.” Todo mundo: “Mas você é maluco! Como é que você vai fazer isso, parará, parará...?!” (ri) Aí eu peguei, mandei minha opção para CLT. Eu digo: “Pior do que está não pode ser!” Não era não? Estava péssimo! Aí eu digo: “Pior não pode ficar, então eu vou optar. Então se não der certo eu vou me embora logo e deixo tudo aí. Não tem mais jeito!” Aí eu fui o primeiro a fazer, o primeiro pesquisador...

WH- A optar por...

IS- Aí o Vinícius Fonseca: “Que maluco é esse?!” (risos). Então me convidaram para eu ir num congresso de Medicina Tropical, para se encontrar comigo lá no Belém do Pará, repare só! Ele mandou reservar minha... minha... hotel e lá, etc, que ele queria me conhecer. Eu acho que ele pensava que eu era um grande líder... - Coitado de mim! - com o nome Sherlock, ele nem me conhecia, um baixotinho assim como eu! (ri) Aí ele me convidou, me encontrou lá, conversou, perguntou como estavam as coisas aqui e tal. Aí eu disse, as grandes dificuldades dentro do programa. Então ele ficou admirado, não é, que eu tinha feito, por que eu tinha optado. Eu disse a razão a ele, que tá tão ruim que pior não pode ser, não é? Então foi por isso e tal. Aí ele começou a saber da nossa existência já então aqui, não é? Coincidiu de eu ter tirado um prêmio, uma medalha que eu falei ontem para vocês, um prêmio Gerhard Domack, e então eh... e os jornais começaram a falar e não sei quê... Aí vinham visitar aqui, achavam decadência total, não é? E começaram a meter: “Virgem, que coisa é isso?! Onde é que tá...?” Os jornais falaram para burro! (ri) Como é que tá... A Veja deu uma entrevista aí comigo. Saiu uma página lá da Veja e tal. Eu... eu ouvi dizer, não tenho, tenho certeza que era, eu sei que eu tenho certeza do que eu fui falar. Que o Ernesto Geisel tinha uns recortes de jornal com as notícias do Brasil todo, ele lia aquilo rapidamente, não é, não tem gente... Agora nós temos isso aí, feito aí. Então disse que quando ele leu as coisas daqui da Bahia e tal, ele falava da extinção do Centro de Pesquisa, da Fiocruz, ba, ba, ba... Aí ele mandou saber de mim oficialmente (ri), por decreto, por que... o que é que estava havendo aqui, quais eram as soluções que eu tinha, tal, tal, tal, tal... Aí eu tive que cooperar. Tinha uma comissão lá do delegado federal de Saúde, que existia isso, existia esse cargo de primeiro aqui, e outros militares lá, um bando, que... para eu explicar as coisas. Aí eu expliquei: “Olha, nós não temos condições de trabalhar mesmo! Aquilo está decadente, vai se acabar, parará, parará...! Nós temos muitos problemas de saúde pública aqui na Bahia e tal.” E tinha mesmo! Aí ele falou não sei quê. O Vinícius da Fonseca se encarregou, veio pela primeira vez um presidente da Fiocruz aqui. Então veio a comissão lá do Instituto Oswaldo Cruz: o Lobato Paraense, o Vinícius Fonseca, o... o... outros lá, que eu nem lembro quem foi, viu? Eu acho que eu falo até nesse currículo. Mas eu me lembro mais do Lobato Paraense e tal. Aí...

WH- O Lobato Paraense era vice-presidente ...

IS- De pesquisa.

WH- ...de pesquisa nessa época.

IS- Exatamente. Aí tinha, dr. Zilton não trabalhava aqui, dra. Sônia não trabalhava aqui. Se eles trabalhassem nem na Fundação Gonçalo Moniz, mas que já tinha sido extinta. Entendeu? Então eles trabalhavam lá na universidade. Então ela não pode nunca dizer isso, que ela ficava trabalhando aqui quando ela chegou, quando eu cheguei, ela estava mesmo aqui. Mas no dia seguinte ela foi embora daqui! Viu? Voltou.

WH- Ela não era do... do Instituto Gonçalo Moniz...

IS- Nunca foi!

WH- ...era da Fundação Gonçalo Moniz.

IS- Gonçalo Moniz... e depois largou, ficou sendo só da universidade porque a Fundação se acabou, ela continuou fazendo as pesquisas dela, porque lá na universidade não tinha espaço para ela fazer isso aí. Mas vendo assim...

WH- Aí foi aí que o sr. dá o nome de Centro de Pesquisa Gonçalo Moniz?

IS- Não. Aí veio...

WH- Na gestão Vinícius.

IS- ... Vinícius Fonseca. Eu fui até convidado oficialmente para ir numa recepção ao Ernesto Geisel lá na Fiocruz. Eu recebi o convite oficial, eu devo ter esse convite lá. E eu nunca me esqueço porque parece que tem uma coisa que eu desconfio que... Eu era médico do Exército, já fui médico da Marinha, da Aeronáutica... Atendia todos esses militares, todos. Então eu tinha um nome até bem limpo perante os militares. E então... Com exclusão de eu ter ido para a Rússia, para a China, para a não sei que e tal, viu? (*ri*) E de ter escondido o Samuel Pessoa durante um ano, mas nada disso me implicou (*batendo na mesa*). Eu sei que eu fui ao Rio, nessa recepção lá do... do... na casa lá do presidente... Não tem a casa do presidente lá? Eu nem sei se ainda tem!

WH- Lá dentro do terreno da Fundação.

IS- Um luxo danado, lá eu fui. Eu sei que eu lá fui apresentado, e o dr. Ernesto Geisel chegou para mim, aí disse:...

SK- (*fala ao mesmo tempo*) Na casa do presidente do Brasil.

IS- "Dr. Sherlock!..." Hem?

SK- Não, ele tá falando da casa do presidente Geisel?

IS- Não! O presidente... (*falam ao mesmo tempo*)

SK- Mas essa...

IS- ...da Fiocruz.

SK- Foi uma recepção ao Geisel?

WH- O Geisel foi à Fundação.

IS- Ao Geisel. O Geisel foi na Fundação, não é? E eu, eu fui convidado. O Vinícius Fonseca mandou me convidar.

WH- E o dr. Vinícius ele morava na residência oficial, que era ali onde foi a recepção.

IS- Oficial. Pois não. Exatamente. Tinha um almoço muito bacana lá à beira da...

WH- Isso! Uma mesa grande, bonita.

IS- É. Pois não. Pois eu fui e eu sei que eu fiquei hospedado num hotel que eu sempre fico, desde garoto que eu fico hospedado no Hotel Novo Mundo, ali no Flamengo. Mas quando eu cheguei de noite no meu coisa... no primeiro dia que eu cheguei lá. Eu cheguei lá de tarde, fui lá em Manguinhos porque a festa era no outro dia. Estava tudo revirado no meu quarto! Eu só penso que foi os seguranças que foram... eu como um dos convidados, não é, que ia encontrar o presidente que era da Revolução. Eu não sei! Eu sei, eu imaginei... Hem?

WH- Seu quarto estava revistado?

IS- Todo revistado! Retiraram tudo, mala, tiraram... quem é que ia fazer isso sem roubar nada? Não é não?

SK- É claro.

IS- Eu imaginei que fosse isso. Mas aí eu fui para recepção, o Ernesto Geisel veio falar comigo, dr. Vinícius: “Esse é o dr. Sherlock lá da Bahia.” Quer dizer que ele já estava conversando sobre mim, não é, tinham falado. “Ah, dr. Sherlock, como vai?! Como é que vão as coisas na Bahia? Não sei que, parará, parará...” E muito depois eu encontrei o dr. Ernesto Geisel lá no... no Caxambu, ele estava lá no hotel, ele veio falar comigo também. *(ri)* Eu achei muito engraçado porque eu nem sabia se ele se lembrava de mim. Bem, eu sei que foi isso. Então o dr. Vinícius Fonseca passou a... “Como é que melhora isso aqui?” Eu digo: “Melhora isso aqui contratando novos pesquisadores, reaparelhando, consertando, dando uma série de permanentes, porque nós estamos aqui improvisados de favor. Nem um acordo, a gente não tinha! Nem nada escrito! Eles tinham me dado por favor para ficar aqui. Mas podiam tirar a qualquer hora como eles me tiraram lá do outro lugar, não é? Eu digo: “Então é preciso uma sede estável para poder dar estabilidade e tranquilidade aos pesquisadores, porque eles estão todos se evadindo daqui, estão indo embora, nós estamos perdendo todo mundo. E eu também já não aguento mais isso! Eu já não tenho mais resistência para lutar tanto assim e tal!” Aí ele então perguntou quem era eu. Tinha chegado na Bahia recentemente o dr. Bernardo Galvão da

França, o dr. Gabriel Grimaldi com a mulher dele americana chamada Pamela... Pamela Muriarty, que também era pesquisadora. Quem foi mais, meu Deus?! Tinha uns quatro ou cinco nomes... Bom. Dr. Leônidas Deane, Dr. Coura, tudo isso eu sugeri para que... não, o Dr. Coura. Eu disse: “Dr. Vinícius por que é que o sr. não contrata o dr. Coura para vir para Fiocruz?” Eu não sei se isso teve influência. Aí o dr. Vinícius perguntou: “Qual é que você acha que a gente pode botar da Bahia, no Conselho Científico?” Tinha um tal de um Conselhão lá. Não sei se vocês sabem disso, não é? Que era o antigo... não sei se tem mais? Ainda tem?

WH- Conselho Científico e Tecnológico.

IS- Até era um alto Conselhão. Só tinha... Eu digo: “Você pode botar Dr. Prata e Dr. Zilton Andrade.” Aí ele pegou, não botou Dr. Prata e botou o Dr. Zilton Andrade. Eu não sei se outras pessoas sugeriram, mas eu sugeri para ele isso. Porque ele me perguntou, eu sugeri isso, não é?! (*batendo na mesa*) Daí começou a conexão do Dr. Zilton Andrade com o Centro de Pesquisa Gonçalo Moniz. Foi daí.

WH- Do Conselho, não é? Através do Conselho Científico Tecnológico.

IS- Através do Conselho, com ligação com a Fundação Oswaldo Cruz. Foi daí.

WH- Conselho Técnico Científico isso?

IS- É. Conselho Técnico Científico. Era um Conselhão onde tinha o Carlos Chagas, não sei que, não é?

SK- É. Eram os notáveis, não é? Era um conselho de...

IS- Pois é. Exatamente. Não fazia nada, não é? Era só...

SK- ...de notáveis, não é?

WH- Fazia uma reunião mensal, não é?

IS- Pois não. Aí eu ainda disse assim: “Olha, eu também acho... eu não tinha nada contra o dr. Zilton, a não ser a partir daí que eu passei a ter um pouco de ressentimento contra ele, porque ele me fez cada coisa. E então ele passou a ter contato mais com a Fiocruz, lá com a cúpula da Fiocruz e tal, etc. Mas eu tinha sugerido ao Dr. Vinícius que também era preciso botar um diretor de pulso forte, de prestígio, já que eles queriam melhorar assim e tal, etc. Aí, tudo bem, e sugeri o nome do Dr. Zilton. Assim como o Dr. Zilton Andrade, porque ele realmente é um homem muito trabalhador, viu? Uma pessoa muito... foi muito, isso é verdade, que ele foi um homem muito dedicado ao trabalho dele e tal, etc. Bem, o diretor do LACEN, que tinha mandado a gente vir para cá, deixado emprestado aqui, por favor, esse lugar para a gente, chegou, mandou me chamar lá, eu fui e então ele disse: “Dr. Sherlock, por que é que você não fala com o seu presidente para a gente fazer um comodato... fazer eh... não falou um convênio, para vocês ficarem com uns dez, vinte anos, que o secretário de Saúde

tinha falado para ele. Porque o secretário de Saúde não tinha também mais dinheiro para manter isso aqui! Além do mais um negócio que estava, já tinha acabado a parte praticamente da Secretaria da Saúde, estava decadente, não existia mais. Agora vinha o outro, passava a ocupar aqui, como é que eles iam manter isso aqui com o dinheiro deles, com vigilantes, com empregados, não sei que e tal?! Aí é que o secretário da Saúde mandou me falar isso. Então eu imediatamente dei no coisa, uma cópia do ofício, mandei ao Vinícius Fonseca dizendo que estava acontecendo, que tinha sido o secretário tinha falado na possibilidade de um convênio, que seria uma grande oportunidade para gente começar. Aí o Vinícius Fonseca, eu telefonei para ele: “Dr. Vinícius, olhe, isso aí...” Ele disse: “Pois me mande por escrito.” Eu mandei. Ele imediatamente respondeu para o secretário dizendo que era de grande interesse e tal, tal, tal... e estava bolando um convênio, tá, tem uma seqüência de coisa ali falando nisso. E então eh... esse então, que o dr. Sherlock e... o dr. Zilton Andrade iam fazer contatos aqui para a Bahia e tal, etc. Bem, daí em diante foi feito um preliminar que deu em zero(*ri*). Porque aconteceu que o governador Roberto Santos fez, veio visitar aqui, estava numa pior sem dinheiro do estado, não é, então querendo dinheiro de todo jeito, a dificuldade de manter isso aqui, não tinha nada ainda acertado apesar de dr. Vinícius ter me dito que ele ia dar 10 milhões de dólares naquele tempo para a restauração disso aqui geral. Ele ficou animadíssimo, o dr. Vinícius, veio aqui e tal, viu tudo aqui. Nós indicamos uma porção de nomes para o pessoal daqui. Ele ficou muito alegre de fazer um grande Centro aqui. Mas aí os nomes que nós indicamos foram todos contratados lá para o Rio! (*ri*)

WH- No Rio, não é?

IS- E não ficou ninguém aqui. Nenhum!

WH- Pois é. O sr. falou Grimaldi, Bernardo Galvão...

IS- Bernardo Galvão... teve mais outro aí que eu não me lembro quem foi. Até o Dr. Deane foi, Leônidas Deane, Maria Deane...

WH- O Deane foi para lá depois...

IS- Pois é. Quem foi mais aí? Teve vários outros aí. Não vieram, ninguém para aqui.

WH- Mas o Galvão agora tá aqui na Bahia, não é?

IS- Já tá. Ele tem, trabalha aqui. Vizinho do laboratorizinho aqui da gente. Bem, mas eu sei que... aí aconteceu isso, o governador botou para vender... Vocês vão ler também, isso é muito engraçado... (*ri*)

WH- Esse terreno aqui?

IS- Esse terreno que vai até lá o outro bairro! Vai até... construíram até um hospital lá. Construíram o LACEN já aqui dentro e ainda sobra terreno para burro, não é? Aqui era um mangueiral com mangas rosas, com jaqueiras e abacateiros, era uma beleza! Era um horto florestal que os alemães tinham feito aqui. Derrubaram as árvores já, para fazer os prédios,

para fazer as coisas, essa já tá peladinho, quase que não tem mais nada! *(ri)* Mas isso aí vamos ver...

WH- É, não é? Tanta construção que fizeram.

IS- Pois é. Exatamente. Então eu sei que... resultado é que ele botou para vender isso e ele estava no finzinho do governo dele, o Antônio Carlos Magalhães já tinha sido eleito governador daqui e soube... eu me queixei a uns deputados que iam fazer isso. “Como é que vão tirar a gente? E a gente vai para onde agora e tal?” Aí o deputado: “Tá”, no lugar, no bico do Antônio Carlos Magalhães e o Antônio Carlos Magalhães tomou isso como se fosse uma coisa dele. Fez uma declaração: “Se vender, eu desaproprio!” Aí... Tá... no histórico tem um bocado de recorte falando isso.

WH- Foi aí que o sr. conseguiu esse terreno aqui...

IS- Foi aí...

WH- ...para o Centro de Pesquisas já chamado Gonçalo Moniz.

IS- Já! O Vinícius já tinha vindo em 75 e já tinha vindo... isso aí foi logo depois de 75.

WH- É. Inclusive porque na gestão do Vinícius, ele muda o nome de várias unidades da Fundação.

IS- Pois não.

WH- Por exemplo, a escola que se chamava Instituto Castelo Branco, na gestão dele volta a se chamar Escola Nacional de Saúde Pública.

IS- Escola Nacional de Saúde Pública. Ele tinha prestígio para fazer isso, não é?

WH- Ele mudou vários nomes, não é?

IS- É. Porque botaram Castelo Branco só para puxar o saco de Castelo Branco, do presidente, não é? Que ele nem médico não é, não é isso? Como é que ia ser?

WH- É. Ele voltou porque ele achava que o nome ‘Escola Nacional de Saúde Pública’ era muito mais...

IS- Mais representativo, claro.

WH- ...importante.

IS- Pois é! *(ri)* Pois é. Mas eu sei que rolou, rolou a vinda dele aqui e tal e não concretizou-se nada. Ele então teve essa história de Antônio Carlos Magalhães. E então era vice-presidente de pesquisa o Guilardo Martins Alves...

WH- Pesquisa não! Era recursos humanos.

IS- Ah, recursos humanos! Era...

WH- Pesquisa era o dr. Lobato.

IS- Dr. Lobato. Tá certo, é isso mesmo! Aí resultado é que eles se entrosaram lá e tal, juntou, foi convidado para ser secretário da Saúde aqui na Bahia - você vê como as coisas políticas, não é? - o professor Euny Rocha. Hoje em dia ele é o reitor da Universidade da Bahia, Federal da Bahia. Então ele foi contra. Mas o professor Euny Rocha não gostava de ser, não quis ser o secretário de Saúde. E o que é que ele fez? O Dr. Euny Rocha inclusive, segundo a gente ouviu falar, era inimigo do dr. eh... Roberto Santos que era governador. Por isso que o Antônio Carlos Magalhães convidou o Euny Rocha para ser o secretário da Saúde dele. O dr. Euny Rocha não aceitou, mas indicou o sogro dele, professor Jorge Noviz para ser o secretário da saúde. Tá entendendo ou não a história?

WH- Sim, claro.

IS- Pois não. Então o dr. ... então ficou tudo naquele grupo, controlando todas as rédeas, não é? Então o professor Jorge Noviz, um... - foi até meu professor, excelente professor e tal! Uma pessoa que eu gostava muito também e tal. Dr. Euny Rocha também gostava muito e tal. - e... claro que eram inimigos de Roberto Santos...

WH- Roberto Santos.

IS- ...que é inimigo mortal de Antônio Carlos Magalhães! *(ri)* Você sabe disso, não é? Não sabe não?! Eles já tiveram briga desde quando eram jovens, por causa de namorada... *(risos)*

WH- Começou desde cedo.

IS- ...Desde cedo. Eram inimigos. Então o Antônio Carlos Magalhães achou que aquilo era uma afronta ele vender isso aqui e tal e: "Eu desaproprio e tal!" Aí fez como coisa de honra dele, ele vai fazer um grande centro de pesquisa. Aí realmente foi assinado um comodato, de 25 anos, eu não sei se já foi renovado e já tá, se não foi, *(ri)* tá na hora de renovarem, não é? E Então eh... botaram... que eu fiquei até 80... Em agosto de 80 eu fui afastado daqui, tem lá o meu afastamento oficial também tá lá no boletim. No dia, no mesmo dia foi nomeado o Zilton Andrade.

WH- Pois é, dr. Italo, eu queria lhe perguntar inclusive porque o sr. está nos contando que a partir de 63, 64, quando o sr. assume a direção aqui, morre o Mangabeira, até 76, 75, 76... esse Centro, na época Núcleo de Pesquisas aqui da Bahia, ficou numa situação difícil, não é?...

IS- Dificílima.

WH- Sem recursos, sem espaço físico, com pesquisadores indo embora...

IS- Não, mas...

WH- Quando mais ou menos resolvem, vocês conseguem esse espaço e a gestão do Vinícius da Fonseca que mais ou menos dá um impulso para a Instituição. Ele consegue recursos, ele começa a montar de novo... O que é que o sr. consegue realizar aqui nesse período, não é? O que é que o sr. consegue reestruturar e que áreas o sr. enfatiza? Eu gostaria...

IS- Deixa eu te falar um negócio, aí...

WH- Porque teve tempo inclusive para isso, não é?

IS- Teve sim! Nós fizemos alguma coisa aí. Eh... na verdade durante este período de 63, quando o Mangabeira morreu, até vamos dizer, essa outra data de 70 e... do englobamento do INERu pela Fiocruz... Foi em 70, não é? Foi em 70?

WH- 70.

IS- Pois é, então nesse período nós tivemos até um tempo que a gente fez muitos trabalhos, porque o Instituto Nacional de Endemias Rurais, eles gostavam muito dos nossos trabalhos aqui e estavam muito aplicados nos estudos das endemias. Então eles até nos apoiaram, nos deram transportes, veículos...

SK- É, o que complicou foi quando saiu, quando foi essa passagem do INERu para a Fiocruz.

IS- Não, mas houve, antes disso foi que houve a complicação. Porque então devido à amizade do diretor do INERu com o chefe da Circunscrição Bahia do DENERU, que quis tomar e usurpou finalmente a nossa casa, então foi aí já que complicou tudo, que nós ficamos, recebemos ordem de despejo e não tínhamos para onde ir. Então aí eles achavam que a solução era extinguir, era isso aí. E eu que me dane, não é? Fui para o Rio, falei com o Dr. Manoel Ferreira: “Doutor, não vai deixar extinguir esse centro de pesquisa! Não tem ninguém trabalhando nisso lá! Como é que o sr. vai deixar extinguir e tal?” Ele disse: “Não vão extinguir.” A mesma coisa se repetiu com o dr. Germano Sinval que também foi presidente do IOC. Não foi? Ou foi da Fiocruz? Eu... Germano Sinval. Foi presidente da Fiocruz. Germano Sinval.

WH- Farias. Germano Sinval Farias.

IS- Farias. Exatamente! Germano Sinval Farias. Ele fo lá de dentro da Fiocruz! Ele também continuou na mesma opinião de dr. ... Ou foi do DENERu que ele foi? O presidente, o diretor geral do DENERu, não é? Ele disse: “Não vai ser extinto!” Então manteve isso. Mas aí teve esse outro problema. Quando houve a incorporação do INERu pela Fiocruz, já houve mais uma esperança para a gente. Porque a gente era da Fiocruz, então passamos a ser da Fiocruz.

SK- Já houve a esperança.

IS- Pois é. Então, então eh....

SK- Mas na verdade, quer dizer, esse processo só foi começar a botar ordem na casa nessa época que o Vinícius começa...

IS- Depois. Foi exatamente isso aí! Foi...

SK- E aí como é que foi? Como é que foi o isso?

IS- Não, aí como foi é que a gente ficava numa penúria danada eh... com uma depressão total dos funcionários, uns indo embora, outros indo para outro lugar eh... outros até pediram demissão, não é? E, é claro, eu não sabia para quem apelar mesmo, já soltando, queimando os últimos cartuchos para ver se conseguia manter aqui como, vamos dizer, uma defesa de uma coisa que fosse minha própria, que eu tinha prometido a Mangabeira que “tá certo, eu aceitava ficar com aquilo ali”.

WH- Mas, dr. Italo, na época em que finalmente o terreno... é resolvida a questão do espaço físico, não é, que começa... - aí até uma dúvida, não é? - começa a ter... o dr. Vinícius consegue transferir recursos para cá para remontar o Centro ou ainda há um tempo que permanece na incógnita o destino dele?

IS- Não... teve... teve porque logo depois daqueles contatos de arranco que teve, que foi oferecido um comodato, eu... o comodato não pode ser concretizado logo, porque o governador pôs à venda o terreno aqui, entendeu?

WH- Sim, mas depois o Antônio Carlos Magalhães resolveu...

IS- Resolveu. Aí pronto! Aí depois foi tudo para cima. Então foi diretor...

WH- E o sr. ainda teve um tempo de gestão depois disso?

IS- Não. Aí o seguinte: teve um tempo de gestão extra oficial. Porque o dr. Zilton não podia ser diretor porque ele tinha dedicação exclusiva, tanto que tem uma revogação que só passa a ser... em vez de ser de 80, passa a valer para 81. Isso para... acomodar as coisas porque ele não podia ser, então para aparentar que era, não é? Então eu tinha...

WH- Ele queria ser diretor daqui?

IS- Ele... ele foi nomeado diretor daqui. Ele aceitou ser diretor daqui.

WH- Ele queria ser nomeado, ele foi nomeado por quem? Quem indicou... quem...?

IS- Pelo Guilardo Martins Alves. Foi nomeado diretor daqui.

WH- Ele pleiteou esse cargo?

IS- Não! Eu inclusive indiquei. Eu indiquei, mas é claro, eu tenho certeza também que ele foi mais porque o Guilardo Martins Alves quis.

WH- Porque o sr. também queria sair, não queria mais?

IS- Eu... eu não... *(ri)* Eu me sentia incapacitado de fazer isso. Há 18 anos que eu lutava com isso! Eu inclusive uma vez fui lá no dr. Vinícius: “Dr. Vinícius, eu não aguento mais isso! O sr. tem que tomar uma decisão! Dê um tiro de caridade, não é?!...” Como é que se chama aí?

WH- Misericórdia.

IS- Misericórdia. Misericórdia. Pois era isso aí. Eu realmente já estava demais acabado com esse negócio, prejudicando minha carreira pessoal, botando dinheiro do meu bolso aqui para muita coisa...!

SK- Estava desgastado já com tanta... com tanto tempo de dificuldade.

IS- Já! Totalmente desiludido. Aí vocês dizem... Vocês vão ver no prefácio que eu falo do histórico, eu tinha... tinha a meu favor a esperança, o desejo de realizar alguma coisa que todos os jovens têm. Mas depois foi se acabando!

SK- É. Quer dizer, quando o dr. Zilton foi indicado para assumir a direção do Centro, o sr. não se sentiu, quer dizer, o sr. estava querendo já sair...

IS- Era! Foi uma...

SK- ...o sr. não se sentiu desprestigiado com isso?

IS- Não!

SK- Era uma decisão que...

IS- Não, não! Eu me sentia...

SK- ...era compatível com o que o sr. queria.

IS- Era, exatamente! Agora, eu comecei a me sentir desprestigiado com os acontecimentos...

SK- Depois.

IS- Não. Logo com... depois de haver o entrosamento disso e de estar pré-determinado isso, começaram a haver as coisas que me ressentiram muito. Eu por exemplo, dr. Zilton marcou uma reunião comigo e então... - muitas coisas dessas eu tenho a comprovação escrita, não é? - e então ele marcou para tratar desse assunto. Eu era o representante oficial do Centro de Pesquisa. Então ele, se ia negociar, se ele aceitaria, como é que era, para eu explicar tudo para

ele como eram as coisas, não é? Então ele marcou uma reunião comigo para as duas horas da tarde. Eu fui lá na universidade falar com ele, onde ele trabalhava, no laboratório dele. Cheguei lá dez para as duas horas, falei com a secretária, aí a secretária foi lá dentro, avisou que eu estava, aí ela disse assim: “O dr. Zilton pediu que o sr. aguardasse um pouco.” Aí eu fiquei esperando. Deu duas horas, três horas, quatro horas, cinco horas, seis horas da tarde o dr. Zilton não me atendeu. Aí pegou, abriu a porta: “Ô Sherlock, desculpe, eu tenho que sair para...!” Isso é a técnica que ele usa para depreciar as pessoas, viu? Humilhar, tá?! Fazer de conta que a pessoa não vale nada! Eu me senti ferido nesse dia, certo? Mas não foi só nessa vez que aconteceu isso não.

SK- O sr. inclusive estava indo lá para passar a ele as informações para...

IS- Exatamente! Com toda a boa vontade...

SK- ...para fazer uma transmissão de cargos, vamos dizer assim, não é?

IS- Exatamente. Foi isso mesmo. Foi a primeira coisa que ele me fez assim. Depois eles se reuniram, fizeram várias outras reuniões, para tratar do Centro de Pesquisa, nenhuma dessas eu fui convidado a participar.

WH- Quer dizer, ele formou uma equipe... e não lhe incluiu, não é?

IS- Não... Não sei nem se ele formou a equipe. Então ele, o dr. Guilardo Martins, aí quando ele assumiu a ser diretor, o dr. Guilardo Martins me nomeou vice-diretor. Aí ele chegou para mim e me disse assim: “Sherlock, o vice-diretor tem de ser uma pessoa de confiança do diretor, e você foi nomeado assim, o que é que você acha?” Eu disse: “Não sr., o sr. nomeie o seu vice-diretor quem o sr. quiser. Eu não vou ficar vice-diretor.” Quer dizer então que ele então não era, eu não era, eu era *persona non grata* para ele. Então ele me falou isso. Então eu não fui ser o vice-diretor, então veio um... foi aí que a Universidade da Bahia foi um tempo negro, que eu digo assim, para a Fiocruz em si. Porque eles achavam que tudo isso daqui, apesar de ser todas as despesas, toda... a maioria do pessoal, tudo, a Fiocruz que dava, a Universidade da Bahia era dele! Não é que eu seja contra a Universidade da Bahia não, é o sistema que foi formado, não é? Tanto que foi o parecer que o Conselho Jurídico da Fiocruz deu, que era uma vergonha isso. Bem, e a...

WH- Agora, dr. Italo...

IS- ...e as discriminações que tinha! Eu não tinha direito a ter ninguém! Iam tirando o meu pessoal, começou a levar meu pessoal. Jogando as pessoas contra mim com calúnias, com coisas indecentes até que eu não vou dizer quem foram as pessoas. Mas vieram duas pessoas, dois homens lá do Rio de Janeiro, de administração superior, aqui para tratar comigo de um assunto administrativo. Esses dois homens, eu vou falar sim, me chamaram lá no hotel deles, quando eu cheguei lá eles estavam nus fazendo coisas indecentes para que eu olhasse assim!

WH- Que é isso!

IS- Verdade sim.

WH- Que loucura!

IS- Quando eu falei com o dr. Deane, ele ficou escandalizado, ele pelejou para eu dizer. Eu não digo quem é, nunca quem são. Fizeram isso aí, viu? Agora, talvez um dia eu ainda diga, viu? Quem são. E eu fiquei chocado porque foi propositado isso, para me humilhar! Viu? Foi para isso. Porque também teve outro detalhe aqui. Porque eu tenho um jeito assim, um jeito molenga, não sei que e tal, mas eu não sou homossexual não. Eu sou molenga, apenas assim. Então chegou um dos empregados que era, fazia a casa particular do dr. Zilton, que ele trabalhava aqui também mas fez as construções das fazendas dele e tal. Chegou para mim, para consertar o insetário eu pedi, um ano para fazer um conserto do aparelho do insetário! Não fizeram o conserto. Aí eu fui lá. “Mas rapaz, você não conseguiu fazer isso não?!” Aí ele pegou e me disse um bocado de nome pornográfico e tudo, tal. Eu fui reclamar ao dr. Zilton, ele sequer ligou! Viu? Então ele lançava as pessoas contra mim para poder me destruir totalmente, me apagar totalmente daqui. Ele não conseguiu não! Realmente ele não conseguiu! Porque eu digo...Teve uma reunião, ele inclusive influenciou... - eu disse que ia falar tudo, não foi? E eu estou falando tudo. - eu estava... Pode ficar gravado, eu assino depois. Teve uma reunião que quando... então ele passou um período das capitânicas hereditárias que ele passou oito anos, depois teve o outro que hoje em dia se arrepende muito de ter feito isso, que ficou mais quatro anos, o... o aluno dele que era vice-diretor. Ficou mais quatro anos...

WH- Quem era?

IS- Foi o Moyses Sadigursky.

WH- Moyses...?

IS- Sadigursk. Foi, depois de Zilton, foi ele diretor. Aí ele... ele ficou aqui, mas para a gente foi um período negro, de humilhação, eu não tive mais direito à nada, não podia... fiquei nervoso estressado... Eu era eliminado das coisas, era convidado eles não me entregavam o convite... Eu me lembro que teve uma coisa que eu fui convidado para ir numa reunião no Equador, não... riscaram o meu nome e botaram... e o Moyses foi no meu lugar. Eu... e era coisas desse tipo que eles faziam assim. E todo o meu pessoal era tirado, tomado... não trocavam... Lançavam o pessoal contra mim, faziam calúnias e... tudo quanto era coisa contra mim, nesse sentido! Eu tenho muitas coisas escritas aí que eu posso muito comprovar muitas coisas, mas eu assino também o que eu estou dizendo aqui. *(ri)*

WH- Agora, o dr. Zilton ele montou... ele estruturou o Centro em departamentos, não é, em laboratórios, não é isso?

IS- Não, já era assim.

WH- Já tinha essa estrutura de laboratório?

IS- Já. Agora fez diferente. Agora... Sim, o que eu queria chegar...

WH- Pois é, porque eu queria entender como é que chega a ter essa estrutura que tem hoje...

IS- Pois é. Exatamente...

IS- Porque o senhor é hoje chefe desse laboratório aqui de parasitologia.

IS- Pois não. Já... sempre fui. O primeiro que tem era esse e continuou sendo eu, viu? Quando ele chegou já existia esse, viu? Dr. Zilton chegou, já existia o laboratório de parasitologia... Ele, a dra. Sônia criou o laboratório de doença de Chagas, ele criou o laboratório de patologia eh... e pronto. Depois teve o Galvão que criou o LASP, e depois veio... tinha o laboratório de imunologia que era do dr. Moyses Sadigursky e depois veio o dr. Laim, que brigaram, depois criaram o laboratório de biologia imunológica, sei lá, tem um bocado de coisas repetidas agora aqui e eles receberam até há pouco tempo uma carta achando que isso era um absurdo, essa superposição de coisas semelhantes, etc e tal. Mas eu ia falando um negócio aqui, mas eu me esqueci...

SK- Falou que o dr. Zilton fez uma coisa diferente em relação à estrutura que tinha antes no laboratório... Era isso que o sr. ia falar? O sr. falou: "Já tinha o laboratório mas ele fez uma coisa diferente..."

IS- É... já... realmente ele já tinha o laboratório... Sim, é claro que ele deu uma ênfase especial ao doutorado, ele na verdade... - Sim, é isso que eu quero chegar. - ele deu doutorado em patologia humana e o mestrado em patologia humana, viu? Então eles tiveram, era muito, eu não sei se eles eram muito rigorosos, eu sei que chegou a um tempo que teve que ser modificado totalmente esse tipo de estrutura. *(interrupção da fita)*

Fita 4 – Lado B

WH- O sr. falava da estrutura do antigo Instituto de Endemias Rurais...

IS- Sim, de Endemias Rurais. Era bem... a filosofia veio daí. É área de doenças tropicais endêmicas. Foi para isso que existia esse Centro de Pesquisa, foi criado aqui. Claro que mudou. Tudo bem, pode mudar, tá bem! Mas a área de patologia pura, estudo de câncer,

estudo de coisa, não estava dentro do contexto de endemias rurais, não é? Mas tudo bem, o dr. Zilton tinha uma escola muito boa de alunos patologistas... eh... a maioria debandou, foi Grimaldi para lá, foi Galvão para lá... E ele parece que nunca soube muito assim ter um continuador, tanto que ainda não tem nenhum até hoje. Mas também um dos que foi, foi o dr. Mitermayer, o atual diretor, foi um dos alunos dele. E foi também um grupo que entrou aqui assim por milagre, que eu não sei... Eu até recebi uma carta de, um dia do Morel, carta do Morel, dizendo que esse pessoal, tinha muita gente em situação irregular e bota uma lista de pessoas, de nomes irregulares. Eu não era nem diretor ainda. Nomes irregulares que não poderiam, se houvesse mesmo para cumprir a Lei, o que a Constituição dizia, nenhum deles poderia ficar, inclusive o dr. Zilton. Que eles tinham sido nomeados para cá sem concurso, sem nada e que não tinha cinco anos quando foi promulgada a Constituição. Que a Constituição permitia a quem já vinha há cinco anos desempenhando aquela função, tinha sido...

WH- Fosse incorporado.

IS- ...fosse incorporado. E eles não eram dentro disso. Então tinha Dr. Freitas, Dr. Arion, Dr. Zilton, eh... Dr. Mitermayer... - Dr. Mitermayer então é bem mais novo, não é? - Dr. ... porque Dr. Moyses nunca foi funcionário daqui nem Dra. Sônia também, nunca foram funcionários daqui. Bem, eram uns cinco por aí ou seis, tá? Então eles não seriam aceitos oficial, constitucionalmente eles não poderiam continuar. Mas o Dr. Mitermayer, diz ele sempre, e ele também usa isso como um escudo para ele, eh... Dr. Zilton pelo prestígio recebe medalhas toda hora e recebe muitos títulos toda hora. Há uns quinze dias atrás mesmo ele foi homenageado pela Associação Baiana de Medicina e então ele tem assim muito prestígio científico, não é? Ele tem realmente qualidades, ele é um homem muito trabalhador e tal, etc. Não fosse esse defeito para mim, mas isso também não é só para mim, que tem outra pessoa, eu vou levar em conta só a minha parte, que eu não entendi porque é que ele me odiou tanto e me depreciou tanto, quis me humilhar tanto esses anos todos. Porque quando eu o conheci, eu já era o diretor aqui, já era o chefe aqui, eu realmente eu... já tinha inúmeros trabalhos publicados, ele me conheceu no exterior, não sabia nem que eu trabalhava aqui na Bahia perto dele. Então eu nunca jamais entendi e tal. Mas são coisas que a gente não pode chegar no íntimo da pessoa para saber, não é? (ri)

WH- Tem algum tipo de...

IS- Eu tive problemas...

WH- ...divergência em termos de ciência, do fazer ciência...

IS- Não!

WH- Do que é importante, do que não é? De trilhas diferentes? Politicamente, divergências também...

IS- Não. Porque nossos ramos são bastante diferentes. Então não existe uma concorrência...

WH- Concorrência, não é?

IS- ...assim de...

WH- Científica.

IS- ...frontal...

WH- Nem com o dr. Zilton, não é?

IS- Não.

WH- Porque ele é patologista e o sr. parasitologista, não é? Quer dizer, até...

IS- Ele é patologista, pois é. Pois não. Exatamente. Então não existe esse problema que fosse analisado por esse aspecto aí. Então, segundo o pessoal me diz, isso é inveja, tá? Isso caía no conceito do Mangabeira, inveja. De outros também que eu ouvi.

WH- É, o senhor falou ontem, não é?

IS- Pois é. Isso aí caía num aspecto que se chamava inveja, então que seria a única explicação para isso. Mas eu não tenho... é claro que eu me considero muito inferior a eles, eu sou apenas uma... ele é uma grande figura, eu estou apenas lutando pelo que eu acho que gostaria de fazer e coisa e tal.

WH- Pois é, vamos falar um pouco disso. Eh o sr. é chefe desse laboratório desde 1990. Quer dizer, na verdade o sr. trabalhou nesse laboratório...

IS- 90 não! Desde 1900 e Mangabeira. (*risos*)

WH- A vida inteira, não é?

SK- É verdade.

IS- É.

WH- Então eu queria lhe perguntar, atualmente, não é, que tipo de trabalho o sr. tá desenvolvendo? Como é que o sr., enfim, quem faz parte do seu laboratório? Que tipo de pesquisas estão sendo desenvolvidas aqui? É isso que eu gostaria que o sr. nos contasse.

IS- Bem, então vamos ao... eh...

WH- Atualmente.

IS- ...o nome do nosso laboratório aqui... porque eu achava que eu era um parasitologista, porque a minha formação foi de parasitologista, a básica, como eu contei aqueles grandes

parasitologistas todos que tem, que eu agradeço na minha tese de doutorado a eles e tal. Eu então, mas como o Dr. Deane também me disse, ele foi nomeado chefe de Departamento de Entomologia (*ri*) que ele não considerava-se um entomologista. Mas tudo bem. Então o nome desse laboratório aqui é de Parasitologia Entomologia. Porque a nossa proposição é estudar a interação do hospedeiro, do reservatório e do vetor nas doenças parasitológicas. Isso daí inclusive consta naquela lista ‘Quem é quem’ da Fiocruz. Não tem uma coisinha assim dizendo?

SK- Tem.

IS- Foi essa, me perguntaram minha proposição, então a minha proposição é essa: estudar a interação do parasita hospedeiro e vetor em todos os seus aspectos, inclusive ecológicos e laboratoriais e tal. Eu tinha minha estrutura de dez eh... tinha dois assistentes, tinha... serventes... - porque naquele tempo tinha serventes, agora a coisa é auxiliar de serviços gerais. Tinha dois auxiliares de serviços gerais, tinha uma secretária e tinha três técnicos trabalhando. Então no total dez pessoas. Isso foi tudo me usurpado, todas essas minhas vagas e não foi restabelecida nenhuma, nem foi substituída. Eu fiquei então só com um único que trabalha, porque os outros também estão se aposentando, alguns se aposentaram, e ao invés de darem a vaga para mim, deram para outros laboratórios, não é? Então isso já partiu desde o tempo do dr. Zilton e continuou com o dr. Moyses e atualmente com o Dr. Mitermayer também. Parece que o Dr. Mitermayer tá começando a entender que ele está errado em muitas coisas, não é? Que ele trouxe a filosofia errada de que eu seria uma pessoa que não era para ser, para estar aqui, porque eu não fui aluno da Escola de Patologista de Dr. Zilton. Porque segundo ele, consta... Mas isso não é verdadeiro também, têm vários outros que não são. Dr. Laim não é, eh... Vários outros! Dr. Ricardo Oliveira não é, dr... Muitos outros não tem! Não adianta eu me lembrar agora assim. Bem, mas eles acham isso, que a Escola de Patologista que seria, que teria sido criada pelo Dr. Zilton Andrade, que foi criada na verdade, eh... então que seria o núcleo principal daqui, de formação. Eu como não trabalho nesse ramo, não sou patologista, nem fui aceito para fazer o doutorado em patologia aqui, que eu me inscrevi e não me aceitaram. Conforme eu já também mencionei. Então eu...

SK- O senhor falou que não tinha chegado eh... que alguém lhe disse que se o sr. fizesse o doutorado aqui, o sr. não seria aceito, aí...

IS- Não, não, não... se eu fosse me submeter eu não seria aceito. E então, no dia seguinte, ele ia fazer isso, na véspera desisti de ir, (*ri*) não fui. E então foi... escapei de ser humilhado, me inscrevi no Rio de Janeiro, fui e fiz lá, não é? Tudo bem, fui muito bem aceito. Mas...

SK- O senhor fez aonde o...?

IS- No Rio de Janeiro, na Biologia Parasitária.

SK- Tá, Biologia Parasitária.

IS- Eu fiz alguns créditos aqui. Inclusive alguns créditos orientados pelo próprio Dr. Zilton Andrade. Eu fiz um crédito e... o microscópio eletrônico quebrou-se na hora em que o Dr.

Zilton foi me ensinar como eu devia de lidar. Foi uma coincidência tremenda, tá?! Na hora que eu ia ver o final, que o Dr. Zilton foi me ensinar, quebrou o microscópio eletrônico. Tudo bem. Você vê.

SK- O sr. falava aqui do laboratório.

IS- Pois não. Então foi uma... eu... eu...

WH- O sr. perdeu alguns funcionários...

IS- O Conselho... perdi...

WH- Não teve reposição...

IS- Não tive, mas eu não deixei de fazer meus trabalhinhos, de publicar meus trabalhos porque além disso, eu tenho já coletado, muita coisa dessa vida de 40 anos de trabalho que eu tive. Eu tenho muitos dados para publicar guardados. São dados que não envelhecem, por exemplo: dados por exemplo, referentes a família dos flebótomos... Tem tal flebótomo que não pertence a esse grupo. Eu poderia publicar muita coisa assim. Eu tenho dados também feitos sobre o efeito da saliva dos barbeiros na patogenia da doença de Chagas, tá também guardado aí e tal, para ser publicado. Eu tenho a distribuição geográfica, a dispersão dos vetores de leishmaniose, inclusive agora, já me foi oferecido eu já estou fazendo, vista através de satélite porque houve essa modificação. Nós estamos fazendo esse trabalho agora. Bem, mas o que foi uma surpresa, foi que o Conselho Nacional de Pesquisa, lançou um convite no Brasil, para... no Brasil inteiro, para pesquisadores apresentarem trabalhos. Então aqui, ninguém me falou sequer nisso, mas eu vi num *site* lá do Conselho, levei lá na Internet, então me ousei a pegar fazer um trabalho, um projeto de trabalho, e eles sempre (*batendo na mesa*) faziam reuniões, todo mundo fazendo os projetos deles lá...

SK- O que é? O PRONEX, isso?

IS- É o PRONEX? Não. É o... é PRONEX, não é? O de doenças...

SK- Programa de Doenças Endêmicas.

IS- ... Não. Programa de... Doenças re-emergentes emergentes. Como é que chama?

SK- Ah, sim! Ah, não, eu não sei! Porque tem esse... o PRONEX é um projeto, quer dizer, justamente os grupos de excelência e tal, que são contratados...

IS- Ah, não! Eu nunca fui convidado para isso! Teve muita... Olha, teve outra coisa, a pessoa que tem mais trabalhos publicados em leishmaniose eh... talvez um do Brasil, sou eu, viu? Pelo menos aqui na Bahia sou eu, pelo menos aqui no centro-sul. Fizeram o projeto do PAPES sobre leishmaniose que eu estava trabalhando eh... fizeram numa área que eu já havia... fui o primeiro a ter trabalhado nessa área. Não sequer... nunca me disseram o que estavam fazendo, botaram outras pessoas que nunca trabalharam em leishmaniose, não me

falaram nada do que fizeram lá, o projeto recebeu uma verba do tipo A de 200 mil reais e tal. Eh... tudo bem eu peguei, fiz um projetinho de... foi da área de tipo B, e ganhei 30...20... 10 mil reais, viu? (ri) Só para ajudar a desenvolver pelo PAPES.

SK- Mas o sr. estava falando de um outro projeto do CNPq.

IS- Sim, não, mas deixa eu te falar do tipo das coisas que acontecem. Esse tipo de PAPES, esse projeto de PAPES, foi típico do que eles fazem, porque a pessoa tradicional de leishmaniose sou eu! Eu inclusive tenho, os maiores especialistas com quem eu trabalhei! Eu faço parte da história da leishmaniose no Brasil. É claro, eu lancei inclusive a teoria aí baseado no tempo de trabalho que eu tenho, não é? Porque eles me trataram: “Como é que dr. Sherlock, você lançou essa hipótese?” Agora mesmo, no congresso, eu fui lá de doença de Chagas, eu fui perguntado sobre isso. Aí eu disse: “Eu lancei a hipótese baseado mais ou menos na teoria do *Cometa Halley*. O cara achou que de 100 em 100 anos ele passava...” Eu disse brincando, não é? Porque eu fui de 40... eu passei 40 anos na área e vi que de 10 em 10 anos existia um surto. Aí peguei os dados e comparei, confrontei e lancei minha teoria. Que é uma verdade, não é?! (ri) E de grande importância prática. Mas tudo bem. Mas eles fazem esses tipos de projeto e coisa. Mandaram então para o PRONEX, que você falou, um projeto de pesquisa onde envolveram todos os pesquisadores daqui menos eu (*batendo na mesa*). Viu? Tiveram dinheiro para burro para comprar, envolveram até um rapaz que era, que tinha sido meu assistente que eu que botei aqui, eu que ensinei tudo a ele, os primeiros trabalhos que ele publicou, todos, quase todos - que ele deve ter uns oito a dez trabalhos publicados - uns oito são meus e os outros dois são dele só. Viu? Bem, mas o PRONEX eu só...

WH- O sr. falava do projeto que o sr. mandou para o CNPq.

IS- Não, mas eu estou falando para chegar lá porque houve essa história, ela perguntou do PRONEX, se eu era do... Não, nunca fui! Nunca me envolveram, nunca sequer tiveram assim a consideração de dizer assim: “Olha, você nem gostaria de dar uma ajudazinha em qualquer coisa do PRONEX?” Tudo bem, não sou do PRONEX. Nunca fui e acho que nunca serei não porque não dá mais tempo. Bem, então como era... Então eles fizeram, como fizeram para o PRONEX, como fizeram para o PAPES, esses outros. E então eu fazendo sozinho as minhas coisas. Eu fiz para o PAPES um pequeno projetinho, eles me aprovaram e estão me dando os, 10 mil reais para eu poder fazer a compra de um animal e não sei que, as coisas aí... Aí eh...

WH- Do CNPq que o sr. estava contando.

IS- Eh... Fizeram as reuniões e tudo e tal, parará... apresentaram um forte projeto para o CNPq, nesse projeto das doenças re-emergentes no Brasil todo, não é? Aí eles davam um limite de 40 mil, 40 mil por projeto, viu? Aí eu sozinho fiz meu projeto, mas convidei várias pessoas para serem meus colaboradores. Inclusive botei até o nome do próprio diretor daqui como um dos colaboradores na parte de biologia molecular, porque o laboratório é dele. Eu botei um dos colaboradores na parte de patologia que é o Dr. Arion, que também faz patologia. Eles todos aceitaram, deram uma declaração e tal. E é claro que nós recentemente descobrimos uma coisa muito importante agora nesse projeto, viu? Com a infecção do cavalo, por leishmaniose chagásica. Então eh... o Dr. Zilton já escolhambou, desculpe a palavra. (ri)

Tudo bem. Aí eh... mandei, fui lá no diretor, o projeto dessa grossura aqui (*demonstrando o tamanho do projeto*), todo escrito por ele... (*ri*) Ele: “Ô Sherlock, você vai apresentar isso para o CNPQ?” Eu digo: “Vou! E tá aqui o lugar de você assinar, se você aprova, dê uma olhada nisso.” Foi um dia de sexta, eu vim, ele não pôde me atender, então... “Eu passo aqui amanhã, sábado!” Aí eu digo: “Pois eu venho sábado aqui.” Aí eu vim sábado, fiquei esperando, chegando ele... Ele olhou, olhou, olhou... “Vou assinar aqui.” Assinou. Mandei o meu projeto foi selecionado, dentre 500 e tanto, foram selecionados 50, o meu estava no meio, não é? Dentre os 50 selecionados, seis pertenciam a aqui, ao Centro de pesquisas, um era o meu. Eles ficaram surpresos como é que o meu projeto foi aprovado! Eu não pedi a ninguém, nenhum, para ninguém dar um empurrãozinho, que eu não conhecia. Ele não tinha nem o apoio político deles aqui porque eles aprovaram dois projetos já feitos, já realizados. Então aprovados, eles continuam a receber dinheiro, mas o projeto fora... até ser publicado, fora assunto de tese. Não é? (*ri*) Tá vendo como é essa gente?!

SK- Esse projeto, quer dizer, tá tendo continuidade agora...?

IS- Tá! Nós estamos... É isso que eu estou podendo...

SK- O que é que vocês estão estudando agora?

IS- Nós estamos estudando... sabe qual é a importância... porque a leishmaniose visceral é uma doença que você, para controlá-la, o que se faz hoje em dia, é tratar as pessoas doentes e você controlar os vetores com inseticida e mataria os cães infectados. Todas as três partes... ah, o tratamento da doença dos humanos é obrigatório, não é? Mas as outras duas partes são muito dispendiosas e principalmente a matança....ah, dos vetores é super dispendiosa e eles quase que não faz isso, fazem isso. Então restou a matança dos cães, não é? Muito cara também porque você tem que fazer inquérito canino, diagnosticar os positivos, matar os cães. Tem problemas seríssimos com os donos dos cães que não permitem matar seus cães porque consideram às vezes até como membro da família e tal, etc. E então, feito isso mesmo assim, a leishmaniose continua ocorrendo. Então o ponto chave, ainda tá faltando alguma coisa a ser esclarecida, por que é que você trata os doentes, se aplica o inseticida, não aplicou, mas se trata os reservatórios que são os cães e continua havendo leishmaniose? Então tem a ver que outro animal também é reservatório. Então essa é a minha pergunta, então nós nos comprometemos a olhar. Existe outro animal reservatório? Então nós estamos procurando. Primeiro nos domésticos, segundo nos silvestres, não é? Então nós já examinamos porcos que são mais frequentes nas áreas endêmicas. Examinamos, ficamos examinando cabras, que... examinando cavalos. Cavalos são os animais... Hem?

WH- Aves não?

IS- Hem?

WH- Aves.

IS- Aves elas não se infectam. Elas não se infectam com *trypanosoma* ativo, nem com *Trypanosoma cruzi* nem com leishmania. Então resultado: já o primeiro já vai ser assunto de

tese de mestrado de um desses nossos alunos. Eh... nós encontramos 40% de cães com ELISA positivo. Quer dizer, ELISA é um teste sorológico para...

SK- De cães?

IS- De porcos.

SK- Ah, tá! De porcos.

IS- Porque o cão continuou...

SK- É, o cão já era, não é?

IS- ...como um clássico, não é? Tudo bem. Mas mesmo assim, nós estamos, vamos fazer... começar em breve, um programa de manutenção do clássico no cão. É usando uma coleira, que nós conseguimos duas mil coleiras com um laboratório americano que financiou para a gente. Bem, então tem essa primeira: “Ih, diabo! O porco está por cima! Qual é o papel realmente?” Então a gente tem que chegar até lá. Segundo: na área endêmica os flebótomos adoram sugar os cavalos, os burros... E esses cavalos nunca ninguém examinou! Então a gente sabe que no caso da leishmaniose cutânea - porque eu estou falando da visceral que eu estou estudando - e o cavalo pega também lesão cutânea. Será que ele também não pegava uma visceral e nunca ninguém procurou ver?! Será que os flebótomos não estão se infectando neles e transmitindo para o homem a leishmania?! Então é a tese de doutorado de outro aluno meu aqui.

WH- O sr. perdeu funcionários, mas está com alunos, residentes...

IS- Estou. É porque eles estudam...

SK- Mas quantas pessoas compõem atualmente o seu laboratório?

IS- Dez.

SK- Quer dizer, não necessariamente funcionários...

IS- Dez contando comigo. Dez todo mundo.

SK- ...mas trabalhando com o sr.

SK- Só tem dois funcionários. Oito são estudantes de doutorado e mestrado.

SK- Estudantes de mestrado e doutorado.

IS- É.

SK- Daqui ou da faculdade? Da onde são essas pessoas?

IS- Da... são da... Um é professor de parasitologia da Faculdade de Farmácia. O outro é veterinário e é mestrando da Fiocruz aqui no Centro de Pesquisa.

SK- Do próprio Centro, não é?

IS- É. O que mais?! Eu tenho um outro que é do Instituto de Pesquisa da Amazônia, do INPA. E tenho outros que são meus auxiliares do projeto, são bolsistas que eu que pago, do CNPq e... dois de iniciação científica do CNPq e dois estagiários. Tem ainda um outro, dois do Venâncio... Mas então, nós estamos vivendo desse projetão. Eu tenho agora da OMS, tenho um rapaz, o Dr. François Nuarraux, que é da ORSTOM lá da França, ele veio aqui para a gente fazer um projeto sobre 'Invasão de Triatomíneos Silvestres nos Domicílios Humanos', que provavelmente vai ser assunto de tese de um desses doutorandos, desses mestrandos... Aliás é doutorando, que vai fazer para o Rio de Janeiro...

SK- É isso que eu ia lhe perguntar: o sr. está trabalhando também em Chagas?

IS- Também.

SK- ...em leishmaniose e Chagas?

IS- Para Chagas também. Leishmaniose e Chagas. Que é meu ramo, não é?

SK- É. O seu ramo.

IS- Pois é, a nossa parte de leishmaniose então foi um projeto que (*ri*) o CNPq aprovou, eu quase caio para trás! Mas tá muito bem feito o projeto! Tá uma beleza!

SK- Desde quando ele, ele começou quando?

IS- Começou no ano passado agora.

SK- No ano passado.

IS- No fim do ano... agora no começo desse ano aliás! Janeiro, viu?

SK- Tá. Então tá... começando a todo vapor agora.

IS- Está. Nós estamos viajando, meu pessoal viaja, a gente vai, inspeciona o terreno... tudo trabalho no campo. Aqui na parte é... pouca coisa. Então nós conseguimos pela primeira vez infectar um cavalo com leishmania... (*ri*) experimentalmente, viu? A gente vai ver com um jumento, viu? Nós já estamos vendo isso e vamos ver se ele... estamos botando os flebótomos para sugar... Vocês já viram que nós temos uma criação, umas colônias aí? Nós mantemos aqui uma colônia muito interessante que o povo fica louco, não é? Há 17, 18 anos agora, neste ano, que ela é mantida aqui em laboratório, sem trazer material do campo...

SK- Colônia de quê?

IS- De flebotomos. Viu? Vocês já viram o que é flebotomo?

SK- Não. Nunca vi.

IS- Depois eu mostro, isso é uma raridade, quase não existe! Tem uma lista no mundo de quem faz isso, viu?! Eu vou ser o presidente no ano de 2002, do Simpósio Internacional sobre esses vetores, flebotomos. Vai ser realizado aqui em Salvador e eu vou ser o presidente. É um congresso internacional, no último foram 48 países representados.

SK- Pois é, eu ia lhe perguntar até uma coisa nessa direção. Como é que o sr. avalia, dr. Sherlock, atualmente, essa área na qual o sr. trabalha? Quer dizer, tanto na Fiocruz como um panorama geral do Brasil, essa área que trabalha com vetores... Como é que o sr. ...?

WH- Fizesse uma avaliação científica.

IS- Eu vou fazer uma avaliação. Olha...

WH- O grau de inovação nesses últimos 20 anos nessa área.

IS- Pois não. É claro que tem hoje em dia o modismo, sempre teve, sempre existiu na medicina. O dr. Deane já me falava nisso. Então existe época em que o pessoal gosta de estudar tal assunto. Tem um ano que é doença de Chagas, tem outro que é leishmaniose, tem outro que é não sei quê! Viu? AIDS! Já tá caindo AIDS. Tudo bem. A leishmaniose por exemplo... Bem, eu vou fazer uma avaliação geral para... A leishmaniose está se tornando uma doença importantíssima no mundo todo, não é só aqui no Continente Americano não! Porque ela tá com o aparecimento da AIDS, eh... tá um caso de leishmaniose, no Rio de Janeiro mesmo, ali na Baixada... Não, Baixada Fluminense não. Em Jacarepaguá, por ali. Vários casos de AIDS, de leishmaniose apareceram em pessoas que têm AIDS, que senão tivessem e tal... Então a leishmaniose apareceu na Espanha, num lugar em que, em Barcelona, nunca houve leishmaniose, apareceu lá. A leishmaniose apareceu no Mediterrâneo, na Itália, na França, no... em tudo quanto é país do mundo, a leishmaniose apareceu. Tem até a América Central, viu? Tem Costa Rica e tal, etc. Apareceu no norte da... no sul da América do Norte. Em Oklahoma no Texas e tudo e tal. Então é uma doença importantíssima, então ela tem que ser estudada. Mas tem o seguinte: como estudar leishmaniose? Tem um modismo então que vem. Ela tá na moda? Tá. Então, mas não é só isso o aspecto, como estudar? Você vai ter... Ah, foi tão engraçado agora essa história, espionando os vetores do céu através de satélite, eu recebi um negócio desse tipo assim que achei até muito engraçado, não é?

SK- Interessante.

IS- Pois é. Então é feito com imagens de satélite, fotografando o solo brasileiro, para você ver aonde é que vai ter leishmaniose, aonde vai se dispersar.

SK- Mas como é que é isso? Como eles conseguem ver...?

IS- (ri) Eles não conseguem ver! Eles só...

SK- Não, é claro, claro! Mas como é que eles identificam...

IS- ...conseguem ver as modificações biológicas, florestal...

SK- Associam a presença do vetor às modificações...

IS- É, pois não. Aqueles tipos que tem. É muito engraçado isso aí.

SK- ... da camada geológica e tal.

IS- Pois é. Então, mas existe a tecnologia também que é, vai ser adotada. Os estudantes aí novos, gente nova, ficam encantados com biologia molecular...

SK- Sim, porque é o que atrai, não é, dr. Sherlock.

IS- Pronto! Exato! Varia, tudo bem. É a mesma coisa que o computador...

SK- São as modas e tal...

IS- Modas e coisa e tal. Mas é claro que é tudo, é importantíssimo para nós ele é, vamos dizer, uma medida, é um meio que a gente usa para chegar a um objetivo. Nós não vamos estudar biologia molecular para saber fazer uma molécula, nada disso! Não interessa a gente. A gente quer utilizar a biologia molecular como um meio para nos ajudar a chegar ao resto.

SK- Vocês utilizam aqui técnicas de biologia molecular, aqui no laboratório?

IS- Aqui. Aqui no meu laboratório não. A gente faz em colaboração com o laboratório do Dr. Mitermayer. Eu então eh...

SK- Qual é o laboratório dele?

IS- Mitermayer.

SK- Mas qual é...?

IS- É biologia... Laboratório de Biologia e Patologia Molecular, viu? É isso aí que a gente hoje faz. Então a gente usa em colaboração com ele. Como, da mesma forma que eu não faço patologia por aqui. A gente faz em colaboração com o laboratório de Patologia, o Dr. Arion faz o nosso trabalho de patologia ambiental. E... agora, nós fazemos nossas técnicas entomológicas, parasitológicas, por exemplo, manutenção de leishmania nós vamos fazer... nós estamos fazendo a classificação de leishmanias através das isoenzimas e tal, anticorpos para imunofluorescência, tudo isso a gente vai utilizar aqui no laboratório. Não no presente momento, certo? Porque não temos espaço para de... fazer, botar as baterias, as coisas...

SK- Quer dizer, do ponto de vista do que o sr. estava falando, a leishmaniose, do ponto de vista do interesse, até como problema quer dizer, de Saúde Pública, não é? Existe uma tendência de se conceder mais atenção a isso.

IS- É. E é uma... uma, a teoria que eu lancei, ela mostra que uma... curva polimodal crescente. Você vai ter cada ano subindo mais o número de casos, da incidência, é muito maior. Então isso tá acontecendo. E no mundo inteiro. E há dispersão muito grande. Há um fato interessante que eu te conto aqui, que nós começamos a trabalhar aqui na Bahia com o Mangabeira e a leishmaniose é localizada somente na Chapada Diamantina. Hoje em dia ela se espalhou, se dispersou para tudo quanto é lugar da Bahia, fora... Não estou falando o Brasil, estou falando Bahia! Porque no Brasil também tá a mesma coisa! Chegando ao litoral, chegando junto à cidade de Salvador... Em Minas gerais ela chegou à cidade de Belo Horizonte, aonde tá tendo surtos e tal. Então ela está se urbanizando, o que é um problema sério. Viu? Então nós aqui não temos, na cidade de Salvador vírgula, nós já temos cães, que não tinha, com leishmaniose aqui em Salvador. Eles estão vindo provavelmente de fora, a gente ainda não sabe. É o vetor ainda não está aqui. Mas tá a 30, 40 quilômetros aqui de Salvador.

SK- É um perigo, não é?

IS- Perigo! Porque já pensou atacar a leishmaniose? Vai acabar com as crianças aqui! Eh... e a pobreza que tem na periferia, não é?

SK- Claro.

IS- ...ela se instala nos bairros periféricos.

SK- É. E Chagas? Chagas em compensação teve uma diminuição, quer dizer, você falou...

IS- Muito.

SK- Como é que está a situação do controle da doença de Chagas no estado da Bahia atualmente...?

IS- Está tendo algumas falhas, viu? Tem áreas que não estão controladas, viu? E tem alguns lugares que você ainda tem triatomíneos infectados, então se tem triatomíneos infectados representa que tem doentes também. Entendeu? Então não tá controlado. Agora, tá muito menos do que antes. Aqui na cidade de Salvador, nós temos um projeto para um estudante fazer a... porque o pessoal foi invadindo a área natural, florestada, com prédios, edifícios, casinhas e tal, etc, até mansões, e pessoas para... trazendo constantemente, frequentemente, trazendo para o nosso laboratório para saber que bichinho, que besourinho era aquele que eles pegavam. Então muitos são triatomíneos e teve por exemplo, um há pouco, viu, que foi pego dentro do berço de uma criança, no rosto dela e estava infectado com *Trypanosoma cruzi*. Então a possibilidade de haver casos aqui ainda existe muito, viu? Apesar da cidade ter sido

controlada justamente pela penetração do homem no ecossistema natural, primitivo e tal. No Amazonas isso tá sendo um problema, viu?

SK- É. O dr. Coura tá estudando.

IS- Tá, estudando esse aspecto aí. Então nós temos aí. A Leishmaniose vai ser um problema para o ano 2002, 2003, você vai ter um grande surto no Brasil e no mundo todo.

WH- É. O 10º ... dos 10 anos, não é isso?

IS- 10 anos.

WH- É 2002 e...

IS- O algarismo 3 é aquele que no nosso, na nossa... - deixa eu ver, tem um graficozinho aqui, que vocês entendem melhor... *Não tem não?! Ah, ali? Tá bom. (ri) Pensei que estava.* (pausa na gravação) Eu... eu fiz isso aí, era lá de Jacobina.

WH- “Gráfico de Pacientes com Leishmaniose Visceral em Jacobina 1954 a 1977”.

IS- Pois é. Mas partindo daí, depois ampliei para o Brasil, e somei os casos do Brasil.

WH- É. 62, 63, aumenta, aí depois tem um novo em 73...

IS- É, eu comecei daí. Então a gente, eu fiz quatro décadas... aqui são duas décadas...

WH- E agora é 80... O sr. acompanhou, 83 e 93?

IS- Aqui foi... É. Isso aqui é um gráfico da tela. Acompanhei...

WH- Até 2002, 2003, não é?

IS- 2002, 2003. Está previsto um grande surto de leishmaniose visceral no Brasil.

WH- E o sr. vai ser o...

SK- E me diz uma coisa...

WH- ...coordenador desse simpósio que vai ter, o sr. falou, congresso de leishmaniose...

IS- Vou. Não, mas não. Não é leishmaniose, só de vetores.

WH- Ah, sim!

IS- (ri) É só vetores!

SK- Me diz uma coisa Dr. Sherlock: esse projeto que o sr. tá começando agora com o CNPq, o sr. colabora com grupos fora daqui, da Fiocruz? Quer dizer, outros grupos do Brasil ou do exterior?

IS- Colaboramos. Não, eu tenho... do exterior... - deixa eu ver - do exterior não, mas do Brasil sim. Eram de outros estados, inclusive nós temos ecologistas que são, de outros estados tem... Tem o pessoal de satélite que é de outro estado... Tem... algumas outras pessoas que...

SK- Mas quais são as instituições, são universidades com projetos específicos?

IS- Universidades... é. E também nós temos com a Fiocruz, o Instituto Oswaldo Cruz no Rio de Janeiro, o Gabriel Grimaldi que tá acordado com a gente para fazer a identificação específica das leishmanias, porque ele tem uma bateria melhor lá e nós não vamos replicar a bateria.

SK- É, ele é imunologista, não é? Ele é que é o cobra nesse negócio de identificação de leishmania, certo? Então ele já fez antes para a gente e nós pedimos para ele continuar fazendo.

SK- Mas o sr. falou das universidades de outros estados. Quais são? Só para gente registrar.

IS- Minas Gerais...

SK- Minas Gerais...

IS- É. Rio de Janeiro...

SK- É a UFMG.

IS- É. Eh... isso aí. Tá sendo isso. Tem... tem de...

SK- No Rio de Janeiro é o IOC?

IS- IOC. Tem uma moça lá da Universidade Federal do Rio de Janeiro, mas ela não se entrosou muito bem ainda não, certo? Mas tem. Tem de São Paulo, é a Dra. Eunice Gallatt da Universidade de São Paulo, que ela é também, ela colabora com a gente no... na questão da identificação dos flebotomínios. Ela é especialista nisso. Tem Belo Horizonte, no Centro de Pesquisa Rene Rachou, a dona Alda Falcão que também colabora com a gente e tal. Tem em Pernambuco, no Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães, tem um rapaz lá, o Sinval Brandão, que ele colabora, em pouca coisa ele tá colaborando. *(interrupção da fita)*

WH- Pode continuar.

IS- Sim, então não foi vetado pela gente, mas a gente desenvolveu para a preservação da biodiversidade natural silvestre o exame dos animais sem matá-los. A gente captura os animais, anestesia, examina, depois marca e liberta, viu? E antes não faziam isso. Eu já apresentei a tese, trabalhei aí, a gente faz punção de fígado, de medula, de tudo, depois libera os animais e eles não sofrem, nós não estamos eh... acabando com a biodiversidade. Bem, e é isso aí. Isso aí são os nossos trabalhos, não é? *(ri)*

SK- Os trabalhos atualmente, não é?

IS- Pois não.

SK- E que vão se estender por um bom tempo...

IS- E agora nós estamos muito limitados aqui, contidos. Porque enquanto não mudar aqui, a gente não fica... vocês estão vendo, a gente não pode nem passar aqui, não é?

WH- Tá em obras, não é?

IS- Pois é.

WH- Provisoriamente parado.

IS- Em obras, eu não sei nem onde estão minhas coisas aqui, meu material. Outro dia a gente procurou uma câmara clara para desenho, eu não sei onde está! Tá por aqui por dentro. *(ri)* Eu nem sei nem onde jogar...

WH- Tá apertadinho aqui...

IS- Tem coisa por ali guardada e tal, etc...

WH- Dr. Italo, a gente tá chegando ao fim... Você tem mais alguma questão?

SK- Não. Acho que não tenho não.

WH- A gente tá chegando ao final da nossa entrevista, eu acho que a gente acompanhou a sua trajetória. E eu queria de lhe agradecer muito e...

SK- O sr. tem alguma...

WH- ...gostaria de saber se tem alguma coisa mais a acrescentar além do que a gente já falou, já... Tem algum assunto que tenhamos esquecido, que tenhamos deixado passar?...

IS- Não. É só que... eu só queria...

WH- Para gente fechar.

IS- ...desejar que o pessoal começasse a pensar diferente do que eu... não sou uma pessoa maligna, pelo menos eu acho, eles me tratam como se eu fosse assim algo de maligno (*ri*) que talvez quisesse destruir a humanidade. Pelo contrário, eu estou tentando construir. E que eles me quisessem mais bem aqui, porque na verdade eu pertencço aqui. Então eles que me ajudassem também. Eu, por exemplo, eu não... a minha aparelhagem está toda ultrapassada, obsoleta. Os computadores que tenho, não são... são arranjados por mim, eh... eu não... o material de microscopia eu que compro... Nosso material de centrífuga fica quebrado um ano! Eles não providenciam, a gente insiste e pede e não consertam. Então isso é um descaso muito grande para um pesquisador, sabe? Isso aí realmente é uma coisa que a gente sente muito. Pois é, claro. E tomara que dê um estalo na mente do novo diretor, porque admiro pelo dinamismo dele, apesar dele ter feito eh... ido inicialmente com a filosofia da escola do Dr. Zilton, achar que eu não devia ser apoiado, então por causa disso foi me... terminado de tirar o que eu tinha, ser usurpado nas minhas coisas e não foi restabelecido. Mas parece que ele tá começando a ver que não é isso, que eu sonhei. Por exemplo, o primeiro contato que ele teve comigo foi assim, numa reunião, numa assembleia aqui onde participava tudo quanto é gente inclusive do LACEN, da Fiocruz, cheio o auditório, ele diz assim: “Que esses velhos que trabalham aqui, esses pesquisadores velhos, improdutivos, que não servem mais de nada, deviam largar esse trabalho e dar o lugar para um mais novo. Como por exemplo: o Dr. Italo Sherlock.” Isso aí realmente, viu, foi muito...

SK- Agressivo.

IS- Mas é. Agressivo. Eu não sei se ele disse de coração isso aí, mas foi. Mas aí eu respondi que, me levantei e disse: “Desculpe, mas tire o cavalinho da chuva porque eu vou morrer trabalhando, vou morrer em pé trabalhando. E tem mais uma coisa, se prepare porque a minha família só morre muito velha, (*risos*) meus avós morreram com 96, 97 anos.” Eu disse isso aí porque realmente...

WH- Família longeva.

IS- É. Pois é, então realmente é isso aí.

SK- Então uma coisa que me ocorreu agora, Dr. Sherlock, então atualmente o sr. divide a sua atividade de pesquisa aqui e o sr. mantém o consultório ainda...

IS- Mantenho. Mas eu não posso lhe dizer que divido. Porque o consultório...

SK- Não, não divide assim no sentido de ser igual, quer dizer...

IS- Não. Eu dou, eu atendo três dias na semana no consultório, depois que termina o expediente aqui eu vou para lá.

SK- É, sim. Primeiro nesse sentido, o sr. também, além da pesquisa o senhor ainda tem uma atividade...

IS- É. Eu invés de descansar eu vou fazer uma rotina lá.

SK- Agora, o sr. já deu aula na faculdade de medicina?

IS- Já.

SK- ...na universidade? O sr. continua lecionando...?

IS- Não. Ah, sim! Eu dou aula... não! Eu dou, às vezes eles me pedem para cursos, eu participar, não é? E às vezes por exemplo, para mestrado, doutorado, fazer conferências, essas coisas todas eles...

SK- Sim, mas não dá mais aula...

IS- Não. Eu não dou, não gosto inclusive, viu? Eu não gosto sabe por quê? Eu acho que têm esse defeito, os alunos de curso regular de formação, eles não... eu só gosto de dar, de ensinar a quem tem interesse de aprender. Muitas vezes a gente vai dar aula para uma classe, eles não gostam, ficam desligados, dispersivos e tudo. Então é uma coisa que eu já resolvi não querer. Deixei...

SK- Mas o sr. já atuou como... já deu aula na faculdade de...

IS- Já. Deixei de ser assistente de otorrinolaringologia justamente por isso. Porque eu tinha que dar aula para alunos em geral que às vezes ninguém, só estava lá obrigado pela presença, a ter uma presença.

SK- Quer dizer, quando o sr. deu aula na universidade, o sr. deu aula na cadeira de otorrinolaringologia.

IS- Otorrinolaringologia. É, não, eu dei aula também no curso de medicina tropical, quando o Dr. Prata inclusive era o chefe do curso, tinha um curso de medicina tropical, uma área de pós-graduação, de especialização. E aula mesmo, comum, eu não dei.

SK- Da graduação foi para... foi para otorrino.

IS- É. Eu também estou, claro, a gente é gente, não é? Nasce, vive, depois tem que morrer. Então eu já estou também, acho que me desgastando muito nessa coisa, eu tenho problema de hipertensão maligna, então às vezes eu não consigo nem... ontem mesmo, eu estava me sentindo muito ruim, tanto que eu... mas eu tenho que tomar a minha medicação que eu não me sinto... me sinto bem, não é? (ri) Hoje mesmo eu estou me sentindo ótimo aqui, tá tudo bem. Mas ontem não estava me sentindo. Teve tantos problemas! Teve um problema do livro que eu fiquei chateado com a história...

SK- Ah, pensei que era porque a gente ia fazer a entrevista com o sr. ontem então.

IS- Pois não. Não! Mas não tem nada não! Porque tinha um tempo. Pois tinha um tempo. Também não deu nem tempo de eu ir buscar o meu remédio e tomar. *(ri)* Foi isso aí, não é?

SK- Ah, o sr. devia ter nos dito... a gente tinha desmarcado.

WH- Ter avisado...

IS- É, pois é. Não... mas foi isso. Mas aí foi tudo bem. E eu achei ótimo. E é claro, conforme vocês tinham me dito que todos os direitos, todos... aí como é que é? Eu assino e está...

WH- O sr. grava agora...

IS- Vamos gravar.

WH- Nosso procedimento é o seguinte, o sr. grava dizendo: “Eu, Italo Sherlock, cedo... - a ideia é - ...cedo os direitos de uso desse depoimento para fins culturais à Fundação Oswaldo Cruz.”

IS- Pronto.

WH- É isso.

IS- Quer que eu diga agora?

WH- Pode dizer.

IS- Pois é. Então eu, Italo Sherlock, que terminei de fazer essa entrevista, cedo para a Casa de Oswaldo Cruz...

WH- Fundação Oswaldo Cruz.

IS- ...à Fundação Oswaldo Cruz, todos os direitos para uso dessa entrevista para fins de divulgação científica...

WH- De pesquisa.

IS- ...e de pesquisa. Tá dito e eu assino também no papel.

WH- Nós só podemos lhe agradecer, Dr. Italo.

SK- A gente agradece muito...

WH- Muito bom.

IS- Tudo bem.

SK- ...realmente, essa atenção que o sr. nos deu e...

IS- Mas tudo bem, aí vocês... agora já terminou? (*interrupção da gravação*)